OUVIRAM DO
YPIRANGA
AS MARGENS
PLÁ...CIDAS

ACCUSAÇÃO DE SAMARITANA

SAMARITANA, que firma este admiravel conto á Maupassant, encobre o verdadeiro nome, já consagrado aliás, de uma legitima organização de escriptora, dotada de qualidades surprehendentes e com um brilhante talento marcando-lhe a personalidade. Samaritana não quiz apparecer, e ficou escondida atraz desse pseudonymo romantico, que não conseguiu, apesar de tudo, occultar os meritos pessoaes e o fulgor da intelligencia dessa joven e antiga collaboradora de F O N - F O N.

—

QUE silencio inquietante dentro daquelle quarto fechado! Na saleta, o homem andava de um para outro lado, com passos desiguaes. Suas mãos se retorciam no paroxysmo do desespero e seus olhos immensos, dilatados, fixavam-se com angústia na pequena porta cerrada. Dentro daquelle quarto desenrolava-se um pequeno drama. Sua esposa, que não gemia, talvez para não assustal-o, estava na hora grandiosa que todas as mulheres temem e ao mesmo tempo desejam: na hora sublime da maternidade.

Ia, finalmente, fructificar aquelle bello amôr de cinco annos. Quando já desanimava de ter um dia um herdeiro de seu nome, um garoto forte como elle, eis que a esposa lhe dá a nova deslumbrante. Em suas entranhas reclamava seu direito de vida um novo ser, bemdito do céo áquelle amôr tão grande que os unia. Quasi enlouqueceu de prazer quando o soube. Num transporte de carinho, beijou-a nas faces, nos labios, chamando-a pelos mais doces nomes que lhe suggeriam seu amôr e sua satisfeita ambição de ser pae. Com interesse misturado de receio seguia cada phase daquella gestação tão esperada. Si a esposa se sentia um pouco indisposta, logo, numa angustia, lhe trazia o medico, queria saber si de facto aquillo não teria maior importancia... E com que enternecido carinho passava suas mãos grossas e calosas sobre as delicadas toucas de renda, como si já sentisse alli uma cabecinha de boneca, de pennugem rala, alourada como daquelles bebés inglezes que elle admirava tanto... Queria o seu filho muito lindo. Numa ingenua superstição, vendo um dia numa revista illustrada a photographia de uma creança prodigiosamente bemformada, cortou-a com cuidado e botou-a numa moldura sobre a mesinha de cabeceira, para que a esposa olhasse muito para ella... Seu garoto havia de ser assim. Muito forte, muito lindo, uma nota harmoniosa dentro da harmonia daquelle grande amôr. Teria orgulho de seu filho. Aos domingos, quando elle crescesse, havia de leval-o a passear no jardim publico, todo bonito numa vestimenta á marinheira, e seria com alegria disfarçada que responderia, aos que perguntassem, de quem era aquella creança de tão notavel belleza: — "E' meu filho!"

Seu filho... Só esse nome o enchia de enternecida satisfação...

E, no emtanto, elle, o tão esperado, como demorava a chegar! Havia dois dias que sua esposa padecia horrores, sem uma queixa, para não assustal-o... E agora, que parecia ter chegado a hora suprema, ella o mandára para fóra, talvez porque receiasse não ser bastante forte para supportar, sem affligil-o, aquella grande dôr sagrada... Como a adorava, áquella santa que tanto soffria para lhe dar um filho!

Subito, um grito agudo, horroroso, atravessou o ar. Todos os seus nervos se retesaram, um suór de morte lhe aljofrou a fronte. Jesus! Que seria?

E, num arremesso, empurrou a porta do quarto. A primeira cara que viu, pallida, assustada, foi a da enfermeira, tão branca como a do seu avental. E o medico, inclinado sobre a mulher, pegando-lhe o pulso com inquietação... E o filho, o filho já tão querido, onde estaria? Um vagido suave sahiu de entre os lençóes. Precipitou-se. Mas, quasi no mesmo instante, recuou, horrorizado. Seria "aquillo" seu filho? Via jogado sobre a cama um pequeno ser disforme, de corpo minguado e enorme cabeça, orelhas pendentes, mãosinhas escuras e recurvas como garras... E "aquillo" gemia, estrebuchava como um peixe que tivessem tirado d'agua, com a grande bôcca aberta, como si já quizesse devorar... Cambaleando, sahiu do quarto. Cahiu sobre uma poltrona na sala e alli ficou chorando, chorando a tarde toda, a sua immensa vergonha e sua immensa desillusão...

* * *

Logo no dia seguinte, na repartição onde trabalhava, começou o seu calvario. Os collegas, maliciosos, o felicitavam. Depois de tanto tempo, era pae, emfim. Como seria o garoto? Loiro ou moreno, de olhos azues ou olhos escuros? E elle, humilhado, confuso, balbuciava vagas respostas...

Desde aquelle dia, começou a odiar seu filho. Que amargo logro o destino lhe pregára! Não achava justificativa para aquelle phenomeno. Elle era forte, bem feito, sua esposa uma linda creatura. Como poderia ter sahido de uma união tão perfeita semelhante monstro? Mysterio insondavel, que nem a sciencia saberia elucidar.

Com aquella creaturinha disfórme, entrou a desgraça em sua casa. Para esquecer sua dôr, ausentava-se sempre. E, nas raras vezes em que estava alli, evitava o mais que podia olhar "aquillo" que, no emtanto, era um pouco do seu sangue. Irritava-se só de ouvil-o engulir o leite, num som particular, como si fôsse um pequeno animal vorás.

Pedia a Deus que o levasse. Que faria no mundo aquelle menino enfezado, de pernas tropegas, retorcidas, como as de um macaco, de mãos que semelham garras, pelle tão encardida, que parecia não ter tomado ainda um unico banho? Que seria mais tarde daquelle monstrozinho de enorme cabeça, a quem, um dia, teria que apresentar á sociedade como seu filho?

Essa idéa horrorizava-o. Não, nunca veriam semelhante monstro! E, no seu cerebro enfraque-

(*Continúa na pagina seguinte*)

cido, começou a gerar uma idéa horrorosa, abominavel, mas á qual se foi aos poucos acostumando: exterminál-o!

Si ele trouxera a desventura onde até então só imperava a felicidade, si elle desmanchara toda uma teia de ternura, não seria licito fazêl-o?

Um accidente, um opportuno accidente poderia acabar com aquella vida inutil e dar-lhe ao mesmo tempo a felicidade que lhe tinha fugido.

E um dia...

* * *

Fazia quatro annos o menino: Mas, quem o visse, diria que elle tinha apenas um, tão minguado, tão debil, tão falho de comprehensão era.

O pae imaginou um plano diabolico. O monstrozinho tinha um quarto, no segundo andar, onde brincava. Brincar não é o termo. Onde ficava encolhido pelos cantos, procurando, entre os buracos do carcomido assoalho, algum bichinho para matar, satisfazendo á sua natural crueldade. Porque elle nascêra ruim. Era um dos motivos porque o pae o odiava mais. Si fôsse bom, meigo, talvez elle lhe tivesse inspirado piedade. Mas

ACCUSAÇÃO

elle tanto tinha de horroroso como de máu. Seu maior prazer era ver a agonia dos pequenos bichos que suas mãosinhas perversas esmigalhavam, com a lentidão requintada de uma machina de tortura. Pensou deixar aberta a janella. Inconsciente como era, o monstrozinho se precipitaria por ella nas pedras do jardim. E morreria com certeza. Estaria terminado o seu grande supplicio.

Vendo-o um dia só, poz em execução o seu plano. Abriu a janella de par em par. A mão

O RETRATO

MADAME Bournéte é uma senhora de sessenta annos. As longas existencias terminam muita vez na solidão. Aquelles que morrem moços — diziam os antigos — são amados dos deuses. Ignoram as sombrias tristezas dos crepusculos; não visam partir antes delles os sêres queridos que, num destino menos

absurdamente cruel, deveriam seguil-os: seus olhos foram fechados por mãos que tremiam.

Mme. Bournéte perdêra o marido e os filhos; perdêra as suas tres melhores amigas. E caminhava agora, a passos medrosos, pela sua pobre estrada deserta. Vivia de algumas economias, acrescidas, agora cada vez menos, por algumas encommendas de retratos, porque ella fôra outr'ora uma excellente pintora de retratos e era ainda algumas vezes procurada. No emtanto, os amadores tornavam-se raros e Mme. Bournét ia ficando esquecida por outras artistas mais jovens.

No ultimo verão, não querendo fazer grandes gastos, mme. Bournéte fôra passar algum tempo em Angers, numa communidade de benedictinas. Casa acolhedora, cercada de um immenso parque. Mme. Bournête era piedosa: assistia diariamente á missa e era estimada pelas freiras. A ordem benedictina é contemplativa. As monjas têm de assistir, de duas em duas horas, aos officios, e verão como inverno, levantam-se á meia noite para orar numa capella glacial. O resto do tempo é empregado em bordados para ornamento do culto ou em fazer musica e illuminar missaes. Muitas das freiras são jovens: todas possuem essa alacridade que ha naquellas que resolveram uma vez por todas os atormentadores problemas do futuro.

O edificio da communidade é dividido em duas partes: a do convento, que é vedada aos profanos, e a outra, das pensionistas, que é servida pelas irmãs conversas. Mas, entre as duas partes, ha uma grande sala mobiliada de bancos, cadeiras e missaes, onde as monjas têm o direito de entrar para receber a visita de algumas senhoras.

(Conclusão)

em baixo, estava occupada em outras coisas. Sahiu apressadamente, desceu a escada e foi sentar-se tranquillamente na saleta do andar terreo, sem nada em sua apparencia a denunciar-lhe o gesto criminoso.

Passou-se uma hora, duas...

E, de repente, ecoou um grito de animal ferido. Mão grado a calma interior, o sangue lhe subiu ás faces; afinal de contas, "aquillo" era seu filho.

Correu ao jardim. Um espectaculo horroroso se lhe deparou.

O menino estava cheio de sangue, o misero craneo aberto por uma martellada violenta. A mãe, angustiada, o chamava. Essa, sim, o queria! Podia ser feio, disforme, mas era seu filho. Aquelle pobre ser só para ella olhava com ternura, só a ella recorria quando o pae o escorraçava sem piedade... Quando o marido chegou perto, ergueu os olhos do cadaver do filho para o rosto delle. E aquelles olhos mostraram ao homem, horrorizado, uma accusação tão grande, um tão grande odio, que elle fugiu, apavorado.

Sim, ella sabia! Sabia que era elle o assassino de seu filho! Adivinhara-lhe o immenso rancor contra o pobre menino, que não nascêra bonito, nem bom, como o seu orgulho desejára... Sabia que elle um dia haveria de supprimir aquelle ser odiado... De nada lhe valêra a inútil crueldade. Sobre aquella ventura que elle pensára poder adquirir com o seu crime erguiam-se para elle, mudos, ameaçadores, como si accusassem por mil bôccas, uns olhos de leôa ferida: uns olhos de mãe a quem roubaram seu filho, olhos que não perdoariam jamais, que não esqueceriam nunca...

Para elle a condemnação estava lavrada, absoluta, irrevogavel...

De Pierre Valdagne

Foi ali que mme. Bournete conheceu a irmã Angelica, uma religiosa de vinte e cinco annos apenas, de olhos claros e candido sorriso. Pintava, desenhava e gostava de fallar a mme. Bournéte sobre a sua arte.

— Gostaria tanto de aprender miniatura — dizia ella. — Quereria ensinar-me?

— De certo, se a sua Ordem o permitte.

— A superiora dará licença, por certo.

As aulas começaram.

Mas o verão acabou e a professora regressou para Paris, promettendo á alumna voltar na proxima estação.

Mme. Bournéte gostava immenso da communidade benedictina. Vivia ali num ambiente de sincera sympathia e um profundo affecto nascêra entre a velha dama e a madre S. João, priora do convento e que era adorada por todas as freiras. Possuia um espirito largo e algum humor. Assistia algumas vezes ás aulas de miniatura.

De seus trabalhos de antanho, mme. Bournéte conservava algumas amostras de seu talento e entre essas miniaturas havia a de uma mulher muito joven. Quando a irmã Angelica viu o pequeno quadro, ficou encantada. Era um rosto de uma immensa pureza, que tinha não sei que expressão de extase e de doçura, algo de sobrehumano. Adivinhava-se um drama de piedade intercedendo por desconhecidas miserias.

— E' a imagem da Virgem — exclamou a monja.

E, com effeito, era a imagem da Virgem tal como a imaginamos.

Mas, alguns detalhes da miniatura concordavam mal com o ar de santidade do rosto: um vestido muito decotado...

— Oh! — protestou mme. Bournéte — A imagem da Virgem, não!

Recordava-se quando, vinte annos passados, fizera aquelle retrato.

(Continúa na pagina 10)

A ESPOSA DO PSYCHIATR

QUANDO o ultimo cliente daquella tarde já examinado, perguntou ao medico quanto devia da consulta.

— São trinta mil reis, respondeu o dr. Villar.

Pagou, e depois pensou no consideravel numero de pessôas que se tinham consultado antes delle, calculou tudo a trinta mil reis, e tomou uma seria deliberação. Embora já tivesse passado muito da idade de estudos, iria ser medico. Custasse o que custasse. Teria tambem o seu consultorio cheio de clientes.

Essa deliberação confirmava o diagnostico que o psychiatra acabava de fazer: o pobre homem não regulava mesmo.

Nessa tarde o dr. Villar deixou o consultorio com certa alegria. Desobrigara-se de passar pelo hospicio onde era director.

Voltaria umas horas antes da habitual para o lar, onde o esperava sempre a esposa com a doçura de seu olhar e com o conforto de seu sorriso e carinhos.

E era sempre um momento de felicidade o de encontrar a esposa todas as tardes á sua espera nas immediações do portão, e seguirem depois, de braços entrelaçados, pela alameda florida que acabava no alpendre da casa.

Nesse dia iria surprehender a esposa na dôce quietude do lar. E isso lhe dava prazer.

Faria como fazem as creanças. Entraria em casa sorrateiramente, vendar-lhe-ia os olhos com as palmas das mãos, e perguntaria: "Quem é?"

Ao chegar em casa, o dr. Villar subiu cautelosamente para o segundo pavimento. Evitando qualquer rumor, dirigiu-se para o quarto. Depois, para outras dependencias. Estava tudo deserto e silencioso.

"Carmen deve estar no pavimento terreo", pensou o medico.

Desceu e parou em frente á porta do escriptorio. Torceu vagarosamente o trinco e empurrou a porta.

Com surpreza notou que estava fechada a cha-

Chamou por Carmen.

Do interior do escriptorio partiu um sussurro vozes nervosas. E poude perceber que havia um mem lá dentro.

O dr. Villar fechou por um momento os olhos, pr curando chamar a si a razão que fugia, dando lo um entorpecimento no cerebro, nos olhos. Depois tirou do bolso trazeiro uma pistola automatica, pe durante alguns segundos, e, com um violento mu fez saltar a porta.

Conseguiu ainda ver um vulto que acabava transpor a janella. Com um supremo esforço, d nou-se. Não atirou.

O dr. Villar, que analysava constantemente o ca cter dos individuos para depois classificál-os, ol para o agasalho de renda da esposa, que estava rado ao chão, e deixou pender o braço que empunh a pistola. Afastou com a ponta do pé aquella pr que estava atirada no assoalho, e dirigiu-se des teado pelas ruas a fóra.

Tudo elle julgava possivel. Tudo o que os cére doentios do hospicio lhe ensinaram. Menos que Ca men fosse capaz de trahil-o. Ella não se mostr sempre meiga? Não dizia amál-o tanto? E não sempre provas disso?

Ademais, não era elle moço? E lembrou-se das ses apaixonadas que sempre ouvira nos recantos curos dos salões... Dos bellos sonhos, que, desde tempo de academico, fluirá nas sombras esquivas caramanchões, nos portões... E agora estava zido aquillo!

E parecia mentira. Villar custava acreditar no se déra. Parecia-lhe impossivel que Carmen fosse paz de tanto. Ella, que naquella mesma manhã mostrára desvelada como nos primeiros dias que seguiram ao casamento.

E que faria agora?

Mil soluções se apresentavam, embaralhadas, cas. Procurava, no emtanto, uma fórma que não percutisse o escandalo pela cidade.

E quando a encontrou dirigiu-se para casa, cha pela esposa, que estava no quarto, e ordenou br mente que se preparasse para sahir.

Não obteve resposta. Mas dahi ha pouco ell apresentou; tomaram o carro e seguiram silenc mente por ruas que Carmen não conhecia.

LOGICA INFANTIL

A filha. — Mamãe, o sol é a mamãe das estrel

A mãe. — Não, filhinha; é o papae.

A filha. — O papae deve ser a lua.

A mãe. — Por que dizes isso?

A filha. — Porque é elle que sae de noite.

Conto de ABEL MOSCHEN

Durante esse trajecto, Carmen pediu: "Deixa-me dar uma explicação?"

— Não! — trovejou o dr. Villar. — Não quero explicações!

Quasi nesse momento, o carro parava no patamar de um grande edificio.

Carmen seguiu o esposo por um longo corredor. Depois, esperou-o num salão. Após meia hora, veiu encontral-a ahi um senhor extremamente amavel, e convidou-a a seguil-o.

Carmen acompanhou-o.

Em frente a uma porta numerada, o cavalheiro amavel explicou:

— E' aqui que a senhora vae ficar.

— Mas ha engano nisso, — disse Carmen. — Eu sou a esposa do dr. Villar, e estou esperando-o para regressarmos.

— Elle nos disse que a senhora se diz esposa delle. Mas cada um tem a sua mania.

Sómente ahi Carmen percebeu que estava internada no hospicio.

Tentou chamar pelo esposo com toda a força dos pulmões.

Dois enfermeiros fizeram-na calar.

A esse tempo, Villar enxugava duas lagrimas, e punha o carro em movimento em direcção a um hotel qualquer.

* * *

A noite que Villar passou no hotel foi um tormento. Si se deitava, tornava-se tudo vivo, tudo tetrico. Sómente recostado a um angulo da janella podia raciocinar mais livremente.

As conclusões eram sempre as mesmas: Os carinhos de Carmen eram fingidos e serviam para encobrir suspeitas. Deixal-a internada no hospicio não havia inconveniente, porque elle mesmo avisara que a nova hospede tinha a mania de se dizer esposa de todos. E isso era natural numa pessôa desequilibrada.

Amanhecia já, quando Villar, exhausto, tomou uma nova deliberação: não seria melhor que se désse o escandalo? Que importava que a cidade toda soubesse do occorrido? Já que não ha divorcio, trataria do desquite. E dirigiu-se para o hospicio. Como fosse muito cêdo, ainda atravessou o corredor sem ser percebido. Retirou do escriptorio uma chave, e foi para o compartimento occupado por Carmen.

— Que aconteceu, querida? Por que partes tão depressa?

— Não pensava fazel-o tão cêdo, mas, como meu marido me enviou, sem protestar, o dinheiro "extra" que lhe mandei pedir, vou vêr o que anda elle fazendo...

Encontrou-a recostada no leito, talvez na mesma posição que tomára na vespera ao entrar ahi.

— Que pretendes fazer? — perguntou Carmen.

— Siga-me!

E foram para casa.

O dr. Villar dispunha-se a falar sobre o desquite, quando Carmen fixou o olhar no agazalho de rendas que estava atirado ao chão. Depois, fixando colericamente o esposo, perguntou:

— Quem esteve aqui a noite passada? Quem trouxe esse agazalho para aqui? Vingas-te assim, só porque não me encontraste em casa hontem, quando regressaste?

Villar perguntou á esposa qual a explicação que quizera dar na vespera, durante o trajecto para o hospicio.

Carmen foi ao quarto, e voltou trazendo um estojo.

— Sei, disse ella, que não queres que saia na tua ausencia. Sei que julgas que todas as mulheres são doidas. Mas hontem sahi assim mesmo para comprar um presente para ti. Hoje é o primeiro anniversario do nosso casamento. E julgo que não agiste bem internando-me no hospicio só porque sahi na tua ausencia.

Só então Villar viu sobre a mesa uma carta da empregada que communicava retirar-se, e pedia desculpas por ter usado o agazalho mais bonito da patrôa.

Fizéra isso porque viéra visital-a o noivo, que havia muito não via.

Villar deixou-se cahir novamente feliz nos braços da esposa.

E quando explicou aquelle desastrado equivoco, que o fizéra tomar a empregada pela esposa, Carmen, meiga como sempre, disse...

— Si fosse verdade o que pensaste, o meu logar seria mesmo no hospicio. Eu julguei que estivesse internada por estar atrapalhada da cabeça. Não fosse o meu marido o maior psychiatra da cidade...

A COMPANHEIRA DE VIAGEM

No compartimento para senhoras sós, as duas mulheres viajavam havia mais de uma hora sem dirigir a palavra uma á outra, quasi tambem sem se olhar, mergulhada cada qual em seus proprios e sombrios pensamentos. Não se conheciam. Os olhos, a alma e a vida de uma eram completamente desconhecidos dos olhos, da alma e da vida da outra. No entanto, uma intima e secreta preoccupação, quasi um indefinivel mal estar, não as deixava completamente indifferentes e estranhas como duas viajantes a quem a indicação de um horario ferroviario approxima por algumas horas e depois separa para sempre.

Cada uma das viajantes teria desejado que a outra não estivesse sentada em frente com a sombra de uma occulta dor reflectida no rosto cruzado por sulcos de pranto recente nas faces com o rictus da amargura nos pállidos labios.

Em ambas se reflectia a applicação de um pesar intimo, que ellas procuravam occultar entre si, com manifesta hostilidade.

Uma dellas era joven e loira, um pouco baixa e gorda, vestida com singela elegancia provinciana. Seu rosto pállido como flor que vae murchar, começava a mostrar leves rugas junto aos labios.

Escondia o rosto entre as mãos e sob as abas do chapéo, e de vez em quando levava aos olhos o lenço, que a ajudava a enfrentar a angústia que se lhe escapava em um ou outro soluço prolongado.

A outra viajante devia andar mais ou menos pelos cincoenta e cinco annos. Era delgada e estava vestida com severa elegancia. Toda de preto, mas sem crepões de luto, permanecia immovel, com os olhos fechados, pállido o rosto de nobres feições, e como que afundada num meditativismo de resignada tristeza.

Suas mãos, envolvidas em finissimas luvas tambem negras, se agitavam nervosamente, emquanto uma ruga franzia sua fronte pensativa.

O trem, quasi deserto, corria pela campina solitaria, parando breves instantes nas pequenas estações de transito, enquanto o crepusculo espalhava pela paizagem a melancolia de seus tons. Ao chegar ás estações, cada uma das viajantes, encerrada no mutismo de sua dor, volvia disfarçadamente os olhos para sua vizinha, e murmurava para si:

"Talvez agora ella desça e me deixe só com minha dor. Assim eu ficarei em liberdade para chorar livremente e sem testemunhas."

Entretanto, o trem, depois de uma breve parada proseguia sua marcha atravessando planaltos e serpeando montanhas, chegava a novas estações e deixava e recebia novos passageiros sem que nenhuma das duas melancolicas damas abandonasse o compartimento.

Cahiu a noite. Os campos, envolvidos em sombras, perderam suas côres. Fulguraram no alto as estrellas, e o compartimento em que viajavam as duas senhoras foi illuminado por uma luz pouco intensa.

As duas viajantes, sentadas uma em frente da outra, silenciosas, continuavam olhando-se hostilmente, supportando cada uma, no intimo de seu espirito, o amargo segredo que as torturava.

A mais joven tirou o chapéo demasiado grande e incommodo. A esplendida cabelleira, trançada com simplicidade, cahiu-lhe sobre os hombros e o pescoço, emmoldurando um rosto que pareceu assim mais juvenil e mais bello.

Menos dona de si mesma que sua companheira de viajem, acabou por se entregar a sua desesperação, e, refugiando-se apenas nas sombras do seu assento, prorompeu em um pranto desconsolado.

A senhora de mais idade, no primeiro instante, permaneceu como que insensivel deante daquellas lagrimas. Mas, afinal, comprehendendo seu dever de humanidade, dirigiu a palavra a sua companheira, e procurou consolal-a:

— Senhora, não se desespere desse modo — disse-lhe suavemente, com o interesse affectuoso de uma dama bem educada. — O pranto augmentar-lhe-á a angústia...

— Impossivel! — gemeu a joven, sem levantar seu rosto occulto entre as mãos — E' horrivel, senhora, o que eu soffro! tenho a impressão de que vou morrer aqui mesmo... morrer como elle! Não. Não posso desejar outra coisa sinão a morte!

— Si a dor de outra mulher póde consolal-a, pense, senhora, que eu padeço uma pena muito maior que a sua, embora, de certo, bem diversa — disse a velha, com voz descansada, fechando os olhos e suspirando profundamente.

Sua companheira, porém se dobrou sobre o assento e moveu a cabeça com um gesto de negação desesperada.

Calaram-se as duas, e a senhora de mais idade olhou por longo tempo a joven e não disse mais nada. Pensava, porém, com amarga resignação: "Sem duvida, ella vae, como eu, ao encontro de algum ser querido que morre e a quem adora. Quem será esse agonizante. Irmão, noivo, marido? Quem sabe! São tantos os que agora devem estar morrendo no mundo!

E não mais dirigiu a palavra a sua companheira. Mas, sob a sombra da luz velada do compartimento, gemeu tambem e se entregou, como a joven, ao pranto, contendo os soluços e derramando suas lagrimas em silencio.

Porque a senhora quasi velha viajava naquelle trem para junto do leito de seu filho moribundo. De seu filho, que partira quatro mezes antes para uma cidade levantina, guiando um rapido automovel, alegre, enthusiasmado tanto como nunca o vira sua mãe.

E ella havia recebido delle cartas cheias de alegria, de esperanças, de risonhos projectos, de douradas illusões.

Depois, inesperadamente, um dia, chegava um telegramma com poucas e horriveis palavras: "Seu filho gravemente ferido. Desastre automobilistico". E quasi simultaneamente outro: "Venha urgente".

Louca de dor, havia tomado o primeiro trem e durante a longa viagem a invadira uma especie de torpor physico e moral, que a tornava quasi insensivel. Sem impaciencia com uma resignação incrivel, continuava naquelle trem que a levava para o lado do filho moribundo, talvez do filho morto.

Não obstante, a presença daquella outra mulher, que tinha subido ao comboio pouco depois della, a desagradou profundamente, porque a obrigava a se concentrar e a não exteriorizar sua lancinante dor, por um pudor instinctivo, mixto de sensibilidade e de orgulho, que presidira a toda a sua vida de senhora nobre e rica.

Sua companheira continuava chorando e gemendo em um recanto, quando o trem parou em uma modesta estação de termo. Desceram todos os passageiros. As duas senhoras sahiram da estação por portas differentes, á procura de um carro que as conduzisse a seus respectivos destinos.

Chegou a mãe junto ao leito do filho moribundo que, apesar da febre, estava em plena consciencia de seu estado, e reconheceu sua mãe, a quem esperava com a alma nos olhos luminosos. Sorriu á velha e a beijou, acariciando-lhe, commovidamente, tremulamente, os cabellos grisalhos.

— Beija-me, mamãe! Beija-me, que eu parto para não voltar! — disse-lhe, olhando-a com ansiedade indescriptivel.

De Amalia Guglielminetti

Ella, estoicamente, poude reprimir um grito de espanto, e, sentada junto a seu filho moribundo, acariciou com suas mãos o rosto amado.

— Quero confessar-te uma coisa — murmurou o enfermo, com voz leve, quasi ao ouvido da mãe, e com certa timidez. — E' alguma coisa muito penosa, muito difficil de dizer...

E falava com gesto nervoso, emquanto o peito ferido pelo volante respirava fatigadamente.

— Dize-me, filho de minha alma, dize-me o que queiras — respondeu a mãe, ansiosamente, inclinada para elle.

— Quero falar-te, mamãe, de uma mulher... de uma mulher com quem tive um filho... já vae para seis annos e com a qual estou casado...

A mãe teve uma contracção e fechou os olhos. Em seu coração lutava o carinho com o orgulho, e não se achava com coragem para sentenciar a seu filho moribundo, que com ella humildemente se confessava.

— Nosso filho morreu — ajuntou o ferido, após uma pausa. — Mas ella está aqui... e deseja ver-me pela ultima vez...

A mãe levantou os olhos para o céo, como que acceitando aquella nova tortura e, com voz resignada, disse:

— Que venha! Eu me retirarei...

— Não, mamãe, não me deixes! — disse-lhe o enfermo, segurando-lhe as mãos com um gesto de infinita supplica. — Rogo-te que a recebas tu tambem, que a vejas, que lhe fales... e... que depois... quando eu já tiver succumbido, a queiras um pouco, sómente um pouco, minha mãe, como si fosse tua filha.

— Mas, meu filho, é uma desconhecida para mim. Indubitavelmente, não mereceu teu amor, não foi digna de ti, porquanto nunca me

(Conclúe na pag. seguinte)

A COMPANHEIRA DE VIAGEM — (conclusão)

falaste della. Queres obrigar-me a amar uma pessôa com a qual nunca me encontrei no mundo, da qual não conheço nem o rosto nem o nome, e que, sem duvida, se entregou a ti movida por um mesquinho interesse... sem amor, indignamente?...

— Não, mamãe: ella é bôa e digna. Era uma rapariga pobre e a quem só fiz soffrer muito, muitissimo... Quanto desgosto lhe causei! Tu lhe perdoarás, como me perdôas a mim, não é verdade? Considerál-a-ás com benevolencia agora e depois... Promette-me que fazes isso, minha mãe?

— E' muito o que exiges de mim...

A mãe cerrou os dentes e os labios com uma contracção quasi frenetica, exhalou um profundo suspiro e, inclinando a cabeça sobre o peito, guardou silencio. — Posso fazêl-a entrar, mamãe?

Ella respondeu affirmativamente, com um leve movimento de cabeça, e, ainda mais pallida que ao entrar, voltou o rosto para a porta, afim de ver chegar a mulher de seu filho. Mas, ao abrir-se a porta, fechou os olhos e sentou-se quasi desfallecida junto ao leito. Sentiu que alguem entrava e se precipitava para o leito. Ouviu o ruido de beijos anhelantes, cheios de amor e de respeito, e uma voz que chamava o querido por seu nome, com accento angustiado...

A velha permaneceu com os olhos fechados junto ao leito do moribundo, sem se atrever a abril-os para olhar a mulher que se interpunha entre seu filho e ella e procurou imaginar o rosto daquella intrusa, participe obscura da existencia de seu filho, misera prenda de amor, jogada ás escondidas para não ferir o orgulho da illustre e opulenta familia de seu esposo. Uma intrusa que agora, de repente, no momento supremo, se apresentava ao moribundo, para misturar suas lagrimas com as da mãe e reclamar sua parte de piedade!

— Mamãe!... — implorou elle, com voz rouca.

A mãe ergueu-se, abriu os olhos para a mulher ajoelhada aos pés do leito, a seus proprios pés... e nella reconheceu sua companheira de viagem.

E o retrato era de uma linda rapariga chamada Arlette Pagot. Durante as sessões de *pose*, a artista ouvira do modelo algumas confidencias. Depois, um bello dia, o modelo desapparecêra.

— Vou copiar este retrato — declarou, enthusiasmada, a irmã Angelica. — Farei uma Virgem admiravel, de mãos postas, orando ao Altissimo.

Mme. Bournéte faz-se grave e hesita, tomada de escrupulos. Como póde ella permittir que Arlette Pagot se transforme na Virgem?

Resolveu, então, mostrar a mi-

O RETRATO

(C O N C L U S Ã O)

niatura á superiora para ver o que ella pensava:

— E' uma deliciosa imagem da Virgem! — exclamou, por sua vez, a madre S. João.

— Vou copiál-a, minha mãe — tornou a irmã Angelica — e fazer justamente um retrato de Nossa Senhora!

Francamente, então mme. Bournéte lhe confessou a historia da miniatura: o modelo era uma mulher sem virtude.

Mme. Bournéte nunca mais soubéra noticias della. Mas por certo devia ter descido, degráo por grão, toda a senda do peccado.

A superiora ouviu a lamentavel historia e ficou silenciosa.

Uma tristeza passou em seu rosto. Mas logo depois sorriu, e voltando-se para a joven monja, disse, — na sua voz havia uma imperceptivel malicia:

— Póde copiar, minha filha, esta miniatura. Dou-lhe a minha autorização. Quanto ao modelo —, a misericordia de Deus é infinita. Oremos por essa mulher... é tudo quanto podemos fazer...

Mau Cheiro da Pele

Mau Halito

O cheiro desagradavel da pele em muitas pessoas, sejam homens ou mulheres, é um incomodo que impressiona e entristece; mas hoje, que se conhece a causa, é facil o tratamento, si se fizer o que em seguida aconselhamos.

Sabem os medicos como o estomago é caprichoso.

Ha pessoas que sofrem perturbações do estomago quando comem queijo; outras sofrem quando comem presunto e ovos; ainda outras quando comem carne, gorduras, certos peixes, cremes, doces, conservas e outros alimentos; até certas frutas, vinho, cerveja, licores e outras bebidas causam perturbações do estomago e intestinos em muita gente.

O mais grave é que estas perturbações do estomago e intestinos sempre aparecem sem que ninguem desconfie, nem sinta nada; mas a verdade é que muitos sofrimentos e doenças começam assim.

O mau cheiro da pele, o suor que cheira mal, o mau halito e outras alterações da saude, quasi sempre são causadas pelo acumulo de impurezas e por fermentações toxicas no estomago e intestinos, que tanto mal fazem ao sangue.

Além disso, todos fumam hoje, homens e mulheres, o que, com o tempo, enfraquece o estomago e aumenta as fermentações perigosas.

Para evitar este perigo é indispensavel usar um bom remedio que tonifique as camadas musculares do estomago e intestinos, e limpe estes orgãos das fermentações.

Use **Ventre-Livre**

Ventre-Livre é um remedio de inteira confiança para evitar e tratar o mau halito, os maus cheiros da pele e outros padecimentos graves, porque tonifica as camadas musculares do estomago e intestinos, e os limpa das substancias infectadas e fermentações toxicas que tão grande mal fazem ao sangue.

Todas as noites, antes de dormir, tome duas ou tres colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de agua.

Assim se trata o estomago sujo e os intestinos.

Somente assim se evita e se trata o mau halito e outros maus cheiros.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Deposito de **Ventre-Livre** e *Regulador* **Gesteira** em **França:**

La Pharmacie **Roberts et Cie., 5** Rue de la Paix 5, **Paris.**

O Dr. J. Gesteira tem tambem Laboratorios nos Estados Unidos.

Dr. J. Gesteira : **Butterick Building**

161 Sixth Avenue 161, New York, N. Y.

e

6555 East Jefferson Ave. 6555, Detroit, Mich., U. S. A.

Ventre-Livre e *Regulador* **Gesteira** são os unicos remedios brasileiros que se vendem nos paizes estrangeiros, facto que os brasileiros que viajam podem sempre verificar pessoalmente.

O GRANDE JURISCONSULTO

— QUERES que te diga? — exclamou mme. Hattelin, dirigindo-se ao eminente jurisconsulto do qual usava o nome. — pois bem; tenho vergonha de ser tua mulher!

Hattelin replicou, calmamente:

— Vamos; vejo que se trata ainda uma vez do appartamento.

— Naturalmente... De que querias tu que se tratasse?... Estar alojados como estamos, na minha situação!...

— Lembra-te que a tua situação se confunde com a minha...

— Não adeanta!... Vale a pena ser mulher dum homem da tua classe, para habitar um tugurio?

— Um tugurio!... Um tugurio a que não falta conforto... Tenho um gabinete sufficiente e onde posso collocar todos os meus livros.

— Só pensas em ti!... O egoismo dos homens...

— Tens um bonito quarto e um salão muito gracioso.

— E' uma sala de jantar do tamanho dum lenço... Nem mesmo podemos receber...

— Somos pessôas simples...

— Demasiado simples... Passamos por trabalhadores, quando temos dinheiro bastante para mantermos o logar que nos compete na sociedade... Quando penso que o appartamento do lado seria tão bom para nós!...

— Decididamente, queres!... E' uma verdadeira obsessão...

— Era só abrir uma porta de communicação, e teriamos então uma casa magnifica...

— Infelizmente, como já te disse e como tu mesma sabes perfeitamente, esse appartamento está occupado, e não presumo que o locatario esteja disposto a deixál-o unicamente para ajudar as tuas idéas de engrandecimento.

— E' obrigado a ir-se embora...

— Não tenho meios para isso, não sendo proprietario do predio. E, mesmo que o fôsse, achar-me-ia bem impedido de expulsar um locatario protegido pela lei como eu mesmo o sou...

— Prestaste muitos serviços ao nosso proprietario para que elle não esteja altamente desejoso de te ser agradavel... Estou certa que, se existisse um meio de nos livrar do vizinho, elle não hesitaria em empregál-o, para testemunhar o seu reconhecimento.

— E' de lastimar que esse meio não exista.

— Oh! Se tu quizesses, acharias um...

— Eu?

— Quando se conhece o Direito e as leis como tu, não se fica embaraçado para se fazer o que se quer... Entre nós, já fizeste mais, porque sabes de verdade.

— Certamente — disse Hattelin, lisonjeado com o elogio — sei navegar por entre os textos. E se um dia um cliente viésse pedir-me...

— Pois bem; imagina que tua mulherzinha é uma das tuas clientes, a melhor das tuas clientes.

De Adrien Vely

Hattelin disse para comsigo que a sua "mulherzinha" estava tornando-lhe a existencia penosa com as incessantes recriminações a respeito do appartamento contiguo, e que talvez dependesse de si, dando-lhe satisfação, fazer voltar a paz ao lar. Pensou tambem na diversão sportiva que lhe proporcionaria uma offensiva juridica dirigida scientificamente contra o arame farpado da lei sobre os alugueis.

— Vamos, seja! — declarou elle. — Vamos tratar de mandar embora esse vizinho obstinado.

. . . .

— Mande entrar — disse Hattelin.

No gabinete do professor penetrou um visitante.

— Queira sentar-se — tornou Hattelin — e queira expôr-me a razão que o traz aqui.

— Prezado mestre — respondeu o visitante — agradeço-lhe ter consentido em receber-me... Mas talvez me conheça...

— Meu Deus, senhor, confesso que...

— Nunca prestou attenção á minha pessôa... Oh! é muito natural... Está sempre mergulhado nos seus pensamentos... Cruzamo-nos muitas vezes na escada... Sou o locatario do appartamento contiguo ao seu...

— Que me diz! — exclamou Hattelin, olhando para o recem-chegado, com viva surpreza. — Desculpe-me por não o ter reconhecido... Não sei bem com que intenção julgou dever...

— Perdôe-me, caro mestre, por ter perturbado os seus doutos trabalhos. Mas espero que não levará em conta eu ter ousado aproveitar da nossa vizinhança para vir consultar o eminente jurisconsulto cujas doutrinas são autorizadas no mundo inteiro...

— Mas não vejo em que, senhor, em que poderei...

— Póde salvar-me, só isto... O nosso proprietario tenciona expulsar-me... Oh! já sei... Vae dizer-me que a lei é por mim, e que torna a minha posição inatacavel... Julgava-o... Mas, o nosso proprietario achou, não sei como, artificios de processo graças aos quaes a protecção que a lei me concedia se torna nulla... O meu procurador está persuadido de que se fez aconselhar por um jurista de primeira ordem, contra o qual se declara incapaz de lutar... Mas que será esse jurista em face dum homem como o senhor?... Menos do que nada... Recusar-me-á, como vizinho, o concurso que venho supplicar-lhe conceder-me?... Seria uma bôa acção e, ao mesmo tempo, uma encantadora empreza de dilettante para o senhor...

— Oh! — fez Hattelin — seria muitissimo engraçado!

— Como diz?

— Eu... digo que seria muitissimo engraçado.

E o professor entrevira, ao mesmo tempo que a salvaguarda da existencia simples e laboriosa no seu pequeno appartamento não engrandecido por nenhum annexo, a alegria profissional de oppôr uma nova e triumphante thése á que elle imaginára para seu proprio uso.

— Conte commigo — disse, levantando-se. — Não será expulso

— Ora esta! — exclamou mme. Hattelin... O vizinho fica... Incrusta-se... E' indesalojavel!... Não se póde... Achou, para se defender, a quem mais forte do que tu, pobre miseravel!... Ah! se pudesse conhecel-o!...

— E então?... — fez o professor, num tom de humildade sincera.

saibam todos...

UMA PAULISTA (S. Paulo) — Muito bem. A sua cartinha é um motivo de encanto para a minha pessôa. E' quanto a sua consulta... Ah! Francamente! E' difficil resolver com o nosso cerebro e o nosso coração, casos de amor que são interpretados por outro cerebro e sentidos por outro coração.

De resto, a attitude que um homem tomará, num caso sentimental, guiado pelos impulsos da sua alma, e orientado pelos dictames de sua consciencia, differe, enormemente, da resolução tomada por uma Eva.

A mulher, confiando pouco em si, nunca age abertamente, com lealdade e franqueza, no campo raso da luta; o homem — não! O homem, confiando em si, nunca toma deliberações equivocas, nunca assume attitudes dúbias.

Mas, antes de tudo, leiamos a sua carta, para que se apprehenda bem o sentido da minha resposta, ou melhor, do meu commentario.

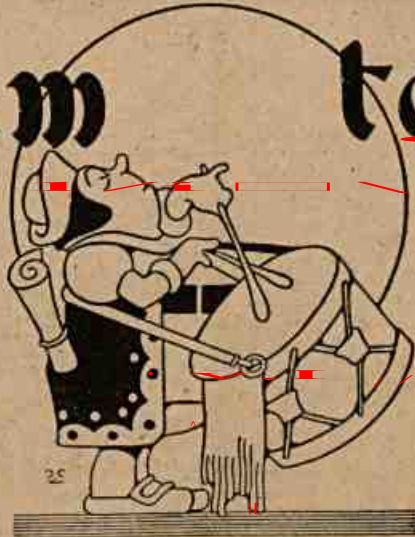
Escreve v. ex.

"Querido Yves: Ha muito que estou para lhe escrever mas, escrever para você é tão difficil, Yves! Mas como tenho verdadeira admiração por suas colaborações no "Fon-Fon", pelas suas respostas ás leitoras, pelas adoraveis ironias de suas cartas, por você, emfim, resolvi num impecto de coragem consultar-lhe sobre um certo ponto.

Li numa das revistas "Fon-Fon" (que é a minha revista preferida, a qual é verdadeiramente grande a minha admiração e prazer em ler a seção "Saibam Todos"), uma noticia agradabelissima: de que você está escrevendo um romance — Transviada.

Mais uma gloria, mais uma das producções literarias que tanto brilho teem dado á nossa literatura.

Pelo comentario do mesmo comparei ao meu caso, aliás, não muito parecido.

O que me diria você, caro Yves, si eu lhe contasse que apesar de não ser romantica, amo a um rapaz que já me esqueceu e sou querida por um outro que tambem já lhe esqueci? Não sei com resolver, nós mulheres, neses caso, não temos energia sufficiente para resolvermos por nós mesmas, sempre sacrificamos, pois, o nosso sentimento, caracteristico é o da abnegação. Mas eu não me sinto com coragem sufficiente para esquecer. Aquele a quem tanto quis. Aquele, cujo nome na memoria eu levarei embora sabendo que tudo passou...

Para ele mais uma conquista banal a aumentar o seu romance, mais uma pagina escrita atirada ao cesto... Fim de romance! O amor é um sonho, é uma fumaça que vem, vai, volta e passa. Passa levando as nossas ilusões, as nossas esperanças... Fumaça!... Carregou com tudo o que eu tinha de melhor na vida. A ilusão! Para ele o que restou? Nada! Nada a não ser o riso surcastico de seus labios ao pensar em minha insenuidade. Oxalá que seja felis!

Para mim... Uma saudade longa, dolorida, indefinida a mais na minha vida...

Você acha que serei felis aceitando o amor de um outro?

Responda-me, Yves, creia no meu agradecimento sincero e não me ache muito romantica, tola ou qualquer coisa que o valha.

Sua admiradora: Uma paulista.

São Paulo, 18 de agosto de 1931.

Si houver resposta é favor responder a pseudonymo — Uma paulista."

Como se vê, o seu caso se resume nisto: — V. ex. ama e é amada. Ama a quem a despréza; e é amada por quem não ama.

Afinal, a vida é assim e não é possivel querer que ella seja de outro modo. O que é, portanto, necessario, é ver as coisas com serenidade de animo com imparcialidade — collocando-se no caso da pessôa julgada.

Exemplo: Supponhamos que v. ex. fosse a pessôa, isto é, o rapaz que a ama e a quem v. ex. despréza...

Si fosse elle, — que faria v. ex.?

Juro que a sua resposta dahi será esta: "Mandal-o-ia ás ortigas". E procuraria outro que me amasse..."

Pois é isso o que v. ex. deve fazer: — mandar ás favas o rapaz que a esqueceu... Por que, decerto, quando o moço, que a ama, souber que v. ex. não faz caso delle, ha de saber tambem exercer a sua vingança... Espére por ella...

Pode ser que o remedio "mandar ás ortigas" e "mandar ás favas" seja pouco protocollar. E' remedio caseiro, de horticultor, quitandeiro (por causa das favas) ou mesmo de macumbeiro... Mas, em amor, quando a gente se quer vingar, todo remedio é bom... E quanto mais amargo — melhor... para fazer *mal* ao coração do "outro", quem já não se ama...

No caso, a therapeutica é um tanto paradoxal: — é bôa porque faz *mal*...

EU MESMA (S. Paulo) — Numa carta côr de ouro, v. ex., medrosa e audaz, — como a...

(Continúa na pagina seguinte)

arrisca uma coisa que não faz mal nenhum perder — escreve:

"São Paulo, 14 de agosto 934. Yves — Não ria! Não sei como hei de dizer-lhe que escrevi um conto... Porém, é a verdade, e para proval-o remetto junto, o citado conto...

Francamente, eu não acho totalmente mau o meu escripto... Porém, como todo o mundo é muito complacente quando se trata de suas proprias producções, aqui estou para pedir sua apreciação a respeito, que de antemão agradeço, seja ella favoravel ou não. Da admiradora. Pseudonymo: — Eu Messia."

Era, o seu conto chegou aqui numa semana e na outra era publicado.

Quer dizer — foi tudo facil. Facilimo. Porque, a verdade é esta: aqui é o proprio autor quem facilita tudo.

Geralmente, eu tenho bôa vontade. (E' uma calumnia quando se diz de mim ao contrario. E a prova é agora o seu caso). Mas, voltando á sua carta...

Eu sempre estou com bôa vontade para ser util aos nossos collaboradores e, particularmente, aos leitores do Fon-Fon todos... que me procuram. De sorte, que o resto é o proprio collaborador quem faz, com o seu talento, e o seu valor.

Agora, o que não é possivel é dar o meu apoio a um collaborador que não me agrade nem mesmo apresental-o ao secretario da revista. E muito menos dar-lhe o que não possúo: — talento.

Si eu soubesse onde é que arranja tal preciosidade, iria adquiril-o com um fim: — empregar toda a minha intelligencia no sentido de eliminar da face da terra, os poetas d'agua doce... que me atormentam de janeiro a dezembro...

Uff! Que alegria!

Julio D. Ex... [illegible] que era só para isso, que eu desejaria ter talento...

Que diz?

BACH (S. Paulo) — Escreve-me o sr., com este espirito de synthese e a firme deliberação de quem não quer conversa fiada. E' como si o sr. dissesse: "Poucas palavras, amigo! Nada de pilherias. Nada de chalaça com os poetas que desejam engrossar a multidão collossal dos fazedores de poemas".

A sua carta, nesse sentido, é eloquente.

Diz o sr. textualmente:

"Yves: Submettendo a presente poesia ao seu julgamento, quero saber a opinião de um afamado critico, — nada mais.

Peço e [illegible] uma resposta, uma simples fraze, um "está bom" ou um "está mediocre" na secção que está sob seus cuidados no "Fon-Fon".

Grato. — *Bach.*"

Entretanto, não posso deixar de dar dois dedos de prosa... E sabe por que? Porque a sua graphia me interessou, enormemente. Não foi o poeta; foi o graphista — digamos assim, á falta de outro termo mais proprio.

A sua letra é curiosa. E embora o sr. não me tenha pedido estudo de graphologia, não pude deixar de observal-o e estudal-a com attenção.

O sr. é um homem curioso. E cheio de affirmações praticas, positivas, violentas, apressadas — incompativeis com o sonho e a fantasia dos poetas...

Emfim, meu illustre senhor, como o que deseja é apenas uma opinião sobre as suas disposições poeticas...

(*Continua na pagina seguinte*)

Relativamente ao seu trabalho ***, direi que o considéro bem acceitavel. E' claro que não apresenta nada de novo. Mas, apesar disso, o seu poema não está máu, está mesmo bom, e só não o acho perfeito, porque começa com aquelle verso difficil de deglutir:

Cruzámo-nos nós dois...

O encontro da variação pronome, produz uma dissonancia que muito compromette e afeia a espontaneidade do verso.

Não ha declamadora que vença a difficuldade prosodica daquella alliteração, em *n n* e *m* e *ss*.

Foi por isso que o mestre Bilac resolveu o seu caso, naquelle famoso soneto da *Via-Lactea*, repetindo os mesmos verbos, com tanta elegancia, expressão e sentimento:

Cheguei! Chegaste. Vinhas fatigada e triste. E triste e fatigado eu vinha.

Em arte, poeta, a grande virtude é ser simples. Mesmo porque, a simplicidade, é das mais raras virtudes, e a fórma extraordinariamente difficil de apresentar a Belleza, núa, — sem comprometel-a.

UM OBSERVADOR DA LINGUA PORTUGUEZA (S. Paulo) — Não posso attender o seu pedido, porque não faço critica indirecta.

O sr. me envia recórtes de um jornal e pede-me criticar o que se contem nos referidos recórtes.

Resultado: eu ficaria mal com o autor das bobagens e o dono do jornal, e o senhor ficaria a rir dos trez.

Não, caro senhor! Bastam-me os inimigos gratuitos: poetas d'agua doce, que vão para a *cesta*...

O. F. S. (Paraná) — Caro confrade. O apparecimento de sua missiva nesta secção, tem duas significação. 1º. — Indica que o sr. sabe ser grato; 2º — Vale por um desabafo.

Portanto, permitta-me que a publique na integra:

"Meu caro Bastos Portela. Não quero passar por ingrato aos teus olhos depois do apoio que me tens dado no Fon-Fon. Agradeço o acolhimento bondoso para com as minhas colaborações de iniciante nas verdadeiras letras. Nós aqui na provincia como já tive opportunidade de dizer-te por carta vivemos uma vida miseravel. A imprensa é puramente politica quando não da para ser escandalosa, dai o vivermos nesse vergonhoso marasmo literario. Porque é mesmo vergonhoso. Curityba uma cidade de mais de 150.000 habitantes, já terra de muitos arranha-céus, progredindo em longas passadas, com uma Universidade que comporta quasi 2.000 estudantes nesse caus literario. Tenhamos confiança no futuro. Meu caro Bastos, fica portanto registrada nestas poucas palavras os meus mais sinceros agradecimentos. Aqui terá um amigo reconhecedor dos meritos e retribuidor dos favores a mim prestados. Muito obrigado, caro Bastos Portela."

Faço votos para que a imprensa de sua terra olhe, com mais sympathia, os representantes das bellas letras do Paraná — que é uma terra maravilhosa.

MALVA-ROSA (S. Paulo) — A titulo de incentivo, e mesmo porque os seus versos não são maus — procurei aproveital-os, publi- cando-os na primeira occasião.

Mas não veja nisso um modo de retribuir á admiração que diz con- sagrar á minha pessôa. Porque ha muitos poetas, máus já se vê, que me asseveram essa admiração, e, no emtanto os seus trabalhos vão para a *cesta*.

Quanto a informação que me dá de que o poeta de Santos consid- mal empregada a admiração na sua missiva, nada influe no meu juizo a respeito do seu trabalho.

Elle acha que sou uma alima- Não é por isso, que eu lhe negue valor e continue a ver na sua obra poetica uma das mais bellas do Brasil contemporaneo.

E' verdade que só conheço do poeta santista um livro em pro- — *Collar partido*, — (offerta de uma formosa paulista) e alguns versos esparsos. Mas isso é o bas- tante para que o possa admirar e exaltal-o, como poeta da minha ge- ração.

Eu demonstraria ser invejoso e paquenino, si procurasse dimi- os méritos do excelso poeta de San- tos — somente porque elle "ach- mal empregada a admiração que v. ex. manifesta pela minha pes- sôa"...

Como homem de letras, elle de- saber que alguém o ha de jul- mediocre ou detestavel, quando ou- tros, — como eu — o achou admi- ravel, e o verdadeiro successor de Bilac.

E para que maior consolo, que esse de saber que, emquanto um poeta me néga uma particula de merecimento, v. ex. — que mulher — me admira e defende...

O diabo é que v. ex. pode ser bonita... Ai! ai! Que desastre...

Porque — francamente — eu tróco a admiração de uma mulher formosa — uma só! — pelo juizo de uma centena de poetas "officiaes do mesmo officio"...

YVES

SAIBAM TODOS

(C O N T I N U A Ç Ã O)

Toda e qualquer correspon- dencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar- nos o coupon abaixo, devida- mente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 8?

Caixa Postal 97

Telephone: 2-4136

FON-FON — 8-9-934

Data da consulta ....

Nome da consulente ....

....

IDÉAS

De JOÃO RAMOS

NÃO te importe, na tua condição humilde, o pouco caso dos bem aquinhoados desde o berço. Como muitas, a tua inferioridade é só apparente. Busca engrandecer-te e, na igualdade de nivel, verás a prova da tua superioridade real: terás subido mais, subindo de mais baixo.

* * *

Xo julgar das amizades convém o maior cuidado. Releva distinguir bem interesses pela amizade e amizades pelo interesse.

* * *

Antes esperar eternamente um bem desejado, do que desesperar da sua desejada eternidade.

* * *

A felicidade absoluta de um lar pede mais que um conjuncto de harmonias: quer a harmonia do conjuncto.

* * *

Primeiro um zero, depois uma virgula, em seguida a parte não periodica, finalmente, o periodo... Eis uma dizima. Como isto faz lembrar os casamentos em que se não tem em conta o affecto!... Ausência de amor, depois o casamento, em seguida a lua de mel e, finalmente... a serie immutavel dos dissabores.

* * *

Ha na vida da mulher, uma phase que lhe é absolutamente peculiar: é a idade da mentira, em que ella prega mentiras "d'essa idade".

* * *

Antes a verdade da incerteza, que a incerteza da verdade.

* * *

Não gosto absolutamente, quando ouço um "Minha cara metade". Faz-me lembrar um conhecido meu, a se lamentar constantemente o esbanjamento da esposa. E era só: "Porque minha cara metade isso; porque minha cara metade aquillo"... Mas, — que absurdo! — então, não era "cara metade", mas "metade cara"!

* * *

Releva ter muito cuidado na selecção das amizades. Nem a todos a quem se dá a intimidade do conhecimento se póde dar o conhecimento da intimidade.

* * *

A vida é um sapato de atacar. Muito bem. Pelo menos não faltam "buracos" e, de vez em quando, é um "nó"...

* * *

Xão se julga a felicidade de um lar pela sua fachada côr de rósa, sempre pintada de fresc... A's vezes, lá dentro, ... coisa é "preta"!...

* * *

Sogra é como radio: d... longe é melhor.

* * *

A confiança deve s... absoluta, mas sem exa... gero; isto é: nada de r... lações de mais confian... mas, tambem, de con... fiança demais.

* * *

A' verdadeira felicidade do lar basta o amor, si ... amor é bastante.

* * *

Não desvendes tua d... a olhos alheios! Si a ... da do bem que te ufa... va poz por terra o se... mento do teu orgu... conserva na desdita o ... gulho do teu sentiment...

* * *

Nem sempre é o ca... que faz quente o te... no lar, a frieza do ... conjugal é que fa... "tempo quente"...

O medico

De Miguel Zamacoïs

ERA o momento em que o crepúsculo se confunde com a noite.

O taxi encostou á calçada, e duas mãos se encontraram sobre a maçaneta da portinhola. Uma dessas mãos pertencia a um cavalheiro bem vestido, que trazia um alto chapéo, a outra era de um senhor igualmente distincto, trazendo um chapéo redondo, de pessôa fina e elegante.

— Fui eu que chamei primeiro este carro! — affirma, nervoso, o senhor de chapéo alto.

— Perdão cavalheiro! Fui eu! — rectificou, já um tanto encolerizado, o cidadão de chapéo redondo.

— De resto, não sei porque disto — continuou o de chapéo alto. Vou tomar o auto.

— Eu é que o tomarei! — proferiu o de chapéo redondo, decidido.

— E' o que eu quero vêr, seu idiota, seu mal educado!

— Mal educado!

Essa injuria, si bem que um pouco desusada — e talvez por causa disso, — teve o dom de exasperar o senhor decente, de chapéo redondo: a ponta de sua bengala traçou no espaço um semicirculo e o desgraçado fez que o chapéo do contraditor se achasse no plano do sector.

Que poderia acontecer ao chapéo, chocado violentamente pela bengala? Que tombasse?

Foi isso o que se deu: cahiu no chão com o ruido sonoro de um tubo de papelão...

Toda gente sabe que não ha nada mais vexatorio que ficar, accidentalmente, sem chapéo, no meio da rua.

Quando é o vento o responsavel, é coisa que irrita; quando é uma bengala a culpada de um tal incidente, é intoleravel.

O cavalheiro que ficou sem chapéo, viu estrellas de dia, e o seu punho fechado, distendido como por uma mola de aço, violentamente, foi alcançal-o no estomago, com uma precisão vigorosa que revelava um lindo talento sportivo de amador.

O senhor distincto de chapéo redondo rolou por terra e ficou sem movimento, estendido na calçada.

Curiosos accorreram.

Um agente que passava por acaso se aproximou. E houve então uma discussão tumultuosa e contradictoria, como acontece a proposito de todo accidente que occorre na via publica.

Alguns instantes depois, procuravam reanimar o sujeito de chapéo redondo, estirado sobre o leito de um posto policial, emquanto um guarda-civil, de bigodes de escova, interrogava, severamente o senhor de chapéo alto que exhibia papeis e explicava, com vehemencia, que o desmaiado é que havia dado começo á disputa.

— Elle parece não estar passando bem... — veiu dizer, um pouco inquieto, a seu chefe, um dos agentes que tratavam a victima. Creio que é melhor chamar um medico de serviço.

— Um medico! Um medico! Como é agradavel isso, a esta hora!

Mas, como elle compulsasse os papeis do senhor distincto e de chapéo alto, disse:

— Ah, que coisa interessante! Eu não me engano! — exclamou. — O senhor é medico?

— Certamente... Dr. Viredelet, antigo interno dos hospitaes, 44 *bis*, rua Lafayette.

— Pois bem; o senhor vae examinar aquelle homem.

— O homem que me deu uma bengalada? O senhor não exigiria isso...

— Dr. Viredelet! Em nome da lei, requeiro que dê á victima da aggressão os cuidados que o seu estado reclama.

— Sr. brigadeiro, lamento muito, mas não posso ser ao mesmo tempo culpado e medico... E já que o senhor me tratou como criminoso

(*Continúa na pagina seguinte*)

(mesmo com certa brutalidade, do que me queixarei a uma das minhas altas relações na politica), eu lhe peço continuar a tratar-me como culpado... Veremos o que vae acontecer...

— Vamos sr. doutor, trate a victima um pouco. Faça ao menos ella voltar a si. Si fôrmos buscar um medico de serviço, é possivel não encontrarmos nenhum, e depois podem surgir historias. E aqui a ordem é: "Nada de historias! Vamos, um bom movimento. O senhor lhe deve esse serviço, que diabo!

— O senhor foi brutal commigo.

— Hem... Não tive razão. Mas não é isso? Não é desagradavel ver esse homem estendido no chão? Eu não o posso interrogar verbal e contradictoriamente. Vamos, doutor, um bom movimento!

— Uma vez que o senhor me apresenta desculpas... Demais, eu não sou um profissional do murro. Foi elle quem começou.

O dr. Viredelet passou para a sala vizinha. Tirou o seu *pardessus*. Pousou-o sobre uma cadeira, do mesmo modo que o seu cabuloso chapéo, aproximando-se do leito.

Descobriu o dorso do doente; fez-lhe algumas fricções. Deu-lhe uma injecção de oleo camphorado; e, por fim, o zelo profissional lhe despertou tanto odio, que elle se

O medico - (continuação)

poz a executar massagens sábias e conscienciosas.

O effeito desses cuidados não se fez esperar. O senhor de chapéo redondo soltou, primeiramente, alguns suspiros espaçados, e respirou, emfim, largamente, ao tempo que o sangue lhe affluia ás faces.

Dentro em pouco, a victima entreabriu os olhos; e, dirigindo-se ao homem que via inclinado para elle:

— Obrigado, doutor; mas não calcula que canalha é aquelle!

Inteiramente calmo, e envergonhado da selvageria do seu gesto, o doutor guardou o epitheto e redobrou a solicitude:

— Não fale... Respire bem...

— O senhor é muito bom, doutor. Mas o outro, que canalha!

— Mas, não! Beba um pouco este calmante.

— O senhor me salvou, doutor... Nunca mais o esquecerei. Mas o boxeur, que apache! Onde está elle?

— Hein? Elle está lá! Deante do senhor... E' elle que o assiste com o seu saber... e mesmo de todo o coração...

O senhor de chapéo redondo, que vira apenas na meia obscuridade os traços do seu aggressor, sobresaltou-se:

— O senhor? E' o senhor? Fóra! vá embora! O senhor é um... um...

— Acalme-se! Vamos! Sem mim o senhor estaria morto.

— Isso é prosa sua! Mortes o senhor deve ter muitas! Sem o senhor eu estaria ainda mais vivo do que estou.

— Isto não é nada... O senhor vae melhorar... Amanhã não pensaremos nisto... Tambem, por que o senhor me deu aquella bengalada?

— Por que me chamou de mal educado?

— Uma palavra insignificante não merecia uma bengalada no meu chapéo novo...

— E' possivel. Mas uma bengalada num chapéo novo não mereci um tranco tão forte no estomago.

— E' verdade. E eu não tenho vergonha de confessar que lamento a minha exaltação. Quando estamos enraivecidos não sabemos o que fazemos... Eu não devia ter me utilizado da minha bengala...

— Nem eu devia chamal-o de mal educado...

— Si eu soubesse que o senhor era medico, teria deixado o caso com o senhor. O senhor devia ter mais pressa do que eu.

— E' verdade. Ia ver um doente...

RENUNCIA...

De Nora Lisi

SENTADA no batente da porta da casa humilde, feita de sopapos de barro e coberta de palhas, á beira da estrada de Saccô a Salitre, pequena povoação á margem do riacho deste nome, que vae morosamente misturar as suas aguas mansas no majestoso S. Francisco, nhá Morena, com o rosto mimoso de cabocla do norte, apoiado á mão espalmada, fita os olhos amendoados nas serras azuladas que se recortam no céu purpureado pelos ultimos raios do sol que desapparece rapido no poente, e no rio largo e caudaloso de aguas escurecidas pela ultima cheia, com a superficie sombreada pelas nuvens de tons arroxeados, que no céu distante, onde as primeiras estrellas começam a scintillar, vão pouco a pouco esgarçando-se...

Na paz silenciosa daquelle recanto selvagem do sertão sombrio, ha um não sei que de angustiante e magoado... A's vezes, um leve pipilar ou um bulicio de azas, do lado da matta, ou o mugir longinquo de alguma rez perdida, quebra aquella monotonia triste...

Em meio ao silencio oppressivo que a rodeia, nhá Morena, sem reparar talvez que anoitece, recorda o perfil forte do nhô Néco, caboclo intrepido, que, como todos da redondeza, sabia com a mesma maestria dedilhar as cordas sonoras do violão, com que acompanhava as modinhas languorosas e os versos brejeiros, á luz maravilhosa do luar sertanejo..., e empunhar a pernambucana, longa e fina, que nunca o abandonava nos furdunços do arraial...

Fôra ali mesmo, numa tarde assim, que nhô Néco vira nhá Morena pela primeira vez.

Emquanto a mãe fôra ao rio encher o cantaro, a moça deixára-se ficar recostada ao portal, embebendo os olhos na bel-

(Cont. na pag. seguinte)

O médico - (conclusão)

— Oh! Eu fui um estupido! Vá vêr o seu cliente, doutor. Vá depressa! Estou muito melhor. Vou procurar um carro e voltarei para casa...

— Não antes de lhe deixar uma receita.

— Isso mesmo. E si o senhor quizer ser amavel, poderia vir vêr-me amanhã em minha residencia... Estou sem medico: o meu foi tratar de negocios, faz seis mezes... Foi a minha primeira indisposição... O senhor quer ficar como meu medico assistente?

— Ás suas ordens... Amanhã de manhã, ás dez horas. Na sua casa?

— Eis aqui o meu cartão.

— Eis o meu. E' a primeira vez que dois adversarios trocam os seus nomes, quando o duello já está terminado.

— Quanto ao nosso bravo brigadeiro, certamente não quererá abrir inquerito...

— O inquerito? — disse, ruidosamente, a autoridade. Está com o senhor...

— ?...

— Está acabado...

CD9 - Standard - PC

RENUNCIA... (continuação)

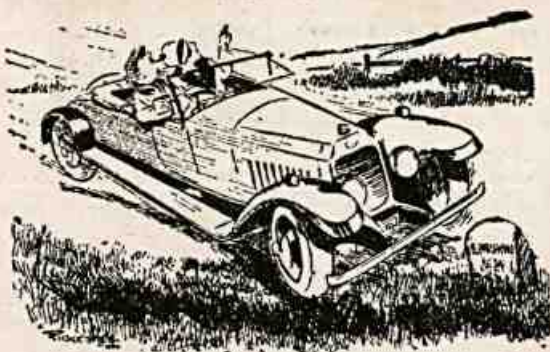
leza triste do poente typico, em que os ultimos reflexos do astro-rei illuminavam as serras alcantiladas, quando nhô Nêco chegára, montado em sua alimaria incansavel:

— Bôas-tardes, siá dona. Nhô Florencio tá in casa? — perguntára o caboclo tisnado pelas soalheiras ardentes, olhando, admirado de tanta graça, a cabocla bonita que se lhe deparára.

— Bôas-tardes. Meu pae num istá. Anda vaquejando u'as rez do coroné Marcionillo lá p'ras banda da Aruêra, e num sabemo quando vorta.

Assim respondêra nhá Morena, cuja vóz de timbre musical soára aos ouvidos de nhô Nêco como um doce arrulho...

Fóra aquella a sua primeira conversa, e desde então, na hora do crepusculo, que tem, naquellas paragens, indescriptiveis bellezas, era infallivel a passagem delle rumo a Tatauhy, proximo ao Sacco.

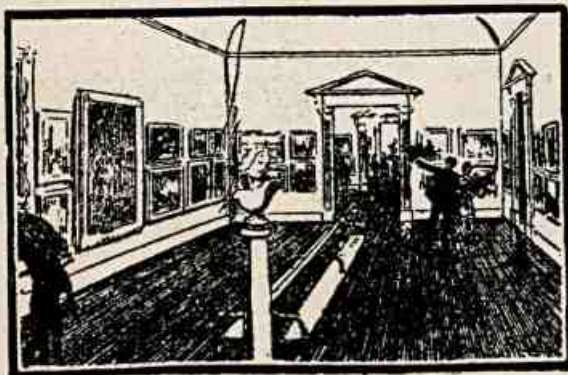
Enfeitiçado pelo encanto da sertaneja, por seus olhos que fariam inveja á propria Iracema, o caboclo procurava todos os meios de encontrál-a nos festejos do arraial, e era sempre visto nas novenas, sambas e rodas, cantando, a pedido, as modinhas mais amorosas do seu repertorio,

— Olha, Arthur, parece que vae acontecer alguma coisa com aquelle aeroplano...

quando não improvisava quadras, nas quaes rendia seu culto á belleza da amada...

Ante essa insistencia, nhá Morena surprehendêra-se. Modesta, não se julgava demasiado bonita para inspirar interesse ao homem mais disputado pelas moças do logar; mas, afinal, viéra amál-o como unicamente sabem amar as caboclas de sangue ardente como o sol causticante de sua terra, com um amôr forte como o juazeiro, sempre verde, á prova das intemperies, manso e carinhoso como a corrente do riacho a cantar suavemente nos seixos do seu leito...

E desde então o esperava ansiosa. A principio, nhô Nêco deixára-se ficar (elle o caboclo mais *falante* da terra) mudo e timido antes os olhos ternos della... Depois vieram as longas palestras, em que combinavam encontros nas novenas da casa da velha Bila, ou no samba de siô Tonho, ou em qualquer logar em que houvesse uma harmonica e um violão... Quando nhô Nêco demorava mais um pouco, lá se ia ella olhar a estrada na espectativa de ouvir o ruido dos cascos do animal a bater nas pedras miudas da estrada.

Um dia, algumas semanas depois, elle lhe pedira que fosse ao *brinquedo* que havia nessa noite em casa de siô Quim. Tinha uma noticia a dar-lhe. Ella lh'o promettera e á noite, quando a lua apontou redonda e bonita, do lado da serra, nhá Morena, em companhia das amigas de Traz da Lagôa, se dirigiu para o Sacco rumo á casa de nhô Quim. Já a encontrou cheia de gente. A harmonica, o violão e o cavaquinho, movidos por dedos ageis, sonorizavam a sala em que os pares rodopiavam.

Nhô Nêco já lá estava, impaciente, á espera da namorada. Encostado á porta, perscrutava o caminho e seu rosto apprehensivo distendeu-se ao ouvir os risos que dali vinham. Reconheceu logo nhá Morena, muito catita no seu vestido de babados. Entre todas era a unica que não sorria e havia no seu rosto moreno queimado uma sombra indefinivel... Ao vêl-o sorriu, apressando os passos, e durante a festa foi o par constante

O visitante (a sua esposa). — Olha, querida, não temos sinão meia hora para acabarmos de vêr este museo; acho melhor, para ganharmos tempo, que tu vejas os quadros deste lado, emquanto eu vou vendo do outro...

de nhô Néco. A's tantas da noite, insistiram com elle para que cantasse uma das modinhas do seu variado repertorio. Accedeu, e, ao tomar o violão que lhe estendiam, virou-se para moça dizendo:

— Vou cantá p'ra você, Morena.

E arrancando do instrumento regional sons fortes, que foram gradualmente diminuindo, começou com voz sonora uns versos tristes, que fallavam de partida, o saudade, e que vibraram lugubres como dobre de finados no coração palpitante da cabocla. Estrugiram os applausos e nhô Néco encontrou fitos nelle. Cheios de enternecimento e de lagrimas, os olhos bonitos de nhá Morena.

Mais tarde, deixaram a festa, e, emquanto as amigas iam á frente, commentando entre risos os acontecimentos da noite nhô Néco communicava a sua viagem pela madrugada do dia seguinte para a cidade. Precisava deixar aquella vida e pensar seriamente no futuro. Mas não a esqueceria nunca e breve voltaria para vir buscal-a.

A esta noticia a cabocla sentiu um peso sobre os seus hombros, tal a sensação de tristeza e de magoa... Então elle ia embora? Bem que o seu coração adivinhára; mas que havia de fazer?...

Fosse, mas não a esquecesse — dissera ella, chorando.

Quando, depois de despedir-se delle e das companheiras, ficou só á porta da casinha onde todos dormiam, fitando o rio largo e sinuoso, que a branda viração encrespava, fazendo-o estriado de escamas prateadas, sob a luz clara e diaphana do luar, nhá Morena sentiu insinuar-se-lhe n'alma a saudade cruciante do amado que partia...

Muitos mezes já haviam decorrido desde que nhô Néco partira em busca de fortuna e de illusões. Nunca mais déra noticias, e a sertaneja soffria ao recordar o seu passado tão limpo e tão breve...

Durante muito tempo esperára ver surgir na volta do rio a embarcação que lhe traria o ingrato... Por fim, desanimára e a esperança de revêl-o a abandonára.

E agora, admirando as

(conclusão RENUNCIA...)

tintas que se succediam em lindas nuances no poente longinquo, a cabocla saudosa, de olhos magoados pelas lagrimas, sente o peso doloroso da renuncia, ao ver morto o seu sonho simples de sertaneja amorosa...

CONFISSÃO DE UM HOMEM MODERNO...

De vez em quando, é bom mergulharmos a alma num banho de ternura.

No fundo de todos nós, existe qualquer coisa de puro que não podemos esquecer nem suffocar. O coração, endurecido pelos embates da vida, desilludido pelos enganos de amor, conserva sempre um "quê" de bondade; e esse "quê" de bondade nos faz sonhar, no silencio do quarto, quando olhos estranhos não nos vêm, com coisas lindas, irreaes, e, — quem o diria? — puras.

A's vezes, esses sonhos nos dominam um instante apenas; ás vezes elles perduram, mesmo no trato quotidiano com os outros homens.

E' verdade que os escondemos, porque seria ridiculo que um espirito moderno se deixasse embalar por coisas puras. Mas, se fosse possivel ler os nossos pensamentos, não diriamos que elle havia de sorrir.

Na época em que o Poeta viveu, as coisas lindas eram o ambiente commum da vida; o que era excepção, isto é, a crueldade, o engano, a hypocrisia, são o ambiente de hoje. Naquelle tempo, a crueldade revoltava, o engano feria, a hypocrisia chocava; hoje, quem não usa dessas armas é um vencido, um fallido.

Por isso, ninguem leve mais a sério o Poeta. O leitor, ou a leitora, ao ler os versos celebres, ha de sorrir, como sorrimos, tendo nos labios um traço de ironia e de desprezo. Sim, porque a comiseração não é sentimento que possa se abrigar numa alma moderna. Um momento de piedade, e quem o sentir será esmagado pela multidão que passa na ancia de vencer.

Voltamos, paradoxalmente, aos tempos primitivos em que a espada de um chefe pezava mais que a fortuna e a vida dos vencidos. O excesso de civilisação redundou em excesso de barbaria. Mais uma vez, os extremos se tocaram.

Sonhar, portanto, com coisas lindas é um crime quasi imperdoável; mas por isso mesmo que é um crime, é que, dentro da comprehensão moderna da vida, gostamos de praticá-lo. E, assim, quando ninguem nos ouve ou nos vê, viajamos para as regiões do irreal e do passado onde os homens são bons e as mulheres fiéis.

Então, o nosso coração pulsa com as alegrias simples e soffre com as dores sinceras. Chegamos a acreditar, — cumulo de loucura! — que os anjos existem, que os homens podem ser leaes, que as mulheres deixam de ser voluveis.

Mas tudo é sonho, sonho, apenas como o de Louisa May Alcott quando escreveu "Little women", que o cinema transformou em "Quatro irmãs".

Sonho, porém, tão bello, — perdoem a confissão — que esquecemos por um momento a vida, depomos aquellas armas com que lutamos, e deixamos a nossa alma mergulhar na agua lustral da ternura, do amor, da fidelidade, da fé, da bondade, essas coisas todas que, hoje, se encontram somente nos films ou, melhor, em certos films como "Quatro irmãs".

GIL DE SÁ

— Dizes que a tua doença foi mais grave do que a minha? Olha que levei trez semanas sem ir á escola! Ora, a minha foi muito peor: foi durante as férias...

Os banhos quentes

A velha ogeriza de José Bonifacio

José Bonifacio, o patriarcha da Independencia, em mais de um ponto, nos seus escriptos, condemna como emollientes e prejudiciaes os banhos quentes, tão em voga no seu tempo.

De facto, o exaggero no emprego do banho quente, a demora demasiada na banheira, amollentam. Mas não se deve levar ao extremo a condemnação.

Os banhos tepidos são repousantes ideaes para o systema nervoso. Após um dia de trabalho intenso, nada ha como um banho quente para restaurar energias.

Demais a mais, nem sempre o banho frio deve ser aconselhado. Os nervosos, os cardiacos, os plethoricos, os convalescentes, os enfraquecidos os velhos, as crianças muito novas nem sempre retiram muito proveito do banho frio, que provoca uma reacção algumas vezes excessiva para um organismo combalido. Nesse caso, para o indispensavel banho diario, é preferivel, sem duvida nenhuma, o banho quente, que aliás torna mais facil a limpeza da pelle, ajudando a acção do sabonete, que precisa ser rigorosamente puro e neutro como por exemplo o Gessy. A agua quente dissolve com mais facilidade as gorduras e depositos formados á superficie da pelle, permittindo uma hygiene mais completa.

T. TARQUINO
A MULHER MODERNA SABE PREFERIR O PO' DE ARROZ QUE LHE PROPORCIONA UMA CUTIS SADIA, PERFEITA, ASSETINADA, E QUE DA' REALCE A' SUA BELLEZA NATURAL.
O PO' DE ARROZ GALLY, DE PUREZA E PERFUME CONSAGRADOS, REUNE TODAS AS QUALIDADES NECESSARIAS AOS CUIDADOS DE UMA EPIDERME FEMININA.
PO' DE ARROZ
GALLY

COM SOL
OU COM CHUVA
Pouco importa o tempo que faça. Se a fazenda é tinta com corantes
INDANTHREN
não ha perigo de que as suas côres desbotem por effeito do sol, da chuva, ou das lavagens. Verifique, ao comprar tecidos ou fios de algodão, linho ou sêda vegetal, se elles trazem a etiqueta registrada:
I
Indanthren
R. Amaral

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 36

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1934

Para as creanças brasileiras

Meus pequeninos patricios: Não sei bem porque, sempre que vos falo, faço-o com o coração em alvoroço, transbordante de carinho, sob a cadencia profunda e larga, dos seus rythmos de exaltação e de fé. Talvez porque me venha á lembrança a figurinha inquieta, esfumada nas tintas da saudade, do garoto que eu já fui ha muitos annos atraz.

E', ãe certo, por isso, meus pequeninos, patricios, que, hoje, vos acolho e exalto, bem dentro do meu coração, com meus olhos deslumbrados de creança volvidos para vós, que sois a grande Esperança e a grande Alma do Brasil de amanhã.

Assististes, ainda hontem, creanças brasileiras, ás imponentes e festivas commemorações do "Dia da Patria". Em vossos ouvidos, ainda deverão ecoar o clangor dos clarins e o rufo dos tambores; vossos olhitos irrequietos ainda reflectirão carinhosamente as côres da bandeira do nosso immenso e majestoso Brasil e, nos vossos corações, commovidos de amor patriotico, ainda calarão, intensa e vibrantemente, as notas vigorosas e profundas do nosso Hymno Nacional.

Ouvistes e, de certo, tambem o fizestes, o novo e lindo juramento á Bandeira da vossa Patria. E promettestes, meus patriciozinhos, não tenho a menor duvida, "servir ao Brasil na hora da alegria e na hora do soffrimento, no dia da gloria e no dia do sacrificio; respeitar a liberdade, a justiça e a lei; defender, na sua pureza, o legado moral e, na sua integridade, o patrimonio territorial" que nos legaram nossos antepassados.

Desde agora — eu bem o sinto — assumistes, no vosso fôro intimo, o compromisso de honra de, no momento opportuno, quando a Patria reclamar os vossos serviços de cidadão, saberdes servil-a com amor e com devotamento, seja qual for a obrigação, o dever ou o sacrificio que ella vos exigir.

Ha, porem, meus pequeninos patricios, outras maneiras de bem servir ao Brasil. E, desde já, podereis prestar á nossa grande Patria o melhor e o mais nobre serviço. Um serviço que se formulará e synthetizará na vehemencia de uma simples palavra de protesto!

Joaquim Nabuco — o notavel patricio cuja memoria tanto reverenciamos — falará, agora, por mim, creanças brasileiras:

"Si alguma coisa observei no estudo do nosso passado é quanto são futeis as nossas tendencias para deprimir e abater! A nossa natureza está votada á doçura, á sympathia, ao enthusiasmo. Quando ouvirdes, em nossos dias, em vossas casas, nas ruas, alguma phrase de desanimo ou de descredito em que se malsine o Brasil — protestae! Em geral, essa maledicencia é de brasileiros que não foram, infelizmente, educados como estaes sendo educadas... Educae-os, creanças, com o vosso protesto e o vosso exemplo: envergonhados, os *maldizentes* hão de calar-se e emendar-se".

Começae, desde agora, meus pequeninos patricios, a vossa obra de civismo, de educação patriotica, ensinando os máus brasileiros, sejam quaes forem elles, a amar e respeitar o Brasil! A amar e respeitar o Brasil no seu passado, no seu presente e no seu futuro. E seja vosso lemma, nesta campanha de enthusiasmo e de fé, "tudo pela ordem e pelo progresso do Brasil; tudo pelos nossos altares e pelos nossos lares!"

E L C I A S   L O P E S

14.

A mythologia grega nos mostra a figura do Amôr, armado de flechas e aljava, para significar que o seu prazer é ferir as almas e os corações desprevenidos. E como toda ferida — mesmo a que não sangra, faz soffrer, physica e moralmente — acontece que, do deus Cupido, só é licito esperar maleficios e maguas.

O Amôr é, pois, um motivo de belleza, de encantamento, de sonho, de fantasia, de gozos — mas, acompanhado de um cortejo de amarguras e penas.

Eis por que não me surprehendo de que uma cidade como o Rio — "cidade maravilhosa", sob todos os aspectos — viva frequentemente abalada pela brutalidade das tragedias passionaes.

Alguem poderá objectar: "Mas, o amôr que mata não é amôr".

Tolice. Erro de observação, direi eu. O amôr é feito de um exclusivismo feroz. Dahi os desequilibrios, os crimes e as desventuras amorosas.

Béranger, o famoso cancionista francez, teve razão, quando escreveu:

"C'est l'amour, l'amour,
 l'amour,
qui fait le monde,
à la ronde..."

Não menos feliz foi o poeta Mario José de Almeida, que synthetizou toda a psychologia do amôr nesta quadra formosa:

"Unido ás vezes á morte,
— é quando o amôr mais se
 exprime.
Por isso, o amôr muito forte
é companheiro do crime."

O meu amigo X... queixava-se da sua "pequena", numa roda de amigos. Depois de muito falar, elle se voltou para mim, e pediu a minha opinião.

Eu disse, com firmeza?

— Meu caro, abrir a porta do coração aos amigos, é o mesmo que abrir a porta da casa, aos que passam na rua, e dizer: "Façam o favor de entrar. Vejam, senhores, o estado em que está a sala. Suja. Desarrumada. Na cozinha, não ha ninguem. O gato comeu a carne do *beefe*. O papagaio deu uma bicada no cachorro. O padeiro já veiu duas vezes cobrar a conta e o homem da Ligth ameaçou cortar a luz. As coisas aqui estão negras."

Pausa. Depois, continuei:

— E' claro que os transeuntes teriam opiniões differentes. Este, acharia graça no caso. Esse ficaria espantado, como a dizer: "Que tenho eu com isso?" E aquelle daria de hombros, traduzindo a sua indifferença pelo quadro presenciado.

— Mas, uma confidencia sempre nos dá um consolo — objectou o rapaz.

— Sim. Mas, não dá a felicidade perdida com o amôr. A felicidade, que se perde, com um rompimento de amôr, só nos póde ser dada por outro amôr.

Outro silencio, ao fim do qual, aconselhei:

— As nossas tragedias amorosas devem morrer comnosco. E quando, por acaso, alguem lhe perguntar: "Como vae a Mimi?" você, amigo, deve responder, sem emoção: "Muito bem! Continuamos dois excellentes amigos!"

O moço apaixonado notou:

— E si temos os olhos vermelhos de chorar?

Dei uma bôa risada, com pena do meu amigo. E terminei, com bom humor:

— Diga que apanhou uma conjun-ctivite, meu caro. Mas, não dê o braço a torcer.

O rapaz vinha perseguindo a senhorita com a insistencia de um homem cégamente apaixonado.

Todos os dias elle passava pela casa da moça, na esperança de lhe merecer ao menos um sorriso. Mas a "pequena" se mostrava irreductivel. Nem um sorriso! Quanto mais um olhar...

O cavalheiro já estava desilludido, quando, certa vez, a encontrou num baile elegantissimo.

O homem ficou tonto.

E tanto fez, que descobriu um amigo commum, que o apresentou á dama irreductivel, com todos os f e r r...

Embora a moça o tivesse acolhido friamente, dançaram uma vez.

Terminada a contra-dança, o moço apaixonado procurou palestrar com a dama.

A certa altura, ella declarou:

— Tenho verdadeira paixão pela farda.

— Sem excepção?

— Sim — affirmou ella.

— E os civis?

— Tambem não desgosto delles. Mas, si me casar, ha de ser com um homem de farda...

O moço ficou ainda mais decepcionado do que estava. E metteu a viola no sacco.

No dia seguinte, — porém, a jovem recebeu um embrulho e um bilhete. Este vinha assim concebido:

"Senhorita: — Como sou um simples civil, peço licença para lhe offerecer o mimo que ahi vae."

A moça abriu o embrulho. E desmaiou.

Era a farda de um guarda nocturno.

Y V E S

Manteau du soir en velours noir. Renard noir.

(Photo Luigi Diaz — Paris. Especial para FON-FON).

O MANTO de ARLEQUIM

ANTOLOGIA DE POETAS BELGAS

II

QUANTAS vezes, quando a aurea fortuna do sol se espalha em moedas pelo chão, nos caminhos ourelados de árvores, tenho vontade de deitar-me nas sombras tépidas, distender os membros, alheiar o espirito e pedir, como Marcel Joubert:

Et, dans mon horizont que bo-
[ment des ombelles
laisse-moi, sans souci d'hier et
[de demain,
regarder la fourmi qui passe sur
[ma main

* * *

Porque, assim, sem pensar e sem agir, tal qual Charles Conradoy:

Je fuis dans les taillis, repesoirs
[des errants,

je parcours les chemins capri-
[cieux du rêve,
pour moi tous les désirs sont
[restés enivrants
et seul, au bord des flots, le mi-
[rage s'achéve.

O casario da cidade sorridente, as longas avenidas asphaltadas, o movimento incessante de gente e de vehiculos, nada disso me impede de pensar no tempo tranquillo em que o Rio era todo uma floresta magestosa. E tenho vontade de gritar como Armand Bernier:

Passants, redevenez des choses
[que j'aimais,
passants, redevenez des bêtes et
[des sources.
N'êtes vous-pas soumis à cette
[même force
qui fait pencher la branche et
[soulève les eaux?
Voyez comme vos mains ont des
[graces d'oiseaux,
Et comme sont mêlés dans la
[chair animale
le mouvement des flots et le feu
[des étoiles...

* * *

O amor da terra é um velho sentimento telurico que está infiltrado nas profundezas do nosso ser. Accorda de quando em vez e se eleva como ua inspiração de Gaston Heux:

La glèbe autour de notre enclos,
qui me la send si maternelle?
Quel grand coeur, pour nous, bat
[en elle?

SENTIMENTO que palpita e bate asas e vôa nos silencios vesperaes, quando os gazes violetas dos crepusculos vestem de viuvez as cousas solitarias, no meio das quaes passam os poetas solitarios e contemplativos como o belga Rodrigue:

Dans le parc aux sentes désertes,
mystérieux des souvenances
éparses plus que du silence
du soir, tremble la voix discréte.

Sa chanson... sous les frais
[ceaux,
elle est rieuse, elle est légére,
monte, monte, tourne dans l'air
et redescend comme un oiseau;

Mais elle renait, telle un songe;
elle est calme, elle est farouche,
ou la croit proche et qu'on la
[touche;
dejà, dans l'étang, elle plonge.

Elle s'attarde au long de l'eau,
elle escalade la colline
elle vient s'éteindre en la ravine
où la prolonge un peu l'echo.

BEMTEVI

O embaixador Alfonso Reyes escriptor e diplomata mexicano, representante de seu paiz junto ao governo brasileiro, na Academia Brasileira de Letras, quando alli foi homenageado, ha dias, pela illustre companhia.

NOSSA LITERATURA

A ignorancia da nossa [illegible] e da nossa cultura [illegible] a alma dos [illegible] artistas da penna e da palavra. Por isso, muitas vezes nos tomam por um povo sem [illegible] calor mental, digno de chufas e de ironias.

Talvez dahi o empobrecimento de sensibilidade dos nossos escriptores, cuja originalidade fecunda agoniza por falta da repercussão que a retempere.

A literatura brasileira confina-se, pois, num particularismo que só póde encontrar verdadeiro estimulo no fervor pelas nossas tradições; vive condemnada a escrever para ella propria, num quasi circulo vicioso.

Dia virá em que a Grande Nação imporá ao mundo a necessidade do conhecimento de seu idioma e, então, com um rythmo soberbo, os nossos poetas, prosadores e pensadores vibrarão com o mundo inteiro no immenso côro da Gloria do Espirito!

A Academia Nacional de Medicina realizou, na penultima quinta-feira, uma sessão solenne para receber o seu novo membro titular, dr. Jayme Poggi, presidente do Syndicato Medico Brasileiro, que foi saudado pelo dr. Octavio Pinto, primeiro secretario da instituição. O «cliché» apresenta um grupo em que se vê o recipiendario ao lado do presidente da Academia de Medicina, professor Antonio Austregesilo, e cercado de outros membros daquella entidade.

O «Club dos 40» festejou, no pri-
meiro dia deste mez, o seu segun-
anniversario, offerecendo á alta
ciedade carioca um elegante chá
dançante, nos salões do Automovel
Club do Brasil. Estão aqui dois fla-
grantes dessa linda festa, que teve
grande brilho mundano. O grupo de
alto foi tomado na séde do «Gr
dos 40» á avenida Rio Branco, quan-
do ali se inaugurou, na véspera
reunião do Automovel Club, o retra-
to do presidente da Associação Bra-
sileira de Imprensa, dr. Herbert Mo-
ses, cerimonia essa que traduziu
uma expressiva homenagem daquella
aggremiação ao Jornalismo carioca.

"POEMAS"

O senhor Azevedo Corrêa acaba de publicar um livro de "Poemas modernos". Vê-se que o autor traz para o grande publico as reservas de um temperamento poetico, um tanto ou quanto estranho. Mimismo. Anima a sua alma de poeta uma unção de humildade que dá belleza communicativa aos seus poemas.

Elle proprio, como ex-libris, consagrou esta legenda:

"Eu penso muito nos pequeninos, nos humildes. E' por isso que falo tanto de mim!"

Envolve o sentimento, o subjectivismo, o mysterio da poesia do senhor Azevedo Corrêa um halo de graça indefinivel, — assim como envolve certas estampas religiosas o resplendor da luz divina.

Poesia é esse clarão, que ninguem sabe de onde vem e que fóra a alma da gente com os poderes immateriaes da emoção.

O senhor Azevedo Corrêa tem coisas assim: "Ovo de Colombo".

A ingenuidade da infancia
a esperança da mocidade,
a saudade da velhice.

— Felicidade,
quem disse que você não existia?

Poeta moderno, sensibilidade propria, o autor de "Poemas" estrêa como devia estrear, isto é, com o direito consagrado de occupar o seu logar ao sol.

Luciano

DOMINGO

A cidade, aos domingos, só tem uma hora interessante: a hora em que augmenta o trafego dos automoveis e dos omnibus, conduzindo os apreciadores dos sports aos campos, onde se realizam as pugnas do dia.

Rumo ao Jockey ou ao Fluminense, os carros passam lotados. E a gente surprehende graciosos sorrisos e gentis semblantes, que cortam as Avenidas, como meteoros. E' um relampago em plena luz meridiana do domingo.

Desafio que se voltem a encontrar as graças fugitivas no *trottoir* elegante da rua do Ouvidor...

* * *

Nas grandes cidades, ha o descanço habitual do *week-end*: o fim da semana é sagrado. Entre nós, ainda ninguem se habituou a procurar os refugios da natureza, longe do bulicio trepidante da civilização.

O domingo do carioca é invariavelmente o mesmo: corridas, *foot-ball* e, á noite, casino...

A segunda-feira só é differente durante a luz do sol. As orchestras, os drinks, os azares da sorte, os *flirts* encontram-se, toda a semana, nas noites do Copacabana ou da Urca.

* * *

Assistindo á passagem dos carros lotados, que se dirigiam ao hyppodromo ou ao campo de *foot-ball* do Fluminense, comecei a pensar no dia em que o carioca se resolver a descobrir os encantos do Rio num domingo de *camping*, por exemplo.

E em vez de corridas, espectaculo já banalissimo, um desafogo ou *grand air*; em vez de torcidas pelo jogo menos elegante do mundo, como é o *foot-ball*, um acampamento na Tijuca, no convivio são da natureza...

DALILA GERALDO

E' um encanto de menina essa *diseuse* de 10 annos de idade! Dalila Geraldo tem dotes surprehendentes de intelligencia, vivacidade e graça. Seu primeiro recital, em S. Paulo, em 1932, marcou um acontecimento. No anno seguinte, ainda na Paulicéa, Dalila Geraldo ganhou muitas palmas: uma consagração de gente grande.

Já no anno passado, o Rio teve occasião de festejar a linda garota, no seu recital do Theatro Casino.

Estava baptizado o talento da pequenina-grande *diseuse* com a agua lustral da metropole...

A LUX-JORNAL

HA iniciativas, no Brasil, que a gente não sabe como tanto tempo levaram a ser tomadas. Exemplo: *Lux-Jornal*, empreza de recortes de jornaes, de que hoje todos nos servimos, porque não é possivel dispensar-lhe os valiosos prestimos. Para os homens de negocio, como para os estudiosos e letrados; para os artistas e os governos a *Lux-Jornal* é a melhor e a mais commoda das secretarias. Tem todas as virtudes, sem nenhum dos defeitos de uma auxiliar dessa natureza.

Meus amigos e confrades Mario Domingues e Vicente Lima, directores da *Lux*, estão naturalmente indicados a promover, dentro das nossas actividades quotidianas, outras iniciativas, como essa, de utilidade real e immediata.

Quando a *Lux* appareceu, fui dos primeiros a considerar os seus magnificos resultados. Verifico, entretanto, que os seus serviços já poderiam ter empolgado o paiz todo, se nós brasileiros não tivessemos esse esquisito temperamento de displicentes e de apathicos em face de tudo que não diríve da politica ou do foot-ball.

A *Lux-Jornal* póde tornar-se um serviço patriotico de primeira ordem. E' preciso, porém, que nós não nos previnamos contra o mesmo, só pelo facto de seus directores o explorarem como empreza commercial. Não ha emprehendimento nenhum util e efficiente sem as mais solidas garantias economicas.

Ajudemos a edificar o monumento nacional da *Lux*.

LUCIANO

* * *

Dalila Geraldo é alumna de Nené Baroukel Fortes, a brilhante mestra de declamação, que todo Rio festeja e admira.

Como noticia alviçareira, foi-me communicado que no dia 12 de outubro proximo, no Rival-Theatro, Dalila Geraldo vae realizar o seu primeiro recital deste anno.

Que surpreza não terá ella para nos revelar?

CLUB DOS 40

A festa mais bonita da ultima semana foi, sem duvida, o chá dançante que o Club dos Quarenta offereceu á sociedade carioca, nos aristocraticos salões do Automovel Club.

A tarde de sabbado estava propicia ao exito da festa, com que os 40 commemoravam o seu segundo anniversario: uma tarde amena de fim de estação.

O Automovel Club, á hora marcada para inicio do chá dançante, já apresentava um aspecto de grande dia. Cheio, elegante, animado...

* * *

Os rapazes, que integram o club, nos moldes inglezes, aliás, unico no Rio, são todos *gentlemen*. A sua festa deveria ser, pois, como foi, uma festa de gentishomens. Primou pela distincção, pela ordem, pela finura.

A sociedade carioca não faltará mais ás reuniões do Club dos 40, quando não fôrem ellas privativas dos socios...

* * *

Entre as centenas de pessôas presentes, lembra-se o reporter de ter anotado os seguintes nomes: senhora Martins Capistrano, senhora Celso Kelly, senhora Heitor Motta, senhora Magalhães Barata, senhora Arminio Rangel, senhora Amaryllio de Noronha, senhora e senhorita Aureliano Machado e senhoritas Maria José Pareto, Hebe Helena Labarthe, Mirian Canario, Maria Heloisa de Araujo Jorge, Velinda Marbank, Maria da Penha Tinoco, Nair Cordeiro, Neuza Moraes, Lydia Pessôa, Juracy Filgueiras, Rosita Laforge, Celinha Almada, Maria José de Castro, Leonor Mattos, etc.

"FIVE Ó CLOCK"

AS casas de chá, são pontos de elegancia obrigatorios: Colombo, Ponto Chic, Lallet, ás 5 da tarde, apresentam um espectaculo amavel para a curiosidade do reporter mundano.

Basta uma peregrinação de meia hora. A lista é completa. Os primeiros vestidos do verão... Os novos *flirts* da primavera... Os arrufos de todas as estações...

Ah! se a lua contasse! Nad... Se as casas de chá c ntassem...

* * *

Retive poucos nomes. Na Colombo no bello salão superior: senhora Mario Chagas Doria, senhora Bertha Pinto de Moraes e senhoritas Lourdes Nelson Machado e Laura La Rocque Rodrigues; na Lallet, senhora Juvenal Murtinho Nobre, senhora José Manhães, senhora Eliezer Filgueiras; no Ponto Chic, senhorita Helietta, Sylvia e Elba Zenobio da Costa, senhoritas Léa Baroukel e Alzira Arcoverde.

PRAIA DE IPANEMA...

A Avenida Vieira Souto torna a povoar-se das suas mais gentis praieiras... Uma revoada de graças humanas, festejando o verão, que volta, cheio de luz e de esplendor, começa a animar o *footing* da extensa e bella Avenida de Ipanema. E desenham-se os perfis harmoniosos de conhecidas figuras do set carioca na paizagem sempre nova do bairro elegante...

* * *

A kodak do repórter focalizou, entre outros, os seguintes nomes: senhora Théo-Filho, senhora Dulphe Pinheiro Machado, senhora Carmen Silva, senhora Edméa Martins Ferreira, senhora Lygia de Assis, senhora Laura Barreiros e senhoritas Ruth, Dulce e Helena Serra, Maria da Gloria Farias, Zilah e Isette Dias, Marília Mariani, Annita Corrêa, Dóra Passos, Solange Barreiros, Nelita de Souza Paiva, Aracy Guisard, Lourdes Rache, Clarisse Leite, etc.

"L'OISEAU BLEU"

A directoria da Casa do Estudante do Brasil inaugurou, com um brilhante êxito, o seu salão de chá-concerto-dançante.

L'oiseau bleu é o novo ponto de elegancia para a hora do chá, marcada no relogio da sociedade com rigor chronometrico.

A tarde da inauguração foi festejada com um programma de arte interessantissimo: côros typicos russos, balalaicas, orchestra zingara, etc., sob a direcção de Leonidas Chigrin e Sergio Milenko-Sergueeff.

L'oiseau bleu funcciona todos os dias a partir de 4 horas da tarde, e está installado com gosto na séde da Casa do Estudante, no Largo da Carioca, 11, primeiro andar.

AUTOMOVEL CLUB

O festival de danças classicas que o Automovel Club offereceu aos seus socios e excellentissimas familias, na noite do ultimo sabbado, deixou uma impressão indelevel.

Coincidiu o sarão da brilhante sociedade com a exhibição em espectaculo de gala do Municipal de Serge Lifar. Ainda assim os salões do Automovel Club rebrilharam, elegantissimos.

* * *

Applausos geraes coroaram os variados e bellos numeros do programma, em que se salientaram as senhoritas Norma de Castro Barretto, Laura de Assis, Déa de Castro Barretto, Maria José Lassance Cunha, Margarida Sonnefeld, Yvonne de Vasconcellos, Leny Pereira Ferreira, Helena Lassance, Esther Silveira Pinto, Dulcinéa Cardoso da Silva e as meninas Clotilde e Maria José Belisario de Carvalho, Sonia Liberalli, Martha Mendez e Alice Jacobsen.

* * *

Serviu de assumpto no intervallo do programma o baile de anniversario do Automovel Club, no dia 27 do corrente, o qual promette reviver as tradições das mais bellas noites do antigo Club dos Diarios.

CORRIDAS DE AUTOMOVEIS

O Automovel Club do Brasil promove, este mez, lá para os ultimos dias, um grande meeting automobilistico. No anno passado, a mesma entidade realizou, com exito imprevisto, um certamen dessa natureza. Desta vez, entretanto, as corridas vão interessar muito mais ainda. Póde-se dizer que, pela primeira vez, a nossa capital vae servir de campo a provas automobilisticas de repercussão mundial.

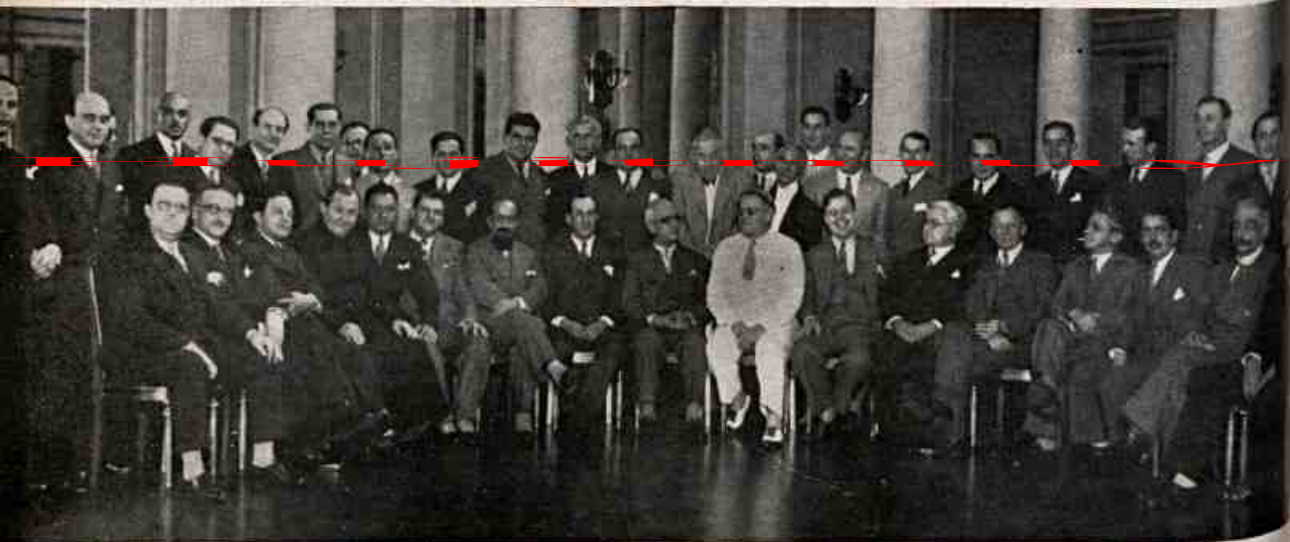
O Automovel Club do Brasil é, como se sabe, a unica entidade officialmente reconhecida. Dadas as responsabilidades, que decorrem de iniciativas da natureza das corridas de automoveis, os governos officializaram uma sociedade internacional, que tem séde em Paris e se denomina Association Internationale des Automobiles Clubs — Reconnus. Só essa entidade, cuja projecção mundial comprehende perto de quarenta paizes, póde controlar, dirigir e apoiar provas automobilisticas.

O Automovel Club do Brasil faz parte da A. I. A. C. R., o que dá ás proximas corridas um caracter official internacional.

Além disso, o governo brasileiro tem prestigiado, em toda linha, o notavel emprehendimento sportivo.

A imprensa do continente vem consagrando paginas inteiras ao acontecimento e já se esperam, nesta capital, os mais famosos corredores sul-americanos. O interesse despertado no Velho Mundo não foi menor. Por tudo isso as corridas dos ultimos dias do corrente mez vão constituir a great attraction da estação.

LUCIANO

A primeira exposição de trabalhos de Luiz Sá, nesta capital constituiu um verdadeiro successo. Inaugurada, a semana passada, no salão do Lyceu de Artes e Officios, a mostra de arte do talentoso caricaturista tem sido muito visitada. Desenhista de traço seguro, Luiz Sá sabe fixar admiravelmente os scenarios da vida nortista. «Casa de farinha» e outros trabalhos seus dizem bem do valor da sua arte. Nosso «cliché» representa um aspecto da inauguração da interessante exposição do artista patricio.

O jornalista americano F. C. Scovile, director do departamento de Publicidade da Light e Companhias Asociadas, recebeu, ha dias, por motivo de seu anniversario natalicio, uma expressiva homenagem de seus amigos e collegas brasileiros, que lhe offereceram um almoço, no Automovel Club do Brasil. Varios oradores saudaram aquelle nosso confrade, que foi, juntamente com Annibal Bomfim, o iniciador daquelle Departamento, quando, ha sete annos, chegou ao Brasil. O sr. F. C. Scovile apparece, no grupo, entre os convivas do almoço.

O Centro Cearense elegeu, ainda ha pouco, sua nova directoria, sendo suffragado, victoriosamente, para a presidencia dessa instituição, o nome do dr. Jayme Carneiro Leão de Vasconcellos, illustre jurista e advogado de marcante actuação no fôro desta capital. Nossa gravura focaliza um flagrante tomado por occasião da posse dos novos dirigentes do Centro Cearense, cerimonia essa que se realizou com muito brilho. O dr. Jayme de Vasconcellos e seus dignos companheiros de directoria receberam muitos cumprimentos da colonia cearense aqui domiciliada.

O general Góes Monteiro, ministro da Guerra, foi recebido na noite de sexta-feira, 31 de agosto findo, pelo Centro Oswaldo Spengler, no salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, onde s. ex. realizou uma conferencia sobre historia militar e recebeu significativas homenagens dos intellectuaes cariocas.

Para tratar do «Concurso do melhor livro sobre viagens no Brasil e do projecto de construcção da «Casa do Jornalista» reuniu-se, na semana passada, o Comité de Imprensa do Touring Club. A nossa gravura fixa um aspecto da reunião, vendo-se na presidencia o dr. Herbert Moses, que tem á esquerda o nosso illustre confrade Mattos Maia Fortes e á direita o escriptor Berilo Neves.

O professor Garfield de Almeida foi homenageado pelos seus alumnos da Faculdade Fluminense de Medicina depois da ultima aula que deu, este anno, naquelle estabelecimento superior de ensino. Vê-se, no grupo do «cliché», o dr. Garfield de Almeida entre os manifestantes, por occasião da homenagem.

A recepção, sabbado ultimo, do dr. Octavio Mangabeira na Academia Brasileira de Letras foi um acontecimento da mais alta expressão literaria e social. O illustre successor de Alfredo Pujol na cadeira de que é patrono José de Alencar e que teve como seu primeiro occupante o notável escriptor que foi Machado de Assis, teve no Petit Trianon uma acolhida calorosa e sympathica. Os nossos circulos intellectuaes e artisticos, o nosso grand monde, numerosos membros do corpo diplomatico aqui acreditado e dos circulos officiaes ali se achavam representados. Recebido pelo conde de Affonso Celso, que o saudou em bello discurso, o ex-chanceller brasi- [illegible]

A seguir publicamos um trecho da oração do sr. Octavio Mangabeira, — quando o novo immortal exalta a figura de José de Alencar, patrono de sua cadeira.

"Rebento de uma terra lacerada, que havia de celebrar em tantas paginas de immarcessivel belleza, hesitante nos seus primeiros passos, temperamento esquivo, uma existencia que se limitou a menos de cincoenta annos, dos quaes alguns desviados para incursões na politica, que tanto o ralou de desgostos, angustiado e enfermo, a natureza e as proporções da obra que José de Alencar produziu, quaesquer que possam ser as restricções que lhe tenham sido feitas, exaltam-no a uma estatura, a um como patriarchado, que lhe marca um logar de relevo entre as nossas maiores expressões, verdadeiramente nacionaes. Nem sei para um escriptor de maior titulo, ou de mais fulgida immortalidade, que a de adaptado, no seu genero, a todas as culturas, permanecer no convivio, na intimidade, no amor de todas as gerações, que lhe sentem no nome alguma coisa de abençoado e paterno, que lhe consagram, como lendas da patria, os typos, as historias que narrou, que lhe repetem, de cór, na infancia, na mocidade, na velhice, as phrases, os primores que escreveu, "para serem lidos — disse-o elle mesmo, prefaciando Iracema—na varanda da casa rustica, ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rêde, entre os murmurios do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros".

Poderia ter versado os grandes themas humanos. Azas, envergadura, lhe sobravam. Poderia ter escripto, sobre a humanidade, para o mundo. Preferiu cingir-se ao circulo das coisas brasileiras, senão á ingenuidade e ao bucolismo dos episodios indigenas. Preferiu cantar em prosa sua gente e sua terra.... Sintamol-o, veneremol-o, em cada uma dessas paizagens, rios, montanhas e selvas, por que elle estremeceu, como, em cada canto de Florença, inscreveram, na pedra, os florentinos, os versos com que se attesta ao viandante, para que este se ponha em reverencia, que o genio, um dia, por ali passou".

Trepações

A viuvinha parece que se fatigou, mais cedo do que era esperado, de chorar a morte do marido.

A exteriorização do seu pesar assumiu o caracter de enfermidade, pelo exaggero das atitudes, e os espiritos menos avisados temiam, para a creatura desventurada, um fim tragico.

O suicidio seria o remate logico. Por isso, para evital-o, a viuvinha passou a ser vigiada pelos amigos mais dedicados da familia.

Dalila Geraldo é uma artista de dez annos, que possúe um grande talento e sabe interpretar os poetas com impressionante e alta sensibilidade. Alumna de Nenê Baroukel Fortes, Dalila Geraldo tem já, com os seus dois lustros gloriosos, um nome festejado nos circulos de arte. Em 1932, realizou, no Studio Nicolas, o seu primeiro recital, que revelou uma legitima vocação para a arte de dizer. Depois, se fez ouvir mais duas vezes, em S. Paulo e nesta capital, alcançando successos verdadeiramente consagradores dos seus meritos artisticos. Agora, Dalila Geraldo vae dar o seu quarto recital, que se realizará na proxima quarta-feira, 12 do corrente, no Rival-Theatro, e que terá, sem duvida, um exito ruidoso, resultando em mais uma victoria para a pequena declamadora.

Mas, operou-se o milagre de uma transformação inacreditavel, de um dia para outro. Cessou o choro e a viuvinha principiou a frequentar as casas de chás, á tarde, para espairecer. Depois, veio o interesse por uns tantos *films*, porque, afinal, o cinema offerece um grande attractivo nos dias que correm. Agora, além do cinema, adoptou outro divertimento, muito mais interessante para uma rapariga moça. Encontrou um rapaz sympathico, que lhe faz companhia em caminhadas longas de automovel pelos sitios mais encantadores da cidade.

Vae tudo correndo ás mil maravilhas e vae acabar tudo muito bem, si o rapaz consentir em legalizar a situação com uma visita á pretoria...

Razão tem o povinho das calçadas quando sentencia que o *trouxa* é aquelle que vae deste para o outro mundo, deixando um lindo palminho de cara ao desamparo...

Sim, porque rei morto...

A senhorita é funccionaria de um alto departamento publico. Intelligente e bonita, com dezenove primaveras, apenas. Typo de menina moderna, com todos os attributos daquella famosa *beauté du diable*, que os francezes tanto estimam.

Pois, a pequena burocrata está apaixonada pelo menos accesivel de seus namorados. Apaixonada, de facto.

O curioso é que a senhorita não quer denunciar-se, tratando o seu *flirt* com uma fingida indifferença, que mais a compromette ainda.

Um destes dias, encontraram-se os dois numa casa de chá. Ella fez força para mostrar-se indifferente, mas nada conseguiu, pois o experiente cumplice deste romance sentimental pegou a sua mãozinha e beijou-a com enternecimento, á vista de todos, como se o fizesse a uma velha companheira amorosa...

O despeito de *madame* é visivel.

Ha tempos, ella teve em suas mãos o destino do joven escriptor. Torturou-o. Fez delle o que quiz. Não soube, entretanto, comprehender a sinceridade do rapaz. E, volúvel, andou a experimentar o amor de outros adoradores.

Hoje, *madame* parece que está arrependida. E vive reconcentrada, talvez, recordando os bons momentos do seu passado.

Mas, com o temperamento, que Deus lhe deu, a interessante surlista, que é uma mulherzinha terrivel, parece que resolveu agora vingar-se d a q u e l l e escriptor, occupando-se, entre suas amigas, da vida do plumitivo.

Vingar-se, aliás, não. Vingar-se por que? Se alguém tinha contas a ajustar, seria certamente elle...

Mas, a verdade é que *madame* não quer saber disso e, por despeito, por vaidade ferida, ou porque ninguém mais hoje acredita na sua volubilidade, anda a immiscuir-se na vida sentimental do seu antigo apaixonado.

Este parece disposto a resolver o assumpto, de uma vez, voltando a fazer a côrte a *madame*.

Obterá o resultado, que deseja?

Chi lo sa?

A joven violinista Judith Hor-Meyll Alvares, laureada pelo Instituto Nacional de Musica, onde acaba de conquistar, brilhantemente, o 1.º premio: medalha de oiro.

Um flagrante da reunião infantil com que o menino Antonio Carlos, filhinho do casal Carlos Cardoso Paiva-d. Aida Paiva festejou o seu oitavo anniversario e recepcionou os seus pequenos amigos.

Norma Tavares, a gentil filhinha do major Raul Tavares, chefe da 1.ª Circumscripção de Alistamento, commemorou o seu 12.º anniversario, a 19 de agosto findo, com uma linda festa offerecida aos seus amiguinhos, que tiveram, na casa da anniversariante, uma lauta mesa de doces.

O dr. Francisco Leonardo Truda, novo presidente do Banco do Brasil, recentemente nomeado pelo governo constitucional, é uma figura prestigiosa em vários sectores da actividade nacional. Jornalista, foi fundador do «Diario de Noticias» e director do «Correio do Povo», de Porto Alegre, onde, durante muitos annos, militou brilhantemente na imprensa. Formado pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, exerceu, tambem, a advocacia em sua terra, conquistando, nessa profissão, as mais expressivas victorias. Foi o creador do Instituto do Assucar e do Alcool, a cujo estudo se dedicou e em cujos assumptos se tem especializado. A escolha do dr. Leonardo Truda para a presidencia do nosso principal estabelecimento de crédito foi recebida, nos meios bancarios e commerciaes, com a maior sympathia, porque envolveu um acto acertado do presidente da Republica.

AUSENCIA

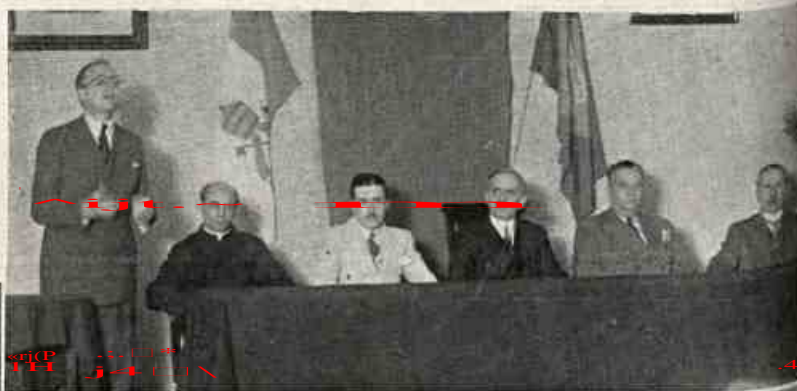
UM domingo cinzento, chuvoso, melancolico está sublinhando as horas desta espera inútil no inútil desejo de sentil-a em meus braços vazios. E você não vem. Você, que vive tão perto de mim, tão dentro de mim, que chego a ver-lhe o rosto luminoso na moldura doirada dos cabellos. Você, que me acompanha a inquietação e a saudade como uma sombra acompanha, fielmente, o corpo que a projecta...

Longe dos maus olhos tristes, você está aqui bem junto do meu coração. Do meu coração illuminado pela ternura que você lhe dá, mesmo da distancia. Nunca estou sozinho quando penso em você. Porque tenho, sempre, nos meus instantes de solidão material, a companhia espiritual do seu amor, da sua sensibilidade, da sua lembrança envolvente. Porque a sinto perto de mim. Consolando-me. Clareando as minhas sombras tranquillas. Adoçando as minhas amarguras.

Ainda agora, sob a melancolia e o desalento da tarde brumosa de setembro, eu só não me desespero na saudade que sinto dos seus olhos côr de oiro, dos seus beijos nervosos, das suas caricias delirantes, do seu corpo de velludo, porque você está aqui, meu amor, juntinho da sua "vida", com todas as suas seducções rutilantes, com todos os seus encantos imponderaveis.

E a minha saudade é melhor. Melhor porque ha uma presença illuminando a sua ausencia...

LAURO GAMA

Sob os auspicios da Acção Universitaria Catholica, installou-se domingo passado, na séde daquella Associação, a Semana de Cultura Universitaria, dedicada ás nossas escolas superiores, e que foi iniciada pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Presidiu á solennidade inaugural o professor Raul Leitão da Cunha, reitor da Universidade, tendo sido oradores o dr. Alceu Amoroso Lima, o academico Francisco Augusto de La Roque, os professores Francisco Avellar Figueira de Mello e Fernando Raja Gabaglia.

A Sociedade «Cedro do Libano» promoveu sabbado ultimo, no salão da Associação dos Empregados no Commercio, a Festa Nacional da Republica Libaneza, que se realizou sob a presidencia do embaixador de França, sr. Louis Hermite.

A PROPAGANDA POLITICA EM SÃO PAULO

Aspectos da entrega da bandeira do Partido Constitucionalista ao directorio do mesmo partido, na cidade de Limeira. No medalhão, vê-se o deputado A. C. Pacheco e Silva pronunciando o discurso official por occasião dessa cerimonia. Em baixo, flagrante da chegada da caravana do Partido Constitucionalista aquella cidade paulista.

Dois aspectos da passagem da caravana do Partido Constitucionalista de S. Paulo pela cidade de Jaboticabal. A chegada da caravana e a sessão civica no theatro local.

O coronel Felippe Moreira Lima, nomeado para substituir o capitão Carneiro de Mendonça no governo do Ceará, tomando posse, no Ministerio da Justiça, do cargo de interventor federal naquelle Estado.

A Assistencia Dentaria Infantil recebeu, na semana passada, a visita de uma commissão de socios illustres do Rotary Club do Rio de Janeiro, que quiz, dessa fórma, prestigiar aquella benemerita instituição cujos grandes serviços á nossa população infantil sem recursos são de todos conhecidos. Compunha-se a commissão dos drs. Julius Weil, A. Rosenwal, Oscar Sant'Anna, João Alves Affonso Junior, Pedro Magalhães Correia, Juan Alberttoti, José Sardinha, João Pacheco Moreira e G. de Souza Pinto, este representando, tambem, o dr. Miguel Osorio de Almeida, director do Departamento Nacional de Saúde Publica. Todos apparecem, no grupo do «cliché», em companhia do professor Frederico Eyer, presidente da Assistencia Dentaria Infantil.

GALANTEIOS

«O que mais prejudicou Petrarcha aos olhos de Laura, foram os sonetos».

Com esta phrase fina e ironica, Eça de Queiroz, num scepticismo evidente, definiu muito bem as mulheres. O autor da «Correspondencia de Fradique Mendes» falou com o maximo acerto. Entre um poema lyrico e um «sandwich», a mulher prefere sempre este ultimo...

* * *

O professor dr. Guerreiro de Faria, que após brilhante concurso, realizado perante a congregação da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, acaba de conquistar a cathedra de histologia e embryologia geral daquelle instituto superior de ensino, recebeu, por occasião de sua posse no referido cargo, expressiva homenagem dos seus collegas, discipulos e amigos.

Bandeira Duarte, espirito curioso, dynamico, vertiginosamente moderno, escreveu um romance do seculo, brilhante e ousado como o seu talento. «Minha mulher e seu marido...» tem paginas magnificas de observação da vida contemporanea. E tem movimento. E tem um enredo agitado pelas situações surprehendentes e imprevistas do «vaudeville». E tem a nota alegre do bom humor. Por isso mesmo, ninguem o lê sem interesse.

O casamento é o tumulo do amôr. Kuripedes, antes de mim, já havia dito isso.

O leito nupcial é um abysmo, onde os corpos dos homens e das mulheres resvalam, na hora tragica do amôr.

* * *

Sempre se deve temer o pranto de uma linda mulher. A mulher bonita que chora deixa sempre, com as suas lagrimas, cahirem gottas de veneno sobre a terra.

* * *

«Rien n'est plus dangereux qu'une femme lors qu'elle emploie les caresses».

Entre uma gata e uma mulher, é sempre preferivel a gata. As unhas desta ultima são menos venenosas. A mulher é um animal mais vingativo que o outro qualquer.

Paulo Freitas

José Lins do Rego é das mais brilhantes expressões da nova geração de escriptores brasileiros. Surgindo victoriosamente com o romance «Menino de Engenho», acaba de publicar «Banguê», obra que lhe valeu uma nova consagração, como fixador admiravel do scenario nortista, onde vivem as figuras creadas pelo seu forte talento.

Da mulher, para a mulher

NADA salienta tanto o successo de uma dona de casa como a habilidade em apresentar tentadoras novidades em doces. Bolos deliciosos, que são pouco usuaes e que agradem ao mesmo tempo á vista e ao paladar, são sempre opportunos. Podem ser o "clou" de um chá á tarde, assim como, a sobremesa de uma fina refeição. A receita de bolo que hoje apresentamos foi cuidadosamente confeccionada. Experimentem e verão como é facil de se fazer e o bello effeito que produz á mesa. Si usarem sómente os melhores ingredientes e seguirem cuidadosamente as instrucções, obterão um bolo que será motivo de orgulho em qualquer occasião.

BOLO DE CREME EM CAMADAS

1/2 chicara de manteiga (115 grms.)
1 chicara de assucar (230 grms.)
2 ovos.
1 colher de chá de baunilha (ou outra essencia)
1/2 chicara de leite (1/8 de litro.)
2 chicaras de farinha (230 grms.)
1/4 de colher de chá de fermento Royal (12 grms.)

Mistura-se a manteiga e o assucar até ficarem creme, accrescentando-se as gemmas batidas, o leite e a essencia. Metade da farinha, do sal, e do fermento Royal, são peneirados juntos. Mistura-se tudo e bate-se bem as claras com o resto da farinha. Colloca-se em dois taboleiros untados. Forno brando durante 15 minutos. Tira-se do forno até esfriar completamente. Depois corta-se pelo meio formando-se quatro camadas, colloca-se o recheio (cuja receita vae abaixo) de permeio, levando por cima um coberto branco.

RECHEIO DE CREME

1 chicara de leite (1/4 de litro.)
2 colheres de sopa de maizena (14 grms.)
2 colheres de sopa de assucar (30 grms.)
1/4 de colher de chá de sal.
1 ovo.
1 colher de chá de essencia.

Mistura-se a maizena, o assucar, o sal e um ovo batido em um pouco de leite frio, depois, addiciona-se o resto do leite e leva-se ao fogo durante trez minutos, accrescenta-se a essencia e está prompto.

COBERTO BRANCO OU COLORIDO

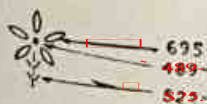
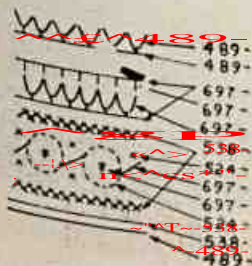
1 1/2 chicaras de assucar (225 grms.) (assucar de confeiteiro).
2 colheres de sopa de leite quente (30 grms.)
1/2 colher de chá de manteiga.
1/2 colher de chá de baunilha.

Junta-se, aos poucos, a manteiga, o assucar e a baunilha ao leite quente até chegar a uma consistência sufficiente para entender. Ponha-se em cima e nos lados do bolo. Si preferir o coberto côr de rosa, junta-se 1 colher de sopa de caldo de morango ou de outra qualquer fructa (6 grms.); para obtel-o amarello, põe-se 1 colher de chá de gemma de ovo, 1 colher de chá de caldo de limão e casca de limão ralada. Se quizer, quando o coberto ainda estiver molle, ponham-se nozes ou fructas crystalizadas na parte de cima do bolo. Este coberto serve para por tambem entre as camadas.

Toalha de mãos bordada a matiz

PUBLICAMOS hoje um trabalho apreciado, próprio para quem, [illegible] embora os lavores de agulha, não disponha de tempo, nem paciencia para desenhos complicados e pontos emaranhados. Será também apreciado pelas mamães que ainda seguem a antiga tradição de iniciar as suas filhinhas na aprendizagem das prendas femininas.

Material necessario:

Linha de bordar "Ancora" — 1 meada de cada uma das seguintes côres:

F. 489 (amarello canario); F. 522, F. 524 (jade); F. 538 (gyrasól); F. 695 (rosa); F. 697 (azul celeste). Linho granité branco, ou qualquer outra fazenda própria para toalha, tendo 0,m70x0,m40.

Risque o desenho a 0,m07 de uma das pontas e borde seguindo o diagramma para côres e pontos, usando 3 fios.

Faça uma bainha abaixo do bordado alcançando a linha amarella e prendendo-a com pontos invisiveis. Na outra ponta faça uma bainha um pouco mais estreita, guarnecendo-a com uma carreira de pontos de haste com linha F. 697 e [illegible] outra de ponto de espinha, com F. 538.

ILZA

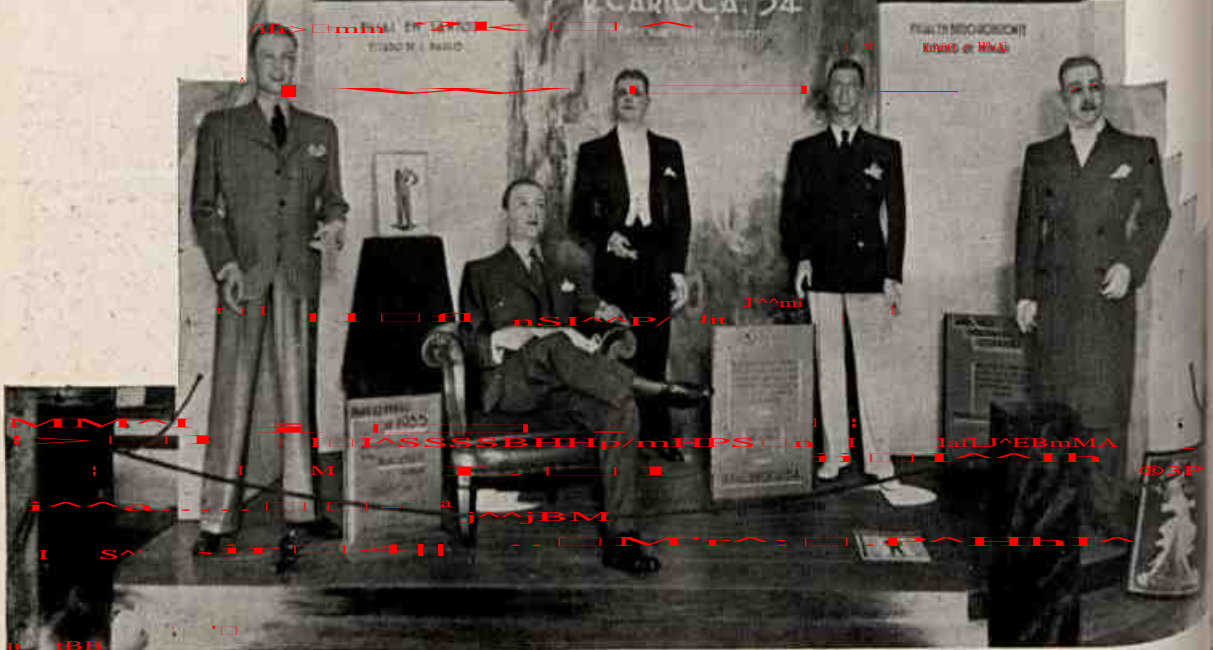
O MAIOR RADIO DO BRASIL!!

A gravura ao lado representa uma photographia do original «stand» da S. A. Philips do Brasil, na Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro.

Este radio monstro, com uma largura de 8,50 e altura de 10 metros, conforme o original apresenta, capta não só as estações locaes e da Argentina, como também as de onda curta da Europa, deliciando com a sua magnifica reproducção os milhares de visitantes á Feira.

O seu prototypo, assim como outros afamados productos dos laboratorios Philips, Eindhoven, Hollanda, acham-se em exposição no interior do interessantissimo «stand», que sem duvida, é o mais attrahente da Feira de Amostras deste anno.

O interesse do publico para este sumptuoso pavilhão é tão grande que, apesar do tempo desfavoravel por occasião da abertura da Feira, 15.000 pessoas visitaram o originalissimo «stand» sendo que, aos sabbados e domingos, a affluencia torna-se tão grande, que difficilmente os interessados podem visital-o.

A S. A. Philips do Brasil, representante da conhecida fabrica hollandeza, tem recebido innumeras felicitações pelo seu formidável successo, aos quaes não queremos deixar de juntar os nossos.

Entre os «stands» localizados no pavilhão principal da Feira de Amostras destaca-se o da ALFAIATARIA GUANABARA, pelo apuro com que apresenta um conjuncto dos mais modernos figurinos, executados com a maxima preoccupação de conforto e expressão de individualidade. — RUA DA CARIOCA, 54.

TODA TUA!

(ALL OF ME)

Da PARAMOUNT — com

Don Ellis	FREDRIC MARCH
Lyda Darrow	MIRIAM HOPKINS
Honey Rogers	GEORGE RAFT

Lente de physica numa escola superior de Massachussetts, o joven engenheiro Donald Ellis vê-se de repente numa difficil situação: frechou-o Cupido pelas mãos de Lyda Darrow, uma sua discipula, e o namoro está a ponto de não poder continuar, sem offerecer pasto á maledicencia publica.

Ellis resigna, então, o seu cargo e consegue occupação nos trabalhos de uma empresa do Rio Colorado. Propõe então á Lyda que se casem, mas a moça acha melhor esperarem até estarem bem certos de que nasceram um para o outro. Com esse parecer concorda a mãe de Lyda, que Ellis vem a conhecer em Nova York.

Nas suas excursões pela cidade, os noivos vão dar num café barato, onde observam, numa mesa proxima, Rogers e Eva Haron, dois jovens muito pobres que falam de seus amores e dos seus problemas. Bem sérios, estes, pois Rogers acaba de sahir da cadeia e o que elle ganha mal chega para viver. Além do que, Eva será mãe dentro de poucos mezes. Assim, graves difficuldades se oppõem ao casamento que ambos desejam.

O amor que o casal denuncia, a angustia dos dois, a abnegação de Eva que se esquece de si propria para dar animo ao companheiro e não deixar que elle seja arrastado a obter dinheiro por qualquer meio, commovem os dois espectadores da scena, e mais particularmente a Ellis. Isto sim, — pensa elle, isto é amor!

Um desmaio de Eva, ao sahir, offerece aos namorados occasião de entrar em relação com os dois infelizes a quem, por bem ou por mal, levam no automovel que os espera, com destino á casa de Eva.

Mas depois que os dois ficam sós, soffrem um grande desapontamento, pois a bolsa de Lyda desappareceu e o larapio só pode ter sido Rogers!

Momentos depois, Rogers cáe em poder de um detective que o persegue e que descobre no bolso do rapaz a bolsa roubada.

E é para Rogers, a cadeia! Para Eva, a penitenciaria!

Lyda, compadecida dos dois amantes, ajuda-os a fugir. Mas a policia os descobre e Rogers e Lyda preferem perder a vida a se perderem um para o outro.

Os dois se despenham pela janella do aposento antes que chega a policia.

Desse acto unica testemunha, foi Lyda que será presa como cumplice da fuga dos suicidas. Mas o amor, que nem da morte recuou, convence afinal a joven millionaria que não vacillará em desposar Ronald, logo que satisfaça á pena que lhe impoz a Justiça.

*** Aos treze annos Mae West cantava nos theatros de Broadway as canções da época, fazendo um ordenado de cento e cincoenta dollars por semana.

NANA

Segundo o romance de EMILE ZOLA

Producção de SAMUEL GOLDWIN

com ANNA STEN

Distribuido pela UNITED ARTISTS

QUANDO o carrasco cortou a cabeça do criminoso, aquella rapariga que assistia á execução fechou os olhos para não ver o terrivel espectaculo. No dia seguinte, aquella mesma rapariga via enterrar-se o corpo duma pobre mulher assassinada. Elle era seu pae; ella sua mãe. No coração da pobre pequena ergueu-se nessas horas tragicas um grande odio á humanidade. Jurou vingar-se da crueldade dos homens, obrigando-os a entregar-lhe o dinheiro que ella desejasse.

Resolvida a fazer-se rica, fôsse pelo processo que fôsse, começou a frequentar botequins suspeitos, onde a sua belleza causou desde logo sensação. Náná e sua amiga Satin faziam-se rogadas, desprezando apparentemente os admiradores para melhor os explorar. Entre os homens que, num botequim, certa noite, se sentiram dominados pela seducção de Náná encontrava-se o emprezario Greiver que desde logo lhe prometteu um logar de destaque no seu theatro e tudo quanto ella ambicionasse, é claro que sob certas condições. Tudo ella acceitou e dentro em pouco a miseravel Náná era o encanto do «boulevard» e vivia no luxo que sempre ambicionára. Mas o seu coração continuava frio para o amor. Só vivia para odiar e desprezar o homem, explorando-o.

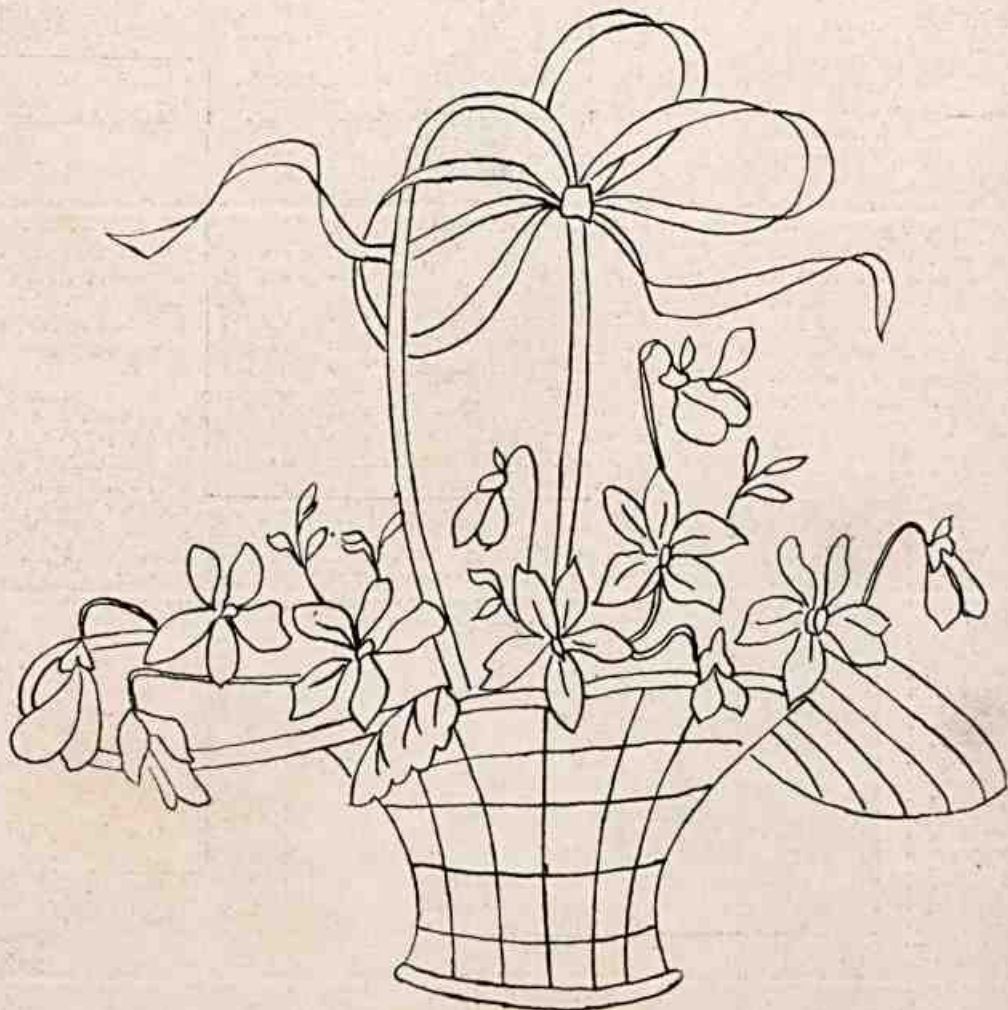
Mas naquella mesma noite em que se encontrára com Greiver, estava no botequim o joven official George Pleuffat, que ficou loucamente perdido de amor por ella. Custasse o que custasse, George resolveu falar-lhe e conquistar-lhe o coração. Uma noite entrou na «caixa» do theatro e falou-lhe com todo o ardor do seu coração moço. Náná não resistiu. Sem que ella o suspeitasse, o coração acordára-lhe para a paixão dominadora. E foi desde então uma vertigem sublime. Emquanto o theatro se conservava encerrado, nas férias de verão, Náná refugiar-se numa linda vivenda na costa do ... vivenda luxuosa que lhe offereceu Greiner. Foi ... formoso romance, em que os dois amantes viver... horas felicissimas.

George tinha um irmão mais velho, Andrée, zelo... das honras da familia, official também. Desde ... resolveu pôr um remate áquella ligação irregular ... irmão. Conseguiu, com o seu prestigio no mundo offi... transferir George para a Algeria. Foi uma dôr commovente ... separação dos dois amantes. Mas Andrée, que era um ... máu e hypocrita, não ficou por ahi. Denunciou os amores de ... a Greiner que, sabendo-se trahido, despediu Náná e a pôz ... vez na miséria.

Náná tinha o coração tão tomado de amor por George, que re... solveu trabalhar honestamente numa confeitaria, até que George voltasse, como promettêra. Escrevia-lhe todos os dias e ... os dias esperava as cartas de George, mas ellas nunca chegav... Começou Náná a soffrer horrorosamente. Foram cartas e mais ... tas, e já lá iam alguns mezes, e nem um simples cartão. E' ... Mimi, sua amiga, resolvêra pôr um fim áquelles amores que, ... seu pensar, eram a desgraça de Náná. Ella rasgava as cartas ... amiga e sempre que vinha uma carta de George rasgava-a ... bem. Farta de soffrer, Náná resolve voltar á antiga vida. ... O primeiro homem que lhe vem ao caminho, offerecendo-lhe ... luxo e conforto, é Andrée. Elle repugnava-lhe, mas havia ... monstro como que uma recordação de George.

Mas um dia chegou ... que nas ruas de Paris ... executavam marchas guer... reiras. A «Marselhesa» ... dava em todas as ... eas. Que era?... A guerra ... com a Prussia. Quando ... uma noite ella se encon... trava em estado de em... briaguez, entra-lhe no ... quarto, a farda coberta ... pó, o seu George. ... quer convencêl-o da ... dade, mas George recusa-... se a acreditar. Os ... irmãos defrontam-se ... mãos crispadas, os ... ções cheios de odio. ... vê toda a sua vida ... dida. Com um certeiro ... no coração, ella ... vida e deixa de ser ... tivo do furor que ... ra os dois irmãos, ... cessarios á salvação ... patria.

BORDADOS

Canto de lenço em ilhózes perfurados (bordado inglez) ou «pois» bordados a ponto cheio.

Cestinha de violetas bordada a matiz. Flores roxo claro, hastes e folhas verde médio, cesta «marron», laço azul, rosa ou lilaz.

SIEGFRIED

(Conclusão)

figura do rei seu amigo, e com facilidade toma a enfurecida rainha. Esta mais odeia Siegfried pois que, um dia, em uma rusga com Cremilda, vem a saber desta que quem mesmo a tem vencido é Siegfried, e ella lhe conta como. Brunehilde tudo conta ao principe Hagen que ella sabe um inimigo do seu inimigo e este vae ter com Cremilda e lhe conta o odio perigoso da rainha, pelo que deseja proteger Siegfried... E será preciso, para isso, que Cremilda lhe conte onde o marido tem a falha da invulnerabilidade, o ponto onde cahiu a folha de tilia... E lhe pede que sobre o manto marque com uma cruz esse logar, para que elle possa cobril-o com seu escudo...

Organiza-se uma caçada. O principe Hagen quer se valer daquelle momento para o que planejou com Brunehilde. E foi, quando lá no amago da floresta, emquanto, descançavam, que elle propoz ao rei um jogo sportivo, uma corrida até a fonte... E Siegfried a... para com facilidade vencer a ... tosa contenda. E, em chegando à fonte se debruça elle para se dessedentar na agua purissima e ... ca... Foi quando o seu ... aproveitando da posição, lhe ... a adaga sobre a cruz que os ... de uma esposa fiel marcára para proteger o esposo amado, e servira para sua perdição...

E assim morreu Siegfried.

O FILM QUE RENDEU 6 MIL CONTOS EM 3 SEMANAS DE EXHIBIÇÕES NO "RADIO CITY MUSIC HALL", O MAIOR CINEMA DO MUNDO
KATHARINE HEPBURN
JEAN PARKER
JOAN BENNETT
FRANCES DEE
Katharine
HEPBURN
QUATRO IRMÃS
"LITTLE WOMEN"
E UM CAST SOBERBO:
JOAN BENNETT — JEAN PARKER — FRANCES DEE — PAUL LUKAS — EDNA MAY OLIVIR
TRANSPOSIÇÃO DO FAMOSO ROMANCE DE LOUISA MAY ALCOTT, QUE EMPOLGOU 50 MILHÕES DE MOÇAS
2ª FEIRA SIMULTANEAMENTE
NO REX E NO BROADWAY
RKO RADIO PICTURES
BROADWAY PROGRAMMA

Notas de ARTE

GRANDE COMPANHIA DE ESPECTACULOS LYRICOS, SYMPHONICOS E CHOREOGRAPHICOS. — A SOMNAMBULA, op. em 3 actos de *Bellini*; *libretto* de *F. Romani*. — Em 6ª recita de assignatura, foi levada á scena do Theatro Municipal, na noite de 28 de agosto, a opera mais que centenaria de Vincenzo Bellini — A *Somnambula* — sob a regencia do maestro Ettore Panizza, e com esta distribuição: O *conde Rodolpho*, castellão — Santiago Font (bx.); *Thereza*, molleira — Anna Steni (s.); *Amina*, filha adoptiva de Thereza — Attilia Archi (s.); *Elvino*, rico senhor, noivo de Amina — Tito Schipa (t.); *Lisa*, hospedeira, enamorada de Elvino — Nice de Araujo Jorge (s.); *Aleixo*, conde, enamorado de Lisa — Eugenio D'Allargine (br.); *Um tabellião* — Nello Palai (t.).

Aos ouvintes familiarizados com as formas mais empolgantes do drama musical, quer melodico, como *Aida*, quer symphonico, como *Walkyria*, causa certa estranheza, dá impressão de penoso contraste, a série de cantilenas, o canto pastoral e elegiaco da *Somnambula*. Mas se abstrahirmos do parallelo, se nos collocarmos no ponto de vista do compositor e da sua época e do seu meio, ouviremos com sympathia o melodrama do mestre de Catania, e não deixaremos de o gozar e applaudir, como o gozaram e applaudiram as gerações que nos precederam. Tudo simples, mas tudo bello. Entretanto, para que a extrema simplicidade não lhe prejudique a belleza, é preciso que os interpretes collaborem, por assim dizer, com o autor, dando acentuado realce ás cantilenas. E essa collaboração vem sendo realizada desde que a opera surgiu. Os mais celebres cantores têm feito da *Somnambula* um dos mais bellos florões da sua celebridade. Assim Malibran, Pasta, Tetrazzini, Galli-Curci, Caruso, Chialiapin e tantos outros artistas de fama universal.

Na edição do Municipal, se nem todos eram celebridades — e essa hypothese nunca se deu — houve um pertencente á excelsa estirpe — Tito Schipa — e, dada a homogeneidade do conjuncto, apesar deste ou daquelle deslise, o espectaculo agradou o bastante para ser senão pleno, parcialmente applaudido.

A sra. Attilia Archi, se nem sempre foi feliz, encarnou bem a figura de Amina, cantou com agrado trechos vários, sobresahindo mesmo na aria — *Ah non credea mirarti*, que teriamos de interpretação perfeita, se não lhe tivesse penumbrado o brilho a estridencia de um agudo final.

Tito Schipa, cuja voz actual só talvez defira da antiga na qualidade dos agudos, e mantém sempre nos graves e médios a rarissima belleza de timbre — razão maxima da sua celebridade — foi excepcional Elvino. Impressionou-nos mais especialmente em — *Prendi: l'anel ti dono*.

Santiago Font, bom Rodolpho. Mereceu os applausos que o brindaram na aria — *Vi ravviso, o luoghi ameni*.

A srta. Nice de Araujo Jorge desempenhou com sympathia o antipathico papel de Lisa. A frescura da sua voz sobresahiu bastante na aria inicial — *Tutto è gioia*.

O barytono Dalil Argine e a soprano Steni concorreram directamente para o bom exito do espectaculo. Os córos mais uma vez brilharam pela sua homogeneidade e afinação. Distinguimos mais particularmente o do 2º acto — A fosciclo. Magnificos scenarios. Impeccavel orchestra. — LA GIOCONDA, opera em 4 actos de *Ponchielli*; *libretto* de *Arrigo Boito*, extrahido do drama de *Victor Hugo*, Angelo, ou o Tyranno de Padua. — Em 7ª rec. de assignatura ouviu-se no T. M., na noite de ... de agosto, a grande opera-baile de Almicare Ponchielli *La Gioconda* (A *Jocunda*), sob a regencia do maestro Angelo Ferrari, choreographia de Maria Olenewa e Sergio Lifar, e com a seg. dist.: dos principaes personagens da opera — *Gioconda* — Gina Cigna (s.); *Laura* — Ebe Stignani; *Alvise* — Santiago Font (bx.); *A Cega* — Amalia Pertola (c.); *Enzo* — Aureliano Marcato (t.); *Barnaba* — Carlo Tagliabue (br.); — e das solistas dos bailados: *Furlana* (b. do 1º a.) — Maria Carbonnel, Liubow Sumarokowa e Peggy Morzer; *Dança das horas* (b. do 3º a.) — Maryla Grzybowska (Manhã), Maria Carbonnel e Peggy Morzer (Meio-Dia), Tatiana Leskowsky, Liubow Sumarokowa, ... Markand, Jako Linderberg (Noite); *Pas de quatre* — Ruth Harris ...

A senhorita Maria Paula Souza Britto, pertencente á classe da conceituada professora sra. Lucia Branco Soares, no Instituto Nacional de Musica, foi uma das laureadas no ultimo concurso de piano realizado naquelle estabelecimento, tendo sido distinguida com o primeiro premio — medalha de oiro.

A festejada actriz Maria Emma, ... elemento destacado da Companhia ... nella-Franco, que, depois de brilhante temporada no theatro Republica, seguiu para São Paulo.

Bella entre as mais bellas do repertorio italiano, a Gioconda parece uma opera de transição entre o velho estylo dos operistas, que faziam da voz quasi o unico instrumento musical, e o novo, que a incorporou como qualquer outro ao conjuncto instrumental, á orchestra. Na Gioconda ha voz e ha orchestra, embora aquella sobre esta predomine: o que aliás a torna mais bella, que a voz é e sempre foi o mais bello, o mais emotivo, o mais empolgante dos instrumentos, o unico que tem realmente alma. Todas as bellezas da Gioconda tiveram pela Companhia do Municipal execução integral. Espectaculo verdadeiramente notável. Certo, analysando minuciosamente, poder-se-iam assignalar estas e aquellas faltas, mais no conjuncto todas ellas desappareceram: Cantores, orchestra, bailados, scenarios, indumentaria, tudo formou um só todo harmonioso que agradou, encantou, emocionou, enthusiasmou, durante mais de tres horas os 2.500 espectadores que enchiam completamente a sala do espectaculo, da platéa ás galerias.

A sra. Gina Cigna, que só conheciamos através d' Turandot, e que não nos impressionára como desejavamos, mostrou-se na heroina do melodrama, artista integral pela voz e pela arte. Todos os seus bellos predicados se foram revelando cada vez mais no correr da representação, até que chegou a radioso apogeu no 4º acto, onde foi grande cantora e grande artista. Nos dois pontos culminantes do drama lyrico, a scena e aria — Suicidio! e o duetto — Il patto mancato, ascendeu a altissimos arrancando do auditorio empolgado calorosas ovações.

Parceira condigna da sra. Gina Cigna foi a sra. Ebe Stignani, que na figura de Laura todos os primores da sua voz e da sua arte. Entre elles destaquemos especialmente a prece — Stella del marinar! e o grande duetto — L'amo come il fulgor del creato, onde as duas artistas surgiram tanto, que difficilmente se poderá dizer qual subiu mais. Perderam-se nas mesmas alturas inaccessiveis da arte lyrica [illegible] bella e empolgante [illegible] conduzindo-as e o publico mesmo nos [illegible] enthusiasmos da [illegible] diante [illegible] o espectador [illegible] da continuidade ininterrupta das palmas e dos bravos, e dos bis, que o [illegible] ambos [illegible] exi[illegible] ficou sendo [illegible] das ovações.

Embora sem [illegible] attingir ao mesmo [illegible] que attingiram as [illegible] o tenor Au[illegible] não deixou de con[illegible] efficazmente para os bellos effeitos dos duettos entre Enzo e Gioconda, entre Laura e Enzo. Ven[illegible] a celebre e formosa romança — Cielo e mare, recebendo ao terminal-a applausos intensos e numerosos.

NOTAS DE ARTE

(CONTINUAÇÃO)

A sra. Amalia Bertola encarnou com apreciavel correcção a figura da Cega. Agradou e foi applaudida na celebre aria do rosario — Voce di donna.

Carlo Tagliabue corporificou bem o repugnante espia, o lugubre Barnaba. Brilhou com relativo brilho na barcarola — Affonda l'esca e na famosa aria — O' monumento.

Santiago Font, discreto Alvise. Cooperou para que no duetto — Bella così madonna, mais uma vez brilhasse a grande voz de Ebe Stignani, a supplicar — Morir! è troppo orribile.

(Continúa na pagina seguinte)

Os bailados, bello pretexto para novos triumphos dos dançarinos de Maria Olenewa e Sergio Lifar. Sempre perfeita, a orchestra deu especial relevo ao bello preludio. Os córos sempre louvaveis e louvados contribuiram muito para o bellissimo effeito do grandioso concertante do 3º acto. Emfim a representação da Gioconda foi um espectaculo sensacional; dos melhores, senão o melhor da temporada. — Rigoletto,

NOTAS DE ARTE

(C O N C L U S Ã O)

op. em 4 actos de Verdi; libretto de F. Piave, extrahido do drama de Victor Hugo — Le roi s'amuse. — Em 8ª rec. de assign. representou-se no T. M., em a noite de 1º de setembro, a grande op. de Verdi, Rigoletto, sob a regencia do mº. A. Ferrari e com a seguinte distribuição dos principaes personagens: Rigoletto — Carlo Tagliabue (br.); O duque de Mantua — A. Weseslowsky (t.); Gilda — Attilia Archi (s.); Sparafucile — S. Baccaloni (bx.); Magdalena — Amelia Bertola (s.).

Com 83 annos de idade, pois foi estreada em Veneza a 11 de março de 1851, o *Rigoletto* conserva uma eterna juventude. A mais moça das trez operas que formam a transição da obra inicial á obra final do mestre de Bussetto, *Rigoletto*, como as duas emulas da trilogia (*Trovador, Traviata, Rigoletto*) não é só uma anthologia de arias e duettos, mas uma verdadeira acção musicada. E a musica de ininterrupta belleza. Se se destacam lindos fragmentos são elles apenas os mais lindos, porque tudo que se não destaca ainda é bello.

Mais uma prova dessas verdades a representação do *Rigoletto* pela Companhia do Municipal.

Os scenarios, a indumentaria, os bailados, os córos e a orchestra de rara e emotiva belleza. Formaram um ambiente de arte dos mais vivos e interessantes, onde os cantores viveram com mais ou menos brilho, com maior ou menor perfeição o famoso melodrama.

Carlos Tagliabue foi, como você, das melhores encarnações do celebre bufão. Bom no *Pari siam* e em *Cortigiani, vil razza dannata*, ainda melhor em *Si vendetta*, onde brilhou tambem A. Archi, e que foi calorosamente ovacionado.

A sra. Attilia Archi mostrou que além de cantora bella é tambem bella cantora. Conduziu bem, salvo um ou outro senão, toda a representação e nos deu uma das melhores edições do *Caro nome*. Mantendo sempre a mesma musicalidade, superou todas as difficuldades da famosa aria e imprimiu-lhe admiravel belleza communicativa. Toda a sala se sentiu empolgada e palmeou com enthusiasmo a victoriosa cantora.

Alessandro Weselowsky, embora não satisfizesse plenamente na encarnação do Duque, todavia agradou em alguns trechos. Relativamente a outros, é destacavel a aria — *Ella mi fu rapita*.

Salvatore Baccaloni bom Sparafucile, e Amalia Bertola apreciavel Magdalena.

Applaudidivel, e mais ou menos applaudido, o celebre quartetto — *Bella figlia dell'amor*.

Medindo pelos nossos e pelos applausos do publico, o exito das representações da semana lyrica, classificamos o do *Rigoletto*, entre o da *Somnambula* e o da *Gioconda*: acima da op. de Bellini, e abaixo da de Ponchielli.

OSCAR D'ALVA

QUADRO

E' uma casinha primorosa e bella.
Tem na frente um jardim e está situada
Bem no leito da extensa e bôa estrada
Que liga o campo a povoação singela.

Esta casa é um escrinio raro. Nella,
(Em meio á sã belleza enamorada
Da paizagem que a envolve e que cultuada
Já devera ter sido na acquaréla).

Residem duas almas de infinita
Bondade, graça, intelligencia e fé,
Da poesia recondita e bonita

Que este quadro contém, a synthese é:
Dois nomes: o de Ruth e o de Cacita,
E um distico: "Vivenda S. José".

PETRARCHA MARANHÃO

A MÃE

A joven actriz, terminado o segundo acto, que lhe valêra os mais retumbantes applausos, depois de se ter livrado da grande turba de admiradores, o que não fez sem difficuldade, entrára no camarim e logo um véo de tristeza substituiu o sorriso que se via obrigada a ostentar com uma falsa tranquillidade, para que ninguem tentasse penetrar no segredo de sua vida, no drama em que a envolvêra o destino.

Um subito abatimento a prostrava, sempre que se encontrava longe de todos, sem aquella farça que vinha representando, e então uma revolta intima, um desejo de abandonar aquella vida explodiam num soluço que a suffocava.

Naquella noite, antes que tivesse tempo de sentir o amago sabor que lhe chegava com a solidão, o seu olhar foi attrahido para um pequeno enveloppe branco que, sobre a penteadeira, entre caixas de pó, crêmes e perfumes, fazia resaltar a pureza que delle emanava.

Tremula, commovida, apoderou-se daquelle pedaço de papel, como se elle lhe trouxesse o ansiado allivio, e, com soffreguidão, leu:

"Mamãe querida: — Ha trez dias não a vejo e de saudade penso que o meu pequenino coração deixará de pulsar. Terá esquecido o pedido que lhe fiz?

"Venha, mamãezinha!, e verá como falo a verdade!

"Com lentidão se têm passado as horas destes dias. O velho Midet, creio que por haver desconfiado de qualquer coisa, prohibiu-me que escrevesse, e com certeza me será difficil expedir este bilhete. Confio, porém, na fidelidade do nosso Finot e te envio, mamãezinha adorada, o affago saudoso num beijo do teu triste e só — *Andrézinho*."

Avidamente, leu e diversas vezes releu aquelle papelzinho, beijando com delirio o nomezinho que nunca se cansava de pronunciar bem alto, para que os seus proprios ouvidos se extasiassem, se deliciassem com a harmonia daquelle conjuncto de sons.

Ah! o seu Andrézinho! Como o amava!

Que mais deveria ella fazer para lutar contra a maldade humana, — para abater aquella elevada muralha de preconceitos que, interposta entre elles, os afastava sem piedade?

Um odio surdo levantou-se então em seu peito, contra aquella sociedade que havia momentos a applaudira clamorosamente, vendo apenas a mulher que sabia empolgar triumphando, e uma onda de soluços rompeu daquelle peito cansado de soffrer.

Como lhe custava viver assim!

Ah!... mas elle tinha apenas quatorze annos, e ainda sentia falta de sua mamãe!

* * *

A cabeça entre as mãos, Margot, como se tornára conhecida, chorava baixinho, completamente esquecida das orações e trophéos que acabára de conquistar.

Entre os dedos, sentia a caricia que lhe transmittia aquella cartinha enviada pelo filhinho. Começou então a reviver, um a um, os instantes tenebrosos da sua vida amargurada que attingia um innocente, para quem ella vivia e por quem soffria resignada.

Vieram-lhe á mente o desprezo a que a votaram as amigas e a solidão em que se vira obrigada a refugiar-se, fugindo daquella sociedade que a repudiára, como se a sua fraqueza a revestisse de uma nojenta camada de ulceras.

* * *

Casára-se Margarida Viroux, aos 17 annos, com um rapaz alguns annos mais velho, porém, de futuro brilhante e cheio de esperanças.

André Bertrand encontrára na esposa a melhor amiga, a companheira laboriosa que o encorajava a cada momento, fazendo-o esquecer nos instantes difficeis, infiltrando-lhe a coragem que ás vezes lhe faltava.

Depois de um anno de luta, uma victoria brilhante coroára aquella harmonia, que acabára de ser completada com o nascimento do pequeno André.

Esposa e mãe amantissima, Margarida o anjo do lar que enchia da felicidade almejada, com um inesgottavel carinho e infinita bondade de coração.

Passaram-se assim sete annos de intermináveis venturas, quando começou o pequeno, no seu desenvolvimento quasi precoce, a reclamar estudos mais completos do que aquelles que lhe eram transmittidos pela mãe, muito

De Okava Potimy

hora entregue ás occupações caseiras.

A idéa de ter a criança um professor que a acompanhasse diariamente nos passeios, nos exercicios gymnasticos e até nas visitas dos amigos foi realizada, tendo o casal contractado o joven Gastão Riel, conhecido como senhor dotado de superiores qualidades moraes e intellectuaes.

Satisfazendo completamente ás exigencias de professor e preceptor, foi Gastão, com o tempo, se affeiçoando á criança, que exigia a sua companhia como do mais intimo companheiro de travessuras.

Não tardou, portanto, que fôsse tratado como de familia, passando a residir na mesma casa para vigiar melhor o pequeno André.

Já tres annos se haviam passado e Gastão sentia-se ainda e cada vez mais unido áquella familia, de quem recebia o melhor conforto, fazendo-lhe esquecer a vida de privações que levava como professor particular.

Chamado por telegramma, para attender a urgentes necessidades, ausentou-se André, certo de que o primeiro trem que partisse da cidade vizinha o traria de volta aos braços amantes e carinhosos da esposa, ao aconchego doce e inebriante da familia.

Inesperados accidentes, porém, fizeram-no prolongar aquella ausencia, e não era sem temor que pensava no perigo que talvez pudesse correr a sua Margarida, candida e pura é verdade, mas joven e seductora bastante para tentar um homem intelligente e insinuante como Gastão.

Os dias corriam, para Margarida, lentos e monotonos, sempre entristecida por uma grande saudade do querido ausente.

Emquanto Gastão acompanhava de perto o pequeno André, sendo por isso obrigado a se afastar, sentia-se ella amedrontada, sempre receiosa de que algum mal a acommettesse.

Era com grande impaciencia que aguardava a hora do jantar, quando podia espairecer a sua angústia nas novidades com que sempre a entretinha o filhinho.

Mais tarde, porém, quando, depois de muito tagarellar, se despedia o pequeno com ternura da mãezinha que o estreitava como a pedir-lhe que ficasse um pouco mais, e com reverencia do querido mestre, como tudo se transformava no espirito da mulher, que, lutando para fugir a attracção que Gastão exercia sobre ella, não fazia mais que mostrar-lhe quanto desejava sua presença.

Não era menor a luta que no intimo de Gastão se travava, após a sahida do pequeno.

Conversas futeis, entremeadas de longos intervallos, enchiam aquelle tempo que se lhes afigurava interminavel.

Naquella noite, noite fatidica do inverno, siléte de fogo para o coração de Margarida, fugindo do frio, achavam-se os trez accommodados em amplas poltronas ao lado da estufa, quando o pequeno manifestou desejos de fazer as despedidas.

Um medo atroz apoderou-se de Margarida, que, attrahindo a si o pequerrucho, procurou com historias cheias de fantasias, despertál-o, sentindo que lhe faltariam as forças para sózinha se defender.

Inutil esforço!

Dentro em pouco pesava sobre o seu collo a cabeça do pequeno André, que, innocente do mal que o seu somno viaria causar, se deixára vencer.

Não foi, porém, nesse dia, reclamada a criada que devia conduzil-o e sobre os trez cahiu pesado silencio.

Immoveis e perturbados, conservaram-se por algum tempo, até que, ao levantar a vista, notou Gastão que dos olhos tentadores de Margarida, fixos nos seus, brotavam a chamma a que se não póde resistir, o abysmo insondavel, o mysterio do amôr.

Lentamente, approximou-se e, amorosamente, uniu a sua bôcca aquella bôcca ansiosa, sorvendo, num vehemente desejo, o amôr que o cegava e enlouquecia. Languida, sem offerecer resistencia, entre-

(*Continúa na pagina seguinte*)

Chronique Littéraire Française

LE MOYEN-AGE — LA POESIE DIDACTIQUE — LE ROMAN DE LA ROSE

LES chansons de geste et les romans bretons étaient des oeuvres destinées à un public illettré: seigneurs, bourgeois ou peuple. Parallèlement à cette littérature s'en développe une autre, celle des *clercs* (lettrés). C'est une littérature didactique, morale, allégorique, plus savante et même souvent pédante. Elle est presque entièrement oubliée actuellement, mais elle obtint, de son temps, un succès considérable.

Parmi les oeuvres les plus importantes, on peut citer: 1) *des traités de morale*: SOMMES DES VICES ET DES VERTUS — CHASTIEMENTS DES DAMES — etc. 2) *des discussions entre des personnages allégoriques*: LES BATAILLES — LES DEBATS. 3) *des traités scientifiques*: LES BESTIAIRES (histoire naturelle) — LES LAPIDAIRES (minéralogie) — etc. 4) *des dits descriptifs*: DITS DES RUES, DES MOUTIERS...

Le chef-d'oeuvre de cette littérature est le ROMAN DE LA ROSE, qui est une sorte *d'encyclopédie* des connaissances *scientifiques* de l'époque, en même temps qu'un *code d'amour* et une oeuvre de *morale*.

Le ROMAN DE LA ROSE est formé de deux parties très différentes, faites par deux auteurs différents; la première de 4.000 vers environ, faite vers 1.236, par GUILLAUME DE LORRIS — la seconde, de 18.000 vers environ, faite vers 1.276 par JEAN DE MEUNG.

1.e PARTIE: Elle est en vers de huit syllabes (les plus fréquents au Moyen-Âge) rimant deux par deux. *Sujet*: Guillaume suppose qu'il a eu un songe. C'était au mois de mai. Il arrive près du royaume du dieu AMOUR que défend un mur à créneaux orné de dix statues peintes qui sont les choses hideuses de la vie: *Haine, Félonie* (bassesse), *Vilenie, Convoitise, Avarice, Envie, Tristesse, Vieillesse, Papelardise* (hypocrisie) et *Pauvreté*. Dame *Oiseuse* le fait pénétrer dans le beau jardin où *vivent Liesse et Déduict* parmi les plaisirs, les danses. Là, il rencontre le dieu *Amour* qui le perce de 5 flèches et lui fait savoir ses commandements, qui sont un véritable manuel de courtoisie et de savoir-vivre. Alors *Bel-Accueil* conduit le poète près de la ROSE, qui représente la personne aimée. Mais elle est gardée par *Honte, Peur, Danger* (refus), *Malebouche* (indiscrétion, médisance). Dame *Raison* tente bien de lui donner des conseils, mais le poète ne les écoute pas, non plus que ceux de l'Ami. Il s'approche de la rose et lui donne un baiser. *Malebouche* éveille alors *Jalousie* qui construit une forteresse où elle enferme *Bel-Accueil*. Celui-ci se désespère et se lamente de ne pouvoir cueillir la rose.

Caractère de la 1.e partie: Ce poème est une longue allégorie, un code d'amour et de galanterie, un traité de civilité. Mais il est plein de *charme et de poésie*, rempli de *tableaux d'une grande vérité*. Il possède en outre le mérite d'être *clair*. *L'analyse psychologique* y est remarquablement poussée. Les sentiments les plus délicats y sont excellemment étudiés.

Le succès de cette première partie fut si grand que l'allégorie, qui pour la première fois apparait dans une oeuvre importante, envahit désormais la poésie lyrique où elle dominera pendant plusieurs siècles, au détriment de la vérité.

2.e PARTIE: *Guillaume de Lorris* meurt sans achever son poème. JEAN CLOPINEL, de Meung sur Loire, et pour cela dit JEAN DE MEUNG, décide de le continuer. Cette suite a 18.000 vers de s[...] labes.

Les personnages sont les mêmes mais le fond comme la forme sont très différents de ceux de la 1.e partie: *Dame Raison* tente de détourner *Bel-Accueil* de la poursuite de la *Rose*, parlant fortune, justice, bien, mal... en d'interminables discours. Bel-Accueil, peu à peu vaincu, va trouver *Ami* qui lui donne à son tour des conseils sur la façon de conquérir et de garder la Rose, lui décrit l'âge d'or et l'origine des sociétés (inspirations d'Ovide). *Amour* attaque enfin la forteresse où est enfermée Bel-Accueil. Parmi les compagnons du dieu *Amour* se trouve *Faux-Semblant* l'hypocrite (ancêtre de Tartuffe). *Dame Nature*, qui intervient, sous prétexte de se confesser à son chapelain *Génius*, expose le système du monde et traite à fond de philosophie et de physique. A la fin, *Amour* prend la forteresse, et le poète, guidé par *Bel-Accueil*, peut cueillir la *Rose*.

Caractère de la 2.e partie: La 2.e partie du Roman de la Rose est essentiellement différente de la 1.e. Le sujet et la méthode de l'allégorie permanente y sont semblables, mais c'est là la seule ressemblance.

G.de Lorris était un poète élégant et courtois, s'adressant à un public de dames et de seigneurs. C'était un *admirateur* de la femme, un *flatteur* et un *amoureux* qui avait voulu célébrer seulement l'AMOUR, sa passion:

"Ci est le ROMANT DE LA ROSE
Où l'art d'amors est tote enclose
La matière en est bonne et nueve"

J. de Meung est au contraire un *ennemi des femmes*. Mais il y a plus, et son oeuvre contient une satire profonde qui vaut la peine d'être notée.

La suite au prochain numéro.

EDGARD LIGER-BELAI[R]

A Mãe

(C O N C L U S Ã O)

gou-se Margarida ás caricias do joven, que a abraçára com amôr.

Enlevados, absorvidos por aquella paixão que violentamente sobre elles desencadeára, não sentiram que o tempo corria, que o perigo delles se approximava.

Já doze badaladas se haviam feito ouvir, quando um ruido abafado de passos os fizéra de subito voltar para a porta que communicava com o *hall*.

Na entrada, estatico e desfigurado, achava-se André.

Um só gesto de André bastou para inteiral-o da situação... E depois...

A inclemencia do destino, convidou-a a soffrer supplicas e uma vida de privações e miserias. Tudo lhe fôra negado. Até beijar o filhinho, que lhe fôra arrebatado sem uma despedida.

Diversas vezes foi por Gastão procurada. Recusou attendêl-o, declarando que o odiava.

As difficuldades e sacrificios que vencêra para seguir de perto o filho, receiosa de que elle a esquecesse, foram bem o preço da sua traição.

Sabia-o isolado do pae, que o olhava como cumplice de um amor que julgou muito mais criminoso, e essa dôr a matava lentamente.

Guiada por uma bôa estrella, chegou Margarida áquella posição de primeira actriz de uma companhia dramatica, cujos louros colhia com desdem e rancor.

* * *

Não podia ser feliz a pobre Margot, longe do filho, para todos indigna de ser sua mãe.

E naquelle instante já elle a esperava. Não podia recusar aquelle chamado. Iria ainda que isso lhe custasse a vida.

Havia trez dias que um inconcebivel receio a assaltava na hora de correr á entrevista, e um grande medo de que a descobrissem para muito longe a fazia recuar, depois de estar já bem perto do portão que a esperava sempre aberto.

* * *

Resoluta, num modesto traje, deixára o theatro, e embora tarde da noite, correra em busca do unico bem que lhe era permittido na vida.

Timida e cautelosa, chegára ao portão. Com o cuidado de sempre, empurrou-o, estacando na sombra como para conter o coração, que parecia querer saltar-lhe do peito.

Como malfeitor, procurando abafar o ruido dos passos na areia do jardim, já bem proximo do logar onde costumava encontrar o seu Andrézinho, ia contornar um canteiro, quando um tiro se fez ouvir, ao mesmo tempo que um grito e o ruido da quéda de um corpo.

Pae e filho, a um tempo, acharam-se ao lado de Margot, que agonizava, e que, sem um gesto de pesar, tomando, entre as suas, a mão do pequeno André em prantos, a levou ao peito, e depois, com algum esforço, aos labios, que num ultimo alento deixaram escapar uma palavra de gratidão para aquelle que não soubéra perdoál-a:

— Obrigada, André! Faze delle um homem como tu o soubeste ser!

INCOMPREHENDIDA

CHAMAVA-SE M. W. Si pronunciarmos essas letras em yankee, resultará uma consonancia bastante exotica.

Os negros do Novo Mundo, segundo a velha lenda, não querem ter filhos porque não sabem que nome lhes dar. O de M. W. é, a um tempo, ridiculo e encantador, porque revela a ingenuidade dos negros e a sua concreta imaginação.

M. era herança do pae (*man*, homem) e W. da mãe (*woman*, mulher.) Sabe-se que é costume entre os negros norte-americanos accumular em seu nome a dupla herança das iniciaes paterna e materna.

Sua geneologia não é a mim que cabe estabelecêl-a, mas a Deus. Mas, talvez remontando-se á época da guerra civil, se pudesse descobrir-lhe uma antiguidade quasi senhorial.

O que lembrava era uma infancia zelosa e selvagemente cuidada por uma mãe muito bella, de doirada pelle, que lhe cantava canções de rythmo lento e sempre novas, que a menina ouvia com seus grandes olhos muito abertos. Os negros se parecem com os artistas porque são creaturas espontaneas. Sua inspiração não está limitada por severas regras: fórma uma arte embryonaria cheia de melancolia. Os negros cantam como nós outros falamos e com mais verdade.

M. W. havia nascido, pois, naquella região que os norte-americanos chamam *the rolling country* (o paiz ondulado) e que desde o outomno é primavera.

Seu pae tinha fama de sabio, e a mulher dizia, falando delle:

— Meu marido sabe muito; póde ler um livro do principio ao fim, comprehendêl-o quasi todo e depois contál-o.

Certamente, aquillo devia representar para ella a *summa sapientia*.

O homem havia ganho honradamente sua vida como musico. Possuia um dom quasi unico de dar ao *jazz* maior relevo, si cabe, batendo os pratos um contra o outro. Haviam-se reunido trez amigos, Harry, Ben e Johnny, organizando uma orchestra cujo nome havia chegado até Washington.

Ninguem póde imaginar que luz e que alegria trazem as danças dos placidos yankees de então. No fim do baile se excitavam de tal modo que se punham de pé, e começavam a cantar, embora a canção que entoavam não estivesse de accordo com a musica.

Johnny cantava e dançava ao mesmo tempo. A's vezes, parava dois ou trez compassos e ficava olhando o vacuo, com os olhos abertos. E o publico applaudia a romper as mãos, porque Johnny se entregava por inteiro e se enlouquecia naquelle torvelinho de rythmos, como a mariposa que vae attrahida pela luz até que queima nella suas azas de esmalte.

Todo europeu que não houvesse tido para os negros a repulsão instinctiva que sentem por essa raça os norte-americanos, julgaria M. W. uma formosa boneca de carne e osso, a quem o sol tivesse beijado em demasia. Tinha os olhos com reflexos de ouro, cabellos negros, dentes alvissimos, e seu corpo era uma bella amphora animada.

Duas tendencias se encontravam reunidas nella, e lutavam como dois adversarios em um duello em que algum dos dois deve tombar.

Era branca e negra, aristocrata...

De Christiane Fournier

ca e plebeia. Possuia um encanto indefinivel e certo desprezo para os que não eram como ella.

Quando M. W. completou quatorze annos, sua mãe resolveu assimilal-a o mais possivel aos brancos e mandou-a para uma escola do Norte.

M. W. chegava a seus resplandecentes vinte annos, quando esboçou aquella novella que foi a expressão da guerra desigual declarada pelo costume contra a personalidade, pelo corpo contra a alma.

Simplesmente, se apaixonou por aquelle a quem seus companheiros chamavam o *bolshevique*.

O homem do Norte se assimilou rapidamente. Era um exemplo typo. Nascido na America do Norte, havia herdado de seus paes a graça slava.

Dedicava-se á sciencia, como teria podido dedicar-se aos negocios, e tinha esse excesso de actividade que os europeus desconhecem. Era orgulhosamente pobre, e se formára por seus proprios meios.

Quando terminava suas horas de trabalho e o reflectia tons de opala, ia sujar as mãos, como dizia rindo, trabalhando de operario, para attender ás necessidades materiaes de sua existencia.

Era de uma fealdade estranha e attrahente e em seus olhos azues se liam uma idealidade positiva e má vontade tenaz.

M. W. já não ria. E não é que tivesse muitas occasiões de fazêl-o, isolada como se achava naquelle ambiente quasi hostil, e sem pertencer a nenhuma associação, a nenhuma *sorority*, que é a base de todas as relações chamadas amistosas. No emtanto, se fizera muito amiga de Ethel Ryan, cujo passado era um pouco obscuro, e que estava collocada entre aquelles a quem se faz sentir sua inferioridade social.

Um desses radiosos dias de outomno, quando o cheiro do feno que vem dos prados parece embriagar e adormecer, iam as duas pelo caminho cheio de folhas sêccas que serpenteia o lago.

— Por que tens sempre os olhos magoados, *my dear?* — perguntou Ethel.

M. W. estremeceu e respondeu com o sorriso um pouco timido daquelles que não são felizes. Ethel continuou com sua psychologia directa.

— Trata-se de algo *one sided!*

E' quasi impossivel traduzir essa encantadora expressão que demonstra a melancolia do que ama e não é correspondido.

Mas, dessa vez, os olhos de M. W. brilharam, e ella respondeu:

— Oh, não!... Elle me quer tambem, mas já sabes...

Sim: ambas sabiam quão pesada é essa justiça de uma democracia legalmente admittida e sentimentalmente repellida.

Durante trez annos haviam vivido horas de estudo e de recolhimento no mesmo salão do collegio. Seguiam ambas os cursos da *graduate school*, onde os alumnos são pouco numerosos e o professor é um amigo.

Falava-se e discutia-se amistosamente sobre philosophia social, especialmente.

Aquellas discussões, começadas na aula, ellas as contavam no *seminar*, sala de estudos dos alumnos, que possúe todo collegio norte-americano que se respeite. Daquelle salão transformado em seu *home*, surgiam as mais esquisitas e amargas recordações de M. W.

Era em fins de novembro. Aquella tarde entrou depois delle no *seminar*. O *bolshevique* levantou a cabeça e sorriu. Depois, extendeu-lhe uma folha de papel, e disse:

(*Continúa na pag. seguinte*)

Insonias nervosas

Quem dorme mal é porque tem um orgão ou mais de um em mau funccionamento. A's vezes a insonia corre por conta de simples fraqueza, e esta, por culpa de uma alimentação pobre em determinados elementos, indispensaveis ao organismo. Basta, em muitos casos, modificar o regime alimentar, para corrigir a insonia. Além de que os resultados sejam rapidos e duradouros é mister usar um estimulante do metabolismo e para esse fim, nada melhor do que as injecções fortificantes de Tonofosfan da Casa Bayer. Desde as duas ou traz primeiras injecções voltam as disposições geraes do organismo e, consequentemente, o somno.

INCOMPREHENDIDA — (conclusão)

— E' para você M. W.

E ella leu:

"A verdade que tu pensaste; o que queres do amor; todo o bello que sonhaste o tempo não poderá destruil-o. E' uma colheita que está ao abrigo das inclemencias, pois pertence á eternidade."

M. W. sentou-se a seu lado e elle tomou-lhe as mãos. Uma onda de scepticismo inundou-lhe o coração e ella ficou admirada de não sentir-se mais emocionada. Olhou os flocos de neve que se desfaziam contra os vidros, e pensou que, ao voltarem outros flocos semelhantes quando a natureza houvesse esgottado a magia de suas estações, não restaria sinão uma pallida recordação de seu amor.

— Você é sincero? — perguntou M. W.

— Amo-a com toda alma — respondeu elle, fixamente — e se dos-partaram em mim, para adoral-a, adormecidas potencias mysticas. Si as coisas não fossem o que são poderia anniquil-a inteiramente, sem esconder esse carinho, e sentir-me-ia o mais feliz dos homens.

M. W. comprehendeu claramente, mas não disse nada.

. . . .

Havia sete annos que mãe e filha não se viam. Mas, preoccupada com sua elegancia que destoava naquella casa de negocios, M. W. empurrou a porta, e balbuciou:

— Oh... Ma... Tu, minha filha?! — disse a mãe, correndo para ella e abraçando-a — Por que? Expulsaram-te dali?

— Não, não... Fui eu que quiz vir.

— Desejavas ver tua velha mãe antes que ella se fosse para bem longe, não é verdade, filha?

E abraçou-a com ansia, olhando angustiadamente o rosto myrrhado, os olhos tristes, toda a figura envolta no mysterio daquelles annos de ausencia.

— Oh, Ma!... Tu não irás ainda, porque eu quero ficar comtigo.

— Não é conveniente, agora, o seu misturar-se com elles. Sempre consideraram a gente como uma paria... Si vivesses. Mas, que pena tenho!

M. W. abraçou mais estreitamente sua mãe e se poz a chorar. De sua dolorosa e inutil viagem ás terras do Norte, dos brancos, trazia a amarga convicção de que os prejuizos são mais fortes que todos nós e que nada póde vencel-os. Nem o amor.

FELICIDADE

Eu, que não quero ver-te, e que fugia
de te evocar em sonho ou realidade,
hontem, não sei porque, porque seria,
sonhando, eu te chamei, Felicidade!...

Vieste, emfim... Trouxeste-me a alegria,
trataste-me a tristeza que me invade...
Mas, ah! quando feliz eu renascia,
tu me fugiste, então, Felicidade!

E ora este sonho minha vida junca...
Porém, na realidade, eu bem prevejo
que nunca... nunca... hei de encontrar-te, nunca!...

Pois só existes como eu te supponho:
— no florir passageiro de um desejo
ou na existencia ephemera de um sonho...

José Silva Rios

O INCENDIO

De PITIGRILLI

(Continuação do numero anterior)

Agora era um homem qualquer.

— E's como o "Albatroz" de Baudelaire — disse-lhe ella, um dia, de subito.

— Que é isso? — perguntou-lhe elle, assombrado, pois era a primeira vez que a ouvia citar um poeta.

"Ce voyageur ailé comme il est gauche et veule!
Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!"

— Onde leste esses versos? — perguntou-lhe, cada vez mais maravilhado por essa cultura insuspeitada.

— Quem nos recitou foi o sr. Bibolesco, um Rumeno que mora neste mesmo hotel.

* * *

Alguns dias depois, ao regressar a casa, não a encontrou mais. Partira para destino ignorado com um grande poeta rumeno, cujos versos não haviam sido ainda reduzidos, nem para o inglez, nem para o francez, nem para o allemão, e nem siquer publicados em rumeno, porque antes de se tornar conhecido na Rumania elle preferira ser celebre em todos os outros paizes da Europa.

Abandonado por aquella mulher, cumpriu um acto eminentemente feminino: comprou muitos trajes, uma mala e partiu para esquecel-a.

Não foi necessario fazer uma longa viagem para isso, pois na estação de partida já nem se lembrava quasi da Viennense ardente e volúvel. Para lhe completar a cura contribuiu uma viajante que occupava, com elle, uma cabine. A viajante era uma ingleza loura que se dirigia a Taormina, com o proposito de se embriagar de hellenismo e de sol.

Até elle se embriagou de hellenismo, de sol mediterraneo e de loura ingleza por algumas semanas, até que a loura ingleza resolveu proseguir pelo Nilo, as Pyramides e o deserto.

— O Egypto antigo — confessou elle — não me interessa. — Os antigos egypcios trabalharam a vida inteira para construir um tumulo, como nós trabalhamos a vida para construir uma casa.

— Mas eu lhe proponho ir ao Egypto moderno — insistiu a ingleza.

— O Egypto moderno — replicou elle — é um cabaret em um cemiterio.

— Bem; volte então para o seu Paris, que é um cemiterio em um cabaret.

E nunca mais se viram.

Um dia, a viennense regressou, supplicando-lhe que a recolhesse novamente e a perdoasse.

— Não, minha querida — respondeu-lhe elle, sem aspereza; — não sou como aquelles anachoretas que, a cada mal que lhes cahia sobre as cabeças, davam graças a Deus pela nova prova a que os submettia sua propria fé.

Então, a viennense engoliu dez pastilhas de veronal, convencida de que para morrer são necessarias vinte. No emtanto, as dez foram sufficientes.

Elle teve outras amantes: mulheres que o amaram por curiosidade, por aborrecimento, por vicio, sem motivo, para experimentarem o prazer do peccado, ou porque sua fama de homem feliz com as mulheres o induziam a indagar, directamente, as razões dessa fortuna. Deixou-se amar sem enthusiasmo, incitado por um insaciavel desejo de novidade; mas, cohibido pelo receio de se apaixonar, aprendeu a suprema arte de interromper o amôr, no momento perigoso, quando a mulher começa a ser um costume, e conquistou o suave martyrio de desapparecer quando desejaria permanecer junto a ella toda a vida. Os hoteleiros inventaram um engenhoso systema de contabilidade, pelo qual a conta é preparada em qualquer momento para os amantes que partem bruscamente. Se os outros amantes fazem as malas ao expirar da paixão, elle as tinha sempre promptas para partir de madrugada.

Um dia declarou:

— Algumas mulheres disseram-me que sim; outras me disseram que não; mas mulher alguma jamais teve de pedir-me que não insistisse.

(Continúa na pagina seguinte)

O INCENDIO

(CONTINUAÇÃO)

Todos os homens, uns mais, outros menos, sabem escolher o momento de abordagem; poucos o momento de partir. Elle era destes. Habilissimo na arte de conquistar mulheres, foi mais hábil na de reconquistal-as: conquistar uma mulher é fácil, mas a reconquista é um virtuosismo do sentimento, é o acrobatismo da psychologia, é a algebra superior do amôr. Suas antigas amantes permanesceram amigas. Cada uma lhe deixou uma sensação de insatisfação, que é a contrasenha para a volta, e os insatisfeitos chegam algumas vezes a ignorar o nome ou o estado civil, ou a voz, porque falavam para elle em uma linguagem desconhecida.

Cada aventura nova procura-lhe outras aventuras; cada amôr, outras possibilidades de amôr. Os homens felizes com as mulheres são como os hypnotizadores de café-concerto, que não conseguiriam sequer hypnotizar o "compadre" se não viessem precedidos pela reclame e pela fama das pupillas fascinadoras. Nesse mais complexo phenomeno de hypnose reciproca, que é o amôr, a auto-suggestão é, sem duvida, um factor coadjuvante; talvez uma causa efficiente. E' raro que uma mulher resista á fascinação de um seductor de alta escola, de um d. Juan reconhecido. E' raro que uma mulher, quando se atreve a fazer mil kilometros em estrada de ferro para conhecer um musico ou um escriptor que lhe sacudiu os nervos, ao vêl-o o considere inferior ao que imaginára e não se entregue a elle. O d. Juan conquista a mulher por aquella que a precedeu. Quando a série se quebra, tudo terminou para elle: póde dedicar-se á cultura do bicho da sêda, ao melhoramento da raça de coêlho, á pesca a dynamite, mas não sonhar com uma nova aventura de amôr.

Sua existencia transcorre amando muito, depois de não amar nunca. Fazia sahir o indice numerico de suas mulheres para descer o nivel de suas paixões. Com os annos sua fascinação não decahiu; transformou-se. Aos quarenta e cinco era um homem "ainda" joven; aos cincoenta, um homem "ainda" interesante; aos cincoenta e cinco, um homem "ainda" possivel.

Um dia, porém, uma de suas amantes lhe disse:

— Se encontrássemos algum conhecimento meu, permittes que te apresente como meu tio?

Era o inverno que se annunciava.

Outro dia, outra amante do elle, ao sahir de um restaurante nocturno, lhe dizia as palavras mais ternas, tratando "tu", ella lhe respondia tratando de "senhor".

Eram os primeiros frios.

Outro dia, em um carro do tro", uma mocinha sentada canto ergueu os olhos e fitou-o. Automaticamente, levou a mão á gravata certificar se o laço estava feito, e com a outra ponta do lenço de sêda que sahia do bolso; a mocinha tou-se, e indicando, com o o logar desoccupado por disse-lhe:

— Sente-se, cavalheiro.

Comprehendeu, então, que gára o inverno.

Renunciou aos adornos ás gravatas berrantes, aos péos claros; substituiu cujo por um bem equilibrado de oculos; dedicou-se a jogar minó e a ler "Le Temps". rou-se para um apartamento quillo na tranquillidade da dos Vosges, e pôz em ordem affectuosa diligencia, em um de armario antigo de teleira, todas as suas recordações sentimentaes: rolhas de pagne", fitas femininas, cachos de cabellos, fivelas patos, frasquinhos vazios motos, nomes romanticos soir ou jamais", "L'heure "Me voici", "prend-moi" nhos que seccaram lagrimas malhetes de flôres sêccas, turas, lapis de carmin, luvas de todo tamanho, livrinhos sos, photographias de outros pos em trajes de modas (a moda torna suavemente culas as recordações), adeus, telegrammas desesp calendarios cheios de signaes nemes, programmas de avisos de fallecimentos, de cabarets, musicas de que não se cantam mais

Todo mundo — até os que riem desta idolatria do — tem em um canto da pequeno museu Carnavalet.

Um dia, um joven amigo foi visitar o introduziu-o a lhe a vida.

— Você é — disse-lhe aventureiro da paixão suas aventuras por terra e mar.

Elle respondeu:

— Meu amigo, toda a minha periencia se resume neste lho: rapaz, case antes dos e cinco annos; case depressa tes de conhecer as mulheres outro modo não casará

Abriu o velho movel dor de suas paixões. As estavam dispostas em cinco

letras e cada uma com seu cartãozinho. Tornou depois a estirar-se sobre um divan e, olhando os documentos do passado, como para evocar uma época distante e um horizonte incerto, e para ordenar as idéas, disse:

— Entre amores fixos e aventuras, isto é, entre mulheres que amei durante annos e mulheres que amei durante dias, cheguei a calcular quinhentas. Bem; algumas vezes, em certos momentos de solidão, tive a idéa de me casar. Mas não o fiz. Casar-me? — disse de mim para mim. Quando se teve, entre aventuras passageiras e amores estaveis, algumas centenas de mulheres, a mulher não exerce mais a fascinação da novidade. Alguma me agradou por algum detalhe e me foi indifferente por outros, ou por alguns me foi simplesmente agradavel. Todos os typos de mulher me passaram pela existencia; mulheres intelligentes que foram companhias encantadoras; lourinhas inexpressivas a principio, mas insupportaveis depois; seres equilibrados e imperturbaveis como paginas de philosophia; cabecinhas desordenadas como o vento e caprichosas como as cascaveis; inexperientes como experiencias de prestidigitação, ou logicas como professores de mathematica; sentimentaes até o mysticismo ou sensuaes até o vicio; enthusiastas até a loucura ou passivas até a catalepsia; mulheres que me anesthesiaram com uma caricia ou me desesperaram com um olhar; pequenas loucas doceis, e ás quaes fazia esperar; nobres mulheres austeras, notoriamente intangiveis; creaturas que tinham na epiderme crystaes de radio e que somente ao tocal-as estremeciam; bellezas europeas, cujos corpos nada me diziam; mulheres que possuiram a grande habilidade de tornarem-me insensato; outras quasi immateriaes, que me offereceram uma hora de amôr em uma côrte de appellação; outras que revelaram todo o seu ser em poucos minutos; outras que souberam conservar o mysterio durante muitos annos e que, no momento da despedida, me revelaram algum detalhe de sua vida, de seu espirito, de seus sentidos, que me era ainda desconhecido. Cada uma dellas era differente da outra, mas creio haver possuido um exemplar de cada categoria. Pois bem; meu amigo, quando se admira tão grande experiencia, quando a classificação foi completa (e dizendo isto, indicou com a bengala as prateleiras do armario antigo); quando nosso insectario de mulheres contem um coleoptero de cada especie e um cartãozinho com numeros progressivos para cada coleoptero, julga que um homem possa casar? Ante o problema do matrimonio, nós nos respondemos a nós mesmos: Não achei o ideal até hoje. Posso illudir-me imaginando que o ideal seja a mulher que casar commigo? Destas quinhentas mulheres, com qual casaria, se pudesse escolher? Com nenhuma. E não encontrei o ideal entre quinhentas, por que suppor que o ideal seria a quinhentas e uma? Não ignoro que a esposa eventual seria magra, subtil, loura, sentimental, leitora de Rollinat, apaixonada por Beethoven, apreciadora de pastilhas acidas, como a finlandeza que conheci no Mar do Norte e que me abandonou porque em um theatro de Ostende espirrei durante a "Nona Symphonia"; teria a numeração com o numero 71. Ou seria um pouco altiva, capriciosa, ardente, mas sedentaria, apaixonada e sempre disposta ao pranto, avida de ostras e de carnes sanguinolentas, como a de numero 183. Ou será como a ultima, uma loura de vinte annos que com sua voz e seus cabellos tornava festiva minha casa, como se a enchesse de sol e de canarios. Ou será taciturna como a 119, a veneziana pallida que nos museus acariciava os joelhos das estatuetas e discorrendo desenhava no ar as formas, com o pollegar, como se modelasse? Ou será como a 18, uma vienneza que se apaixonou por mim porque após o incendio da Bibliotheca do Instituto de Artes e Officios viu meu retrato nos jornaes?

O joven não comprehendia. Pedia explicações. O velho sorriu e narrou o episodio da esquina da rua Lafayette, o incendio inexistente, o fim de sua carreira. E accrescentou:

— Quando não se é mais joven, ha outros motivos para explicar a razão por que não nos casamos mais. Mão grado a ameaça da velhice solitaria, um homem não se casa porque, envelhecendo, tem necessidade de conquistar sempre outra mulher, attrahido pelas illusões do desconhecido, das bellezas differentes, das sensações ignoradas, das emoções não vividas. A's vezes, repelli mulheres que me agradavam, com as quaes era feliz, para ir á procura do incerto e do imprevisto. Quando envelhecemos julgamos que as conquistas são o indice de uma juventude sobrevivente. Illusão! Ainda conquistamos mulheres sem sermos jovens; podemos conquistar mulheres aos setenta annos...

(Continúa no proximo numero)

(Continuação do numero anterior)

Felizmente, as trez balas foram-se cravar no tecto do aposento, pois o mancebo tinha-lhe segurado a mão a tempo de desviar a pontaria.

Neste instante appareceram os creados, e Harry viu que nada mais podia fazer.

Uma idéa atravessou-lhe rapidamente o cerebro. Era preciso salvar os documentos, custasse o que custasse.

Aproximou-se da janella, abriu-a de par em par, e gritou com toda a força dos seus pulmões.

— Soccorro! Policia! Soccorro!

"Ha ladrões em casa! Soccorro!"

Olhando para a rua teve a agradavel surpreza de ver dois agentes que passavam precisamente nessa occasião.

— E' uma esperteza de rato! gritou Lola aos creados.

"Já se viu alguma vez o proprio gatuno chamar pela policia?

O que o

(SHERLOCK HOLMES

"O maroto quer simplesmente preparar a fuga ... engana-se redondamente.

"E' preciso guardar todas as portas, de forma a cortar-lhe a retirada, caso elle tente sahir!"

Mas não era essa a intenção de Harry.

Cruzara os braços sobre o peito e encostara-se á janella, contemplando aquella scena com um s... nos labios.

Agora tinha desapparecido do seu espirito todo o encanto com que o influenciara aquella formosa creatura. Não via nella mais que a criminosa, que a todo o custo era preciso desmascarar.

Os dois policias batiam precipitadamente á porta.

Os creados foram abrir, e conduziram-nos ao boudoir de Lola.

— Que se passou? disse um delles. Ouvimos gritos de soccorro... parece-me que se trata de um assalto de gatunos...

— Muito obrigada por terem acudido immediatamente, meus senhores, disse Lola. Sou eu a dona da casa.

"Aquelle homem introduziu-se aqui sob um nome falso, e tentou roubar-me esta noite.

"Surprehendi-o em flagrante, precisamente no momento em que elle ia arrombar a minha secretária. E' possivel mesmo que a tenha arrombado.

— Está vestido de maneira muito singular, ... mau um dos policias. Não traz senão um fato de ... lha preto!

— O que tem a responder á accusação desta senhora? perguntou o outro.

— Essa senhora tem toda a razão, respondeu ... fleugma Harry Taxon.

"Tentei roubal-a, e agora só peço que me conduzam á estação.

— E' um gatuno singular, murmurou um dos agentes abanando a cabeça.

"Nunca vi nenhum ladrão pedir formalmente que o conduzissem ao calabouço.

"Bem. Em nome da lei, está preso. Queira acompanhar-nos.

Os dois policiaes collocaram-se aos lados de Harry, que não offereceu a menor resistencia.

— Alto! exclamou de repente Lola Bontou. "Queiram ter a bondade de o revistar na minha presença. Tenho interesse em saber que objectos me foram roubados..."

— E eu protesto energicamente contra o facto de ser revistado neste local, interrompeu Taxon com energia.

"Prestar-me-ei de boa vontade na estação a essa formalidade.

"Estou no meu pleno direito. Só o senhor commissario de policia tem autoridade para me revistar.

— Lá nisso tem razão, respondeu um dos policias cofiando a barba. Vamos leval-o immediatamente á presença do commissario. Bem, vamos embora...

"Boa noite, minha senhora, queira dormir descançada; o homem está seguro, e com certeza que ninguem lhe queria estar na pelle..."

Desceram a escada, com Harry Taxon prudentemente agarrado pelos braços e encontraram-se em breve na rua.

Pelo caminho, o mancebo pensava no partido que podia tirar da sua situação.

Objectos de valor não lhe encontrariam de certo quando fosse revistado. O peor era a caderneta da carteira.

Berço dá...

(Por CONAN DOYLE)

Esses objectos é que lhe seriam tirados immediatamente.

Que fazer? Declarar toda a verdade? Confessar que era discipulo de Sherlock Holmes, e que se encontrava na execução das ordens do mestre?

Seria o meio mais simples.

Immediatamente appareceria Sherlock Holmes e explicaria os factos.

Mas Harry conhecia sufficientemente o mestre para saber que enorme contrariedade esse facto não representaria para elle.

Entregara nas mãos da policia official um caso que tinha quasi completamente esclarecido á custa do proprio esforço.

Resolveu por isso calar-se e esperar pacientemente os acontecimentos.

Por fim Holmes saberia da tentativa de roubo em casa de Madame Bontou; e elle resolveria o que havia de fazer.

O peor eram aquelles dias de prisão, mas Harry tinha a consciencia tranquilla, e a satisfação de ter cumprido rigorosamente o seu dever.

Finalmente foi conduzido á presença do commissario.

Os agentes relataram pormenorizadamente o caso, e o interrogatorio começou em tom severo:

— O nome?

— Não sei.

— Homem, você é capaz de affirmar que não conhece o seu nome?

"Percebo. Pretende representar um papel mysterioso. Continúo, repito a pergunta: que é e o que pretendia fazer em casa de Madame Bontou?

— Não sei absolutamente nada, respondeu Harry Taxon. Faça de mim o que quizer, senhor commissario.

— Traz vestido um "fato sombrio", murmurou o commissario. É um novo invento de que se servem os gatunos para se introduzirem de noite nas casas que pretendem roubar.

"Parece que pertence á gatunagem da peor especie. Bem, amanhã será photographado, e enviaremos o seu retrato a todas as autoridades. Não tardaremos assim em saber quem é o "melro".

"Tirem-lhe o sacco que elle traz pendurado á cintura.

Os agentes cumpriram a ordem do commissario sem encontrar a mais leve resistencia.

Foram collocando successivamente sobre a meza as gazúas, chaves falsas e limas em que consistia o conteúdo do sacco.

— Cá temos a ferramenta completa, disse o commissario rindo.

"Bem, não precisamos de mais provas.

"Esperem! Ainda ha aqui alguns objectos!

"Um livrinho de matricula de uma desgraçada, provavelmente a amante do gatuno, e ainda... uma carteira velha, completamente vazia.

"Bem, conduzam-no ao calabouço.

"Amanhã o juiz de instrucções encontrará meio de o fazer falar..."

Eis como Harry Taxon foi enclausurado nas prisões de Paris.

CAPITULO VII

CONVERSAÇÃO AO TELEPHONE

Sherlock Holmes abandonára o hotel onde se tinha installado sob o nome de coronel Lincoln e desapparecera subitamente.

Agora morava o celebre criminalista na rua St. Martin na pequena casa de hospedes intitulada "Hospedaria do Sol", frequentada em regra por gente de baixa condição.

Chamava-se alli o sr. Raleigh, commerciante de Londres, vindo a Paris para tratar de negocios.

No dia seguinte, á mesa do almoço, acabára de accender o cachimbo e passava pela vista um jornal da manhã.

Mas apenas começara a ler, soltou uma exclamação de surpreza.

— Diabo! Não póde ser outra cousa... Harry Taxon foi preso. Não me resta a menor duvida...

"O homem a quem se refere esta noticia não póde ser outro senão o meu discipulo".

(Continúa na pagina seguinte)

O artigo em questão referia-se a uma tentativa de roubo feita em casa de Madame Lola Bonton na rua do Jardim.

"Parece, dizia o jornal, que este crime foi preparado com bastante antecedencia, visto que um "escroc", sob o falso nome de coronel Lincoln — sou eu, murmurou Sherlock Holmes — conseguiu entrar nas melhores relações com a dona de casa.

"Pouco depois apresentou-se com um sobrinho, um joven inglez de excellente aspecto que se intitulara Lord Dunford.

"O coronel Lincoln pediu a Madame Bonton, pretextando uma viagem de negocios a Londres, que désse hospitalidade a seu sobrinho, visto que o "esperançoso" rapaz conta apenas dezesseis ou dezesete annos.

"Esta senhora teve effectivamente a amabilidade de acceder ao pedido, e o pretendido lord hospedou-se hontem em sua casa.

"A primeira noite que ali ficou, pretendeu o joven "aristocrata" introduzir-se no "boudoir" da dona da casa, vestido com um fato conhecido pelo nome de "fato sombrio", afim de arrombar a secretária.

"A tentativa porém, malogrou-se, pois Madame Bonton, que allia a uma extraordinaria formosura uma coragem verdadeiramente rara, surprehendeu o gatuno em flagrante, e obrigou-o, de revólver em punho, a esperar a chegada da policia, que effectuou a prisão do criminoso.

"As autoridades procuram activamente o cumplice que se intitulava coronel Lincoln, e é sem duvida o autor do plano. Queira Deus que em breve fiquemos livres destes dois ladrões internacionaes".

Sherlock Holmes pousou o jornal e sacudiu a cinza do cachimbo.

— Bem murmurou elle sorrindo. As autoridades procuram-me activamente... Vamos lá facilitar a tarefa da policia, pois sei perfeitamente que nunca me encontrará, se eu proprio não me apresentar... Senhor Meunier!

O dono da casa appareceu acto continuo.

— A's suas ordens, sr. Raleigh. Que deseja?

— Ha telephone cá em casa?

— Sim senhor, no quarto contiguo, á direita...

— Muito obrigado, respondeu Holmes, levantando-se e dirigindo-se para a porta.

Dahi a instantes, com o auscultador no ouvido, o policia falava, indicando para o apparelho:

— Hallô! Hallô! Faça favor de ligar com a prefeitura... Está lá?... Muito obrigado. Quem fala? Faz obsequio de chamar o agente Augustin ao telephone... Sim senhor, eu espero. Queria dizer-lhe que se trata de um negocio de grande importancia...

— Aqui, prefeitura de policia, agente Augustin. Quem fala?

— Coronel Lincoln, respondeu Sherlock Holmes.

— Quem?

— Coronel Lincoln, um dos "escrocs" interna-cionaes...

— Deixe-se de brincadeiras com a autoridade...

— Não é brincadeira, sr. Augustin. Tenha a bondade de vir immediatamente á Hospedaria do Sol, rua de St. Martin, e aqui encontrará o coronel Lincoln, hospedado sob o falso nome de Raleigh, commerciante de Londres...

A campainha do telephone vibrou, como se Augustin quizesse despedaçar o apparelho.

Holmes voltou á sala de jantar, e chamou novamente o dono da casa.

— Traga-me um calice de vinho do Porto, e, se alguem vier procurar-me queira mandar entrar para aqui.

Não foi preciso esperar muito.

Uma carruagem parou em frente da hospedaria, e o agente Augustin, acompanhado por tres policias, apeou-se precipitadamente.

Os quatro homens irromperam no vestibulo, perguntando:

— Mora aqui o commerciante Raleigh, de Londres?

— Mora, sim senhor, respondeu o dono da casa inquieto á vista da policia. Mas... ha alguma novidade? Está na sala de jantar a beber vinho do Porto...

— Tão á vontade? exclamou Augustin. Pois não lhe hade durar muito esse socego...

Então ordenou aos tres policiaes que esperassem ali e não deixassem sahir nem entrar ninguem.

Em seguida abriu violentamente a porta da sala de jantar.

Holmes estava sentado em frente do seu calice, com a cabeça propositadamente encostada ás mãos, pois não queria ser immediatamente reconhecido.

Augustin entrou, pouzou-lhe solemnemente a mão no hombro e exclamou:

— Em nome da lei, coronel Lincoln, está preso!

— Muito obrigado, respondeu Holmes, levantando a cabeça. Estou muito satisfeito comsigo. Não imagina quanto estimo de o ver aqui...

— Homem... Holmes, é o senhor!

— Em carne e osso!

— Então quiz apenas pregar-me uma partida para attrahir-me aqui, para rir-se á minha custa? E eu que suppunha vir realisar a prisão do coronel Lincoln!

— O coronel Lincoln está na sua frente, respondeu Holmes, levantando-se e apertando cordealmente a mão do agente.

"Sou eu coronel, e o gatuno que esta noite foi preso em flagrante delicto de arrombamento em casa de Madame Bonton, é apenas o meu discipulo Harry Taxon...

Augustin começou a perceber tudo.

Reflectiu um instante, e dirigiu-se á antecamara, ordenando aos seus agentes:

— Podem retirar-se. Não ha mais nada que fazer aqui. Sabe, meu Sherlock Holmes, continuou Augustin, que me pregou uma valente peça... Mas deixal-o. Suspeito que ha qualquer dos seus planos extraordinarios em execução.

"De resto, como o rapaz da rua do Jardim não é outro senão o seu discipulo Harry Taxon, sempre lhe darei uma novidade que o deve interessar.

"Quando o prenderam, foram-lhe encontrados dois objectos que são para nós absolutamente mysteriosos.

— Sim ? exclamou Holmes com interesse. E o que era ?

— A caderneta de matricula de uma mulher perdida. Esse livrinho tem o nome de Lola Carousse.

Holmes abriu desmedidamente os olhos e ficou um momento silencioso.

— Lola Carousse, disse o meu amigo ? Espera ! Não se chamava Carousse aquelle trapeiro que ha cinco annos na madrugada de 8 de agosto, foi encontrado morto no boulevard Haussmann ?

— Holmes, o senhor tem excellente memoria ! Admiro tanto mais, quanto o facto a que se refere é profundamente exacto.

"Effectivamente o homem chamava-se Carousse e, como tive occasião de ver nos registros da policia, a filha delle, Lola, estava matriculada e exercia o seu degradado mister em Paris.

Holmes começou de repente a esfregar as mãos como um menino, vermelho no auge do contentamento, e assobiou uma melodia conhecida.

— Havia ainda outra coisa na bolsa de Harry Taxon, continuou Augustin!

"Era uma carteira de couro da Russia usada de dimensões pouco vulgares, no fôrro da qual consegui ler, em letras de ouro meio apagadas, o nome de Benny X Fouquiès...

Sherlock Holmes deu um salto, precipitou-se sobre Augustin e abraçou-o com effusão.

— O senhor é um homem precioso, Augustin, e as suas informações não se pagam com dinheiro ne...

Lola Carousse, a mulher perdida, filha do trapeiro Carousse e a carteira de ouro da Russia — Sabe acaso o que isto significa, Augustin ? Está desvendado o mysterio!

CAPITULO VIII

O PRISIONEIRO

No mesmo dia em que tivera logar esta conversação na Hospedaria do Sol, quando o sino de Notre Dame batia onze horas da noite, uma mulher envolta num amplo manto atravessava as viellas de Paris.

Era uma capa de vil preço, como era egualmente ordinario o pequeno chapéo, galantemente pousado sobre uma cabelleira fulva.

A mulher apressou o passo até chegar ao arrabalde Batignolles, esse bairro parisiense onde a miseria vive a par do crime.

Em frente de uma casa de modestissima apparencia, parou. Olhou ainda prudentemente para ver se não era observada, e entrou sem fazer ruido.

Como um phantasma, deslisou atravez do pateo, cheio de entulho e de lixo, e parou em frente de uma porta de ferro, que segundo as apparencias, conduzia ao subterraneo.

Então tirou uma chave da algibeira, tornou a olhar em volta e abriu resolutamente a porta.

No mesmo instante, de dentro de uma pipa encostada a um canto do pateo surgiu uma cabeça, e dois olhos claros onde brilhava um clarão de triumpho, seguiram a mulher, que accendia nesse momento uma pequena lanterna de furta fogo.

Em seguida desceu alguns degraus de uma escada infecta e parou quasi ao fundo.

No subterraneo havia montes de lixo e de cacos, ferros velhos, substancias em decomposição.

Ella levantou a lanterna de forma a illuminar a parede fronteira do subterraneo. Ouviu-se um tinir de cadeias de ferro e um rugido surdo como o de uma fera acorrentada.

— Filhinho! Ainda está vivo? segredou ironicamente a mulher, cujos cabellos fulvos apresentavam á luz da lanterna o aspecto de chammas.

"Meu pequeno Mauricio. Dança mais um bocado... gosto tanto de ver dançar os ursos..."

— Mulher maldita ! privou uma voz com expressão de horror.

Dir-se-hia uma creatura sobrenatural, um monstro sem forma humana que pronunciara aquellas palavras.

— Quero morrer, mulher! continuou a voz do subterraneo, quero morrer mas antes disso quero rasgar o teu corpo em pedaços, quero desfazer a tua carne fibra por fibra...

— Queres despedaçar o meu corpo, Mauriciosinho ? Despedaça-te a ti mesmo com as unhas, filho; bate com a cabeça nessas paredes... Para que tiveste a imprudencia de descobrir o meu segredo ? Para que quizeste metter-te na minha vida ? para que me ameaçaste ? para que tentaste trahir-me ?...

— Infame ! rouquejou o vulto, erguendo-se do chão. Enventuaste a minha vida...

"Ha um anno ! Não, não ! ha dez annos com certeza que me tens preso a estas cadeias, que o teu amante, o ferreiro, me soldou aos pés. Foste tu que

(Continúa na pagina seguinte)

lh'o ordenaste. Sabe Deus se já te desfizeste tambem delle."

—Estás doido! tornou a mulher.

"O ferreiro recebeu a paga do seu serviço, e partiu para a America.

"Que lá tenha morrido de febre amarella, não é culpa minha.

Mas hoje venho trazer-te de comer, continuou a infernal creatura.

"Toma! Ahi tens a ração... Apanha, homem, toma; deves ter fome..."

Tirou de sob o manto alguns pedaços de carne e arremeçou-os como faria um domador de feras.

O vulto de cabellos crescidos, cujo rosto medonho era agora illuminado em cheio pela luz da lanterna, precipitou-se avidamente sobre os pedaços de carne, como o faria um cão esfaimado preso a uma corrente.

Havia muitos dias que lhe tinham levado de comer.

—Devora! exclamou a mulher, rindo. Come filho. Hoje o teu jantar foi a morte, Mauricio, porque a carne estava envenenada.

N'este momento ouviu-se uma voz solemne.

—Em nome da lei, Lola Bonton, está presa com assassina.

"E' accusada de ter morto seu pae e seu marido".

Lola voltou-se e soltou um grito terrivel.

Na sua frente estava Holmes, hirto, como a propria estatua da lei.

Atraz do celebre policia viam-se alguns agentes que impediam completamente a sahida.

—Perdida!! rugiu a mulher fulva.

Quiz recuar. De repente deu um passo em falso, e o seu corpo lindo de mulher rolou até ao fundo do subterraneo.

—Tenho-a agora! uivou o prisioneiro com satisfação selvagem.

Dum salto, o homem acorrentado precipitou-se sobre o corpo de Lola, e ergueu-o acima da cabeça com força sobre humana.

Lola quiz gritar, quiz ainda soltar-se daquellas garras a que a séde de vingança tinham dado a resistencia de aço, daquellas unhas que se lhe cravavam dolorosamente na carne.

Era tarde.

Antes que Sherlock e os agentes podessem impedil-o, o homem arremeçou o corpo com indizivel furia contra o pavimento de granito.

O craneo da mulher despedaçou-se de encontro ás lages, e as tranças louras jaziam agora no chão, ensopadas num lago de sangue.

—O prisioneiro acaba de exercer a sua terrivel vingança, disse Sherlock. A mulher perdida não poderá já comparecer ante a justiça dos homens...

Esta scena passara-se no subterraneo onde annos antes morava o tio Carousse.

Mauricio Bonton foi immediatamente liberto das cadeias que o acorrentavam. Mas estava moribundo quando o trouxeram para o ar livre.

O infeliz teve apenas tempo sufficiente para contar a sua vida a Sherlock Holmes.

Na sua adolescencia, apertado pelas dividas, assassinara Jacques Girardin depois de o ter attrahido a uma cilada.

Para evitar toda a suspeita de crime pendurara o empregado a uma trave, afim de fazer suppôr que se tratava de um suicidio, e roubara a carteira com 500.000 francos.

Depois andara toda a noite pelas ruas de Paris, e pouco antes da madrugada, tomado de horror, atirara a carteira com o dinheiro para um monte de lixo, á esquina de um boulevard.

Ahi fôra encontral-a o tio Carousse. O resto já sabem-n'o os leitores, ao ler o primeiro capitulo da novella.

Mauricio Bonton encontrara mais tarde a criminosa em Ostende, apaixonara-se por ella e acabara por fazel-a sua mulher.

E' claro que um casamento d'esses devia forçosamente terminar mal.

Lola tentou desfazer-se do marido logo que este lhe tornou incommodo, e mandara-o acorrentar no subterraneo do tio Carousse.

Sherlock Holmes porém, graças ao seu extraordinario espirito deductivo, e á sua incomparavel energia, para a qual não havia obstaculos, conseguira descobrir a verdade no meio d'este intrincado caso.

D'essa fórma rehabilitou a memoria do honrado Jacques Girardin, e vingou o pobre velho, o tio Carousse — o trapeiro de Paris.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

Os moedeiros falsos de Sheffield

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THEOPHILO BARBOSA
SECRETARIO: Gustavo Barroso — Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Levindrey, Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill — Londres.

Venda avulsa .... 1$0
Numero atrazado ..... 1$5

Os Romances de Fon-Fon

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que admiravelmente liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. A descriminação abaixo está na ordem de leitura.

	Preço	Pelo Correio
FAUSTA — 10 fasciculos	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasciculos	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos	8$000	9$600
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
CAPITAN — 14 fasciculos	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasciculos	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasciculos	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasciculos	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasciculos	3$500	4$200
HEROINA — 14 fasciculos	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasciculos	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasciculos	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasciculos	4$500	5$400
O RIVAL DO REI — 7 fasciculos	3$500	4$200
PASSAVANT — 9 fasciculos	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasciculos	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasciculos	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasciculos	2$500	3$000
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasciculos	6$500	7$800

Pedidos á Empreza

Fon-Fon e Selecta S/A

Rua Republica do Perú, 62 - Rio

TELEPHONE: 2-4136